

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA COGNITIVA

ANA CAROLINA FERREIRA DE SOUZA

**Mediadores na Memória Reconstitutiva: Uma Análise da
Rememoração do Texto Jornalístico**

Recife

2016

ANA CAROLINA FERREIRA DE SOUZA

**Mediadores na Memória Reconstitutiva: Uma Análise da
Rememoração do Texto Jornalístico**

Dissertação apresentada à Pós-Graduação em
Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de
Pernambuco, como parte dos requisitos para
obtenção do Título de Mestre em Psicologia
Cognitiva.

Área de concentração: Cultura e cognição

Orientador(a): Prof^a Dr^a Maria C. D. P. Lyra

Coorientador: Prof. Dr. Brady Wagoner (Aalborg
University, Denmark)

Recife

2016

Catálogo na fonte

Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB4-1291

S729m Souza, Ana Carolina Ferreira de.
Mediadores na memória reconstitutiva : uma análise da rememoração
do texto jornalístico / Ana Carolina Ferreira de Souza. – 2016.
129 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria da Conceição Diniz Pereira de Lyra.

Coorientador: Prof. Dr. Brady Wagoner.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco.
CFCH. Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, Recife, 2016.

Inclui referências e apêndices.

1. Psicologia cognitiva. 2. Cultura – Aspectos psicológicos. 3.
Cognição e cultura. 4. Memória. 5. Semiótica. I. Lyra, Maria da Conceição
Diniz Pereira de (Orientadora). II. Wagoner, Brady (Coorientador). III.
Título.

153 CDD (22.ed.)

UFPE (BCFCH2016-28)

FOLHA DE APROVAÇÃO

Ana Carolina Ferreira de Souza

“Mediadores na memória reconstitutiva: uma análise da rememoração do texto jornalístico”

Dissertação apresentada à Pós-Graduação em
Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de
Pernambuco, para obtenção do Título de Mestre.
Área de concentração: Psicologia Cognitiva.

Aprovado em 25 de fevereiro de 2016

Banca Examinadora

Dra. Maria da Conceição Diniz Pereira Lyra

Instituição: UFPE

Dra. Ana Maria Jacó Vilela

Instituição: UERJ

Dra. Marina Assis Pinheiro

Instituição: UFPE

Aos meus pais Helena e Leobaldo.

AGRADECIMENTOS

À Infinita Misericórdia de Deus que me permitiu iniciar e concluir esta trajetória

À minha Mãe Maria Santíssima pela intercessão, proteção e zelo diários

Aos meus pais Leobaldo e Helena pela confiança e apoio

À Professora Dr^a Selma Leitão pela atenção e profissionalismo

Aos colegas do LabCCom Graciana Azevedo, Jandson, Marco, Tatiana Lima, Nathaly Ferreira, Tatiana Valério, João Tenório, Janicleide, Annaraí, Marina Austregésilo, pelos diálogos sobre a Psicologia Cultural

À, Tatiana Valério, Larissa Santana, Stefânio Amaral, Carolina Latore, Nancy Ramirez e João Tenório pelos diálogos, conselhos e apoio para qualificação do projeto que originou esta dissertação

À Ana Jacó, Luci Banks-Leite e Luciana de Conti pelas colaborações durante a qualificação do projeto que originou esta dissertação

Ao Professor Dr. Brady Wagoner pelos ouvidos atentos e conselhos metodológicos

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da UFPE pelo comprometimento com a ciência

Aos meus colegas do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, pelo companheirismo, especialmente, Larissa Santana, Stefânio Amaral, Nancy Ramirez, Carolina Larore, Lady Johana, Nathaly Ferreira, Mirela Ricarte, João Tenório.

Aos meus queridos vizinhos Izabel e Antônio pelas mãos amigas e portas abertas.

Ao CNPq pelo apoio financeiro.

À Neide, Bernadete e Fátima Santana, pelos conselhos preciosos durante esta jornada.

À Margarete, Juliana, E.Almeida pelo apoio durante a fase inicial do projeto.

Aos participantes desta pesquisa que com muita generosidade, paciência e boa vontade aceitaram colaborar com esta investigação.

E à Maninha (Maria Lyra), minha orientadora nesta dissertação e a quem faço agradecimentos especiais por tamanha sensibilidade durante a minha jornada de mestranda; pelo profissionalismo impecável; pela paciência para que eu definisse o tema e compreendesse um universo tão novo a quem veio da área de Comunicação Social; pela generosidade em dividir o seu tempo e sabedoria com quem está apenas começando, e, por fim, agradeço pelos ensinamentos acadêmicos e pessoais que levarei para a vida inteira. Obrigada do fundo do coração.

RESUMO

SOUZA, A.C. F (2016) “*Mediadores na memória reconstitutiva: uma análise da rememoração do texto jornalístico*”. Dissertação de Mestrado – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife-PE.

A recepção das mensagens midiáticas intriga pesquisadores desde os anos 20, quando as primeiras investigações foram esboçadas. Parte desse interesse recai nos estudos sobre a rememoração do conteúdo noticioso, que vem ganhando contornos variados e incorporando o conceito de esquema para a compreensão, principalmente, de quão acurada é a lembrança de determinado conteúdo. Muitos esforços foram feitos, mas ainda há uma lacuna referente as etapas do processo de rememoração integral, que compreende o que o sujeito é capaz de reconstruir em dado momento, valorizando as sucessivas transformações sofridas pelo conteúdo noticioso quando rememorado entre pares sociais. O presente estudo investiga microgeneticamente a rememoração de moradores da Região Metropolitana do Recife a respeito de uma matéria jornalística noticiosa local e para desenvolver a análise, parte de um caminho pouco explorado nesse campo de estudo, resgatando a proposta de memória reconstitutiva, que compreende a rememoração como um esforço para dar significado ao momento presente através da volta da pessoa que rememora aos seus próprios esquemas. Também filia-se à Psicologia Cultural Semiótica, campo de investigação interessado nos processos de construção de significados a partir da mediação semiótica. Participaram deste estudo 8 pessoas organizadas em duplas, que rememoraram de forma escrita e dialogada duas vezes o mesmo texto jornalístico. Como principais resultados, o estudo identificou a personalização das rememorações através das interligações de elementos oriundos da cultura pessoal e coletiva, compondo cenários de convencionalização e identificou que a rememoração da notícia envolvia dois níveis diferentes de mediadores, os quais foram chamados de Mediadores Primários e Mediadores Secundários, sugerindo uma organização hierárquica de mediadores socioculturais da memória.

Palavras-chave: Memória reconstitutiva. Psicologia Cultural Semiótica. Esquemas. Convencionalização. Mediadores socioculturais da memória.

ABSTRACT

SOUZA, A. C. F. (2016) "*Mediators in reconstructive memory: an analysis of remembrance of the journalistic text*". *Dissertation*. Federal University of Pernambuco, Recife-PE.

The reception of media messages has intrigued researchers since the 20s, when the first investigations were outlined. Part of this interest lies in the study of the recall of the news content, which is gaining different contours and incorporating the concept of schemata for understanding, especially, how accurate the memory of a certain content is. Many efforts have been made, but there is still a *gap* regarding the stages of full recall process, which understands what the subject is able to reconstruct at any given time, valuing the successive transformations undergone by the news content when recollected among social peers. This microgenetic study investigated what the residents of the metropolitan area of Recife recalled of a news story and develops the analysis from a relatively unexplored path in this field of study, rescuing the proposal of reconstructive memory comprising the recall as an effort to give meaning to this moment through turning round upon one's own schemata. We also join the Semiotic Cultural Psychology research field interested in the meaning construction processes arising from the semiotic mediation. The study included 8 people arranged in pairs, which remembered twice, through writing and dialogues, the same journalistic text. As main results, the study identified not only the personalization of recollections through the interconnections of elements that come from personal and collective culture, composing conventionalization scenarios but also found out that recalling the news involved two different levels of mediators, which we call Primary Mediators and Secondary Mediators, which suggests the existence of a hierarchical organization of sociocultural mediators of memory.

Keywords: Reconstructive memory. Cultural Psychology. Schemata. Conventionalization. Sociocultural mediators of memory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fluxograma dupla 01 com Mediadores Primários e Secundários.....	75
Figura 2 – Fluxograma dupla 02 com Mediadores Primários e Secundários.....	80
Figura 3 – Fluxograma dupla 03 com Mediadores Primários e Secundários.....	84
Figura 4 – Fluxograma dupla 04 com Mediadores Primários e Secundários	88

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Porcentagem de acurácia das reproduções escritas de cada dupla	52
Tabela 02 – Tabela de mediadores primários	63
Tabela 03 – Disposição dos Mediadores Primários e Secundários	67
Tabela 04 – Ocorrências de Mediadores Primários e Secundários da dupla 01	75
Tabela 05– Ocorrências de Mediadores Primários e Secundários dupla 02	80
Tabela 06 – Ocorrências de Mediadores Primários e Secundários dupla 03.....	84
Tabela 07 – Ocorrências de Mediadores Primários e Secundários dupla 4.....	88

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	14
1 ALGUNS PRINCÍPIOS DA PSICOLOGIA CULTURAL SEMIÓTICA	17
1.1 A noção de cultura para a Psicologia Sociocultural Semiótica	18
1.2 Mediação semiótica.....	19
1.2 Transmissão e reconstrução da cultura (unidirecionalidade e bidirecionalidade).....	20
1.4 Internalização, externalização e construção de significados	21
1.5 Distanciamento psicológico e memória	22
2 MEMÓRIA COMO RECONSTRUÇÃO	24
2.1 Algumas perspectivas e autores no estudo da memória	24
2.2 Metáforas sobre a memória: do armazenamento à construção.....	26
2.3 Estudos de Bartlett e a memória reconstrutiva	28
2.4 Desdobramentos dos estudos de Bartlett.....	30
2.5 Como se volta aos seus próprios esquemas? (turning around upon one's own schemata).....	32
3 ESTUDOS SOBRE REMEMORAÇÃO DO CONTEÚDO JORNALÍSTICO	35
3.1 Estudos sobre o papel dos elementos gráficos na rememoração do jornal impresso	35
3.2 Estudos sobre a rememoração do texto jornalístico noticioso.....	36
3.3 De volta aos esquemas segundo Bartlett	41
4 O PRESENTE ESTUDO	42
4.1 Objetivos	43
4.2 Participantes	43
4.3 Método	46
4.4 Procedimentos para construção de dados	47
4.4.1 Procedimentos para construção de dados a partir das reconstruções escritas: identificação de distorção e acurácia	48
4.4.2 Procedimentos para construção de dados a partir das transcrições: codificação de mediadores	49
5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	51
5.1 Convencionalização	51
5.2 Mediadores Primários	56
5.3 Mediadores Secundários: favorecendo a volta da pessoa aos seus próprios esquemas.....	59
5.4 Associações entre Mediadores Primários: agrupamentos	62
5.4.1 Agrupamento 1: Norma popular da língua portuguesa	63
5.4.2 Agrupamento 2: Norma padrão da língua portuguesa	64

5.4.3 Agrupamento 3: Geografia da Região Metropolitana do Recife	64
5.4.4 Agrupamento 4: Orientação afetiva	65
5.4.5 Agrupamento 5: Estratégias de crimes	65
5.4.6 Agrupamento 6: Padronização de quem comete crime	65
5.5 Mediadores Primários de cada agrupamento e ação conjunta entre Mediadores Primários e secundários	66
5.5.1 Mediadores Primários do agrupamento 1: Norma popular da língua portuguesa.....	68
5.5.2 Mediadores Primários do agrupamento 2: Norma padrão da língua portuguesa	69
5.5.3 Mediadores Primários do agrupamento 3: geografia da Região Metropolitana do Recife	70
5.5.4 Mediadores Primários do agrupamento 4: Orientação afetiva.....	71
5.5.5 Mediadores Primários do agrupamento 5: Estratégias de crimes.....	72
5.5.6 Mediadores Primários do agrupamento 6: Padronização do criminoso e suas ações:	73
5.6 Ação conjunta de Mediadores Primários e secundários em cada dupla	74
5.6.1 Dupla 1	74
5.6.2 Dupla 2	80
5.6.3 Dupla 3	84
5.6.4 Dupla 4	87
5.7 Um breve resumo do capítulo	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
REFERÊNCIAS	96
APÊNDICE A – Divisão da matéria para análise	104
APÊNDICE B – Imagem do site do Diário de Pernambuco	105
APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	106
APÊNDICE D – Questionário de hábitos midiáticos.....	108
APÊNDICE E – Transcrição dos diálogos da dupla 01	110
APÊNDICE F – Transcrição dos diálogos da dupla 02	116
APÊNDICE G – Transcrição dos diálogos da dupla 03.....	123
APÊNDICE H – Transcrição dos diálogos da dupla 04.....	127

APRESENTAÇÃO

O interesse sobre a relação entre o que diz a mídia e o que pensa o público foi primeiro explorada por Walter Lippmann, com o livro “Opinião Pública” em 1922 (Silva, 2005). Contribuições subsequentes foram dadas por Lazarsfeld (1940), identificando efeitos de curto prazo produzidos pela mídia no público (Morley & Brunson, 2005). Do período pós-guerra aos dias de hoje, encontramos ampla literatura interdisciplinar interessada em investigar esta relação e uma fração deste interesse está voltada para a rememoração do texto jornalístico noticioso.

Pesquisas da década de 70, por exemplo estavam muito interessadas em compreender os efeitos que gráficos e fotografias tinham para a rememoração da matéria jornalística impressa (Bexter & William, 1976; Elihu, 1977). Em meados da década de 70 vemos o predomínio de estudos influentes sobre processamento, compreensão e rememoração da matéria jornalística (Graber, 1988), tendo forte influência de estudos sociocognitivistas, mais notadamente van Dijk e Kintsch (1987). A popularização de meios digitais a partir da década de 90 deu novo fôlego às investigações, mesclando as novas mídias aos antigos temas como vemos no trabalho de Grabe, Kamhawi e Yegian (2009) sobre a rememoração de pessoas com diferentes escolaridades a partir de mídias impressas e digitais.

É inegável que o aprimoramento da produção noticiosa é um dos papéis dos estudos empíricos, pelo menos na área de comunicação, porém chama a nossa atenção que grande parte dos estudos aos quais tivemos acesso sobre rememoração de notícias estavam direcionados para o caráter acurado da rememoração, fazendo com que o foco estivesse no que exatamente era lembrado do texto. Os métodos das referidas pesquisas concentravam-se em categorizar as lembranças dos leitores em acuradas ou distorcidas, onde as distorções eram eliminadas das discussões dos estudos. Há, portanto, uma lacuna que diz respeito às etapas do processo de rememoração voltado para o sujeito-leitor, ficando para nós questões sobre o processo de rememoração integral, que compreende o que o sujeito é capaz de reconstruir em dado momento, e isso inclui “distorções”.

Se por um lado há a preocupação com o processo emissor-receptor e com o aprimoramento de técnicas de produção, por outro existe a vida cotidiana e o que os leitores fazem com as notícias que recebem. Inúmeras são as vezes que, por exemplo, numa conversa entre amigos, as mensagens recebidas da mídia são rememoradas e comentadas de forma “distorcida”, faltam detalhes ou mesmo outros assuntos são incorporados durante a fala. Mesmo com esses aspectos de “distorção”, a notícia faz parte da vida das pessoas colaborando

para suas ações dinâmicas no mundo e impulsionando atitudes reais em suas vidas. Isso porque do nascimento ao último suspiro os seres humanos criam um mundo particular (pessoal e único) através dos objetos e elementos presentes no ambiente imediato, cuidando para transformar o que é não familiar em familiar (Valsiner, 2014) e essas transformações tem sido percebidas, por boa parte das investigações como erros ou distorções.

Se tomarmos como exemplo extremo, o caso da transmissão radiofônica estadunidense de 1938, baseada no livro de H.G Wells “A guerra dos mundos” (1898), veremos que o critério para agir no mundo está relacionado às construções de significados ocorridas em dado momento. Na referida transmissão, a população estadunidense entrou em pânico acreditando se tratar de uma invasão marciana à Nova Iorque quando, na verdade, era uma brincadeira de Halloween simulando uma cobertura jornalística. Até que a informação correta fosse divulgada, as retransmissões do boato pelos populares geraram novos significados nos moradores, que os estimularam a agir através de sentimentos de medo ou com ações concretas se informando com outras pessoas, buscando ajuda e congestionando linhas telefônicas (Munzlinger, Ogliari, Galhotto & Perassi, 2013).

Diante do panorama que traçamos, resgatamos neste trabalho a proposta de Bartlett para uma memória que se adapta às demandas das pessoas e que opera a partir de uma massa organizada de influências diversas, permitindo a atribuição de significados ao momento presente. Nessa concepção a distorção ou erro é o aspecto-chave para compreender o processo através do qual o participante significa as lacunas que surgem na rememoração. A nossa intenção com este estudo é ampliar a compreensão do fenômeno da rememoração na perspectiva reconstrutiva a partir de um redirecionamento teórico compatível à proposta inicial de Bartlett, que considera os seres humanos como seres holísticos, integrados ao ambiente sociocultural e construtores de significados. Para isso nos filiamos ao campo da Psicologia Cultural Semiótica, campo de investigação interessado nos processos de construção de significados a partir da mediação semiótica, ou seja, da capacidade humana de utilizar dinamicamente os signos na construção de significados, constituindo e transformando os seus universos psicológicos.

A partir dessas duas bases teóricas, investigamos em nosso trabalho as maneiras que moradores da Região Metropolitana do Recife (RMR) rememoraram uma matéria jornalística local sobre uma greve de policiais militares e bombeiros em 2014. Evento que provocou uma onda de arrastões e saques cometidos por uma parcela da população, mudando a rotina da cidade com o encerramento de atividades em universidades, escolas, bancos e cancelamentos de eventos, como shows e jogos.

No **capítulo 01** trataremos dos princípios da Psicologia Cultural Semiótica usados em nossa investigação. Nele, consideramos que a recepção do conteúdo noticioso não é um processo passivo, mas ativo na construção de novos significados singulares e em constante troca com a cultura coletiva na qual esse processo ocorre.

No **capítulo 02** traçamos um panorama de estudos sobre a memória humana dando ênfase às propostas defendidas por Bartlett (1932) para o desenho de uma compreensão de memória reconstrutiva. Ao final do capítulo apresentaremos o estudo de Wagoner e Gillespie (2013), pesquisadores também filiados à Psicologia Cultural Semiótica, com o objetivo de apresentar ao leitor tanto uma aplicação do método que utilizaremos em nosso estudo, quanto a contribuição da pesquisa dos referidos autores para o campo de estudos da rememoração.

No **capítulo 03** apresentaremos algumas investigações filiadas aos estudos jornalísticos sobre a rememoração de notícias, com o intuito de apresentar ao leitor a necessidade de estudos que retomem os conceitos originais cunhados por Bartlett sobre a memória, assim como apresentar a nossa oportunidade de pesquisa.

No **capítulo 04** descreveremos o método utilizado por nós nesse estudo, inspirado no método de Wagoner e Gillespie com duplas. Nele apresentamos as nossas justificativas metodológicas, os participantes de nosso estudo e procedimentos de construção de dados e análise.

No **capítulo 05** apresentaremos e discutiremos os resultados obtidos em nossa pesquisa, dialogando com os achados de estudos anteriores, principalmente com os de Bartlett (1932) e Wagoner e Gillespie (2013). Destacaremos, a partir disso, uma nova proposta que sugere existir uma organização hierárquica de dois tipos de mediadores socioculturais da memória, que chamamos de Mediadores Primários e Mediadores Secundários.

1 ALGUNS PRINCÍPIOS DA PSICOLOGIA CULTURAL SEMIÓTICA

Psicologia Sociocultural é o campo de investigação interdisciplinar inaugurado nos anos de 1980, a partir da junção da Psicologia, Antropologia, Sociologia, História e Ciências médicas, visando o estudo de fenômenos psicológicos humanos, a partir de uma abordagem sócio-histórica (Valsiner & Rosa, 2007). Esclarecemos que o termo Sociocultural faz referência aos aspectos sociológicos (socio-) e antropológicos (-cultural) contemplados pela abordagem. Esclarecemos ainda, que a Psicologia Sociocultural difere da Psicologia transcultural, sobretudo porque a segunda se vale da homogeneidade qualitativa, atribuindo um caráter igualitário de características aos indivíduos (para posterior comparação entre aspectos grupais) e da estabilidade temporal, que compreende a manutenção das características culturais transmitidas, apesar da passagem do tempo (Valsiner, 2012).

A Psicologia Sociocultural possui diversas direções investigativas, como por exemplo o direcionamento *discursivo/ conversacional*, que utiliza a linguagem para análises discursivas em níveis microsocial (análise de discursos específicos oriundos do cotidiano, por exemplo) ou macrosocial (investigando, por exemplo, tipos discursivos diferentes); o *direcionamento da atividade*, focado na relação mútua entre os participantes e seus respectivos contextos); a *abordagem mediacional semiótica*, cujo foco é a construção de significados e seus usos a partir da mediação por signos (Valsiner & Rosa, 2007).

Esta abordagem, inicialmente denominada Psicologia Sociocultural Semiótica, passou a ser chamada de Psicologia Cultural Semiótica e focaliza a construção de significados com uso de signos, considerando a regulação psicológica humana através dos processos interdependentes de internalização e externalização de signos, no qual as mensagens recebidas do ambiente são particularmente modificadas e expressas também a partir de signos que podem ser criados, recriados ou destruídos.

O termo signo para a Psicologia Cultural Semiótica remonta aos estudos de Pierce e refere-se a “um objeto que está para a mente (ou aos olhos) de alguém em lugar de outra coisa” (Peirce 1873/1986 citado por Valsiner, 2012, p.39), caracterizando dispositivos criados pela mente, a partir dos quais a mente opera. A Psicologia Cultural Semiótica compreende os fenômenos psicológicos humanos a partir da mediação semiótica e, nesse processo, os signos são cultivados para favorecer relações interiores mediante a relação com objetos do ambiente externo (Valsiner, 1999, 2012) e também relações exteriores entre pessoas e instituições culturais. Os signos emergem do processo de superação das demandas imediatas e das tensões para o atendimento das demandas do aqui e agora, emergem os significados (Valsiner, 2012).

Por atender aos nossos interesses teórico-metodológicos, a corrente semiótica da Psicologia Cultural Semiótica será adotada neste estudo e os seus princípios explorados nos tópicos seguintes a partir da necessidade de nossa investigação.

1.1 A noção de cultura para a Psicologia Sociocultural Semiótica

As origens do termo cultura remontam ao contexto europeu, por volta do século XVIII, para dar conta das questões sociais referentes ao contraste entre civilização e natureza (Valsiner, 2014). Hoje em dia o termo se apresenta controverso e pouco claro, com mais de 160 conceitos, sendo necessário em nosso estudo delimitarmos o que a Psicologia Cultural Semiótica compreende por cultura (Valsiner & Rosa, 2007).

Em Psicologia, o uso do termo cultura ocorre de duas formas. A primeira delas refere-se à cultura como um organizador externo ou ainda um elemento de atribuição de causas e efeitos psicológicos para as pessoas de determinada localidade (Valsiner, 2012). A segunda forma compreende a cultura como parte constitutiva das funções psicológicas humanas, sendo esta última abordagem utilizada pela Psicologia Cultural e, conseqüentemente, pelo nosso estudo.

Aprofundando o nosso posicionamento sobre cultura, ressaltamos o direcionamento dado por Valsiner (2014) para a compreensão do termo à luz da Psicologia Cultural Semiótica:

Cultura é um processo – não uma entidade. *Cultura não tem ação* – os seres humanos tem – embora o poder da cultura esteja nas ações dos agentes humanos. *Cultura não causa nada* – ainda que seres humanos operem através da cultura em caminhos orientados por metas para organizar seus mundos. Em resumo – isso somos nós – os seres humanos em qualquer parte do mundo – que criam cultura, mantêm-na e a destrói (Valsiner, 2014, p. 39, tradução nossa, grifo nosso).

Cultura é, portanto, inseparável dos seres humanos, ocorrendo através da mediação semiótica entre mentes ativas e o meio ambiente. Dessa relação emergem “produtos mentais” (significados, símbolos e signos) que retroalimentam tanto as esferas mentais quanto as sociais. A cultura é, portando coconstruída, porque é reconstruída de formas novas a partir das trocas semióticas entre o meio e os participantes; é internalizada e externalizada, porque exige a constante decomposição de mensagens comunicadas por signos e recompostas na esfera

intrapésiquica; é coordenada, porque os diversos agentes sociais se regulam mutuamente por signos (Valsiner, 2014).

1.2 Mediação semiótica

As funções psicológicas humanas são organizadas a partir da *mediação semiótica*, que corresponde à utilização de signos tanto no nível intrapsicológico, quanto no nível interpsicológico como elo entre o ambiente e as funções psicológicas humanas (Valsiner, 2012). A literatura indica que a vertente intrapsicológica da *mediação semiótica* ocorre quando a própria pessoa se regula através de signos expressos em apreciações internas, por exemplo, quando alguém alega gostar ou desgostar de um conteúdo lido. Enquanto o caráter interpessoal da mediação semiótica ocorre no contexto de relações com os pares sociais, onde ficam evidentes muito mais do que as trocas de informações ou as companhias. Sobressaem dessas interações signos estratégicos que se configuram por “armadilhas semióticas” ou declarações ideológicas. Armadilhas semióticas correspondem a “ ‘captura’ simbólica do *self* de uma outra pessoa em uma rede de vergonha, inferioridade ou outra forma de mostrar superioridade” (Valsiner, 2012, p.29, grifo do autor), enquanto as declarações ideológicas correspondem às organizações de idéias para convencer de suas posturas.

Destacamos neste tópico o uso da mediação semiótica também por instituições sociais, como ferramenta para tentar regular as funções inter e intrapessoais. Uma vez que são orientadas por metas, torna-se crucial o desenvolvimento de ações reguladoras aplicadas aos seus colaboradores e também às pessoas que acessam seus produtos. Neste sentido, tendem a ser construtoras ativas de armadilhas semióticas para seres humanos.

Enfatizamos este último ponto porque nele se enquadra o jornal enquanto empresa e veículo de comunicação, cujos produtos são publicados diariamente para outros seres humanos. Uma vez que o nosso estudo analisa os processos de reconstrução mnemônica de uma matéria jornalística local, torna-se relevante circunscrever a tentativa de ação reguladora do meio de comunicação jornal no processo de mediação semiótica do leitor. Dizemos tentativa e não determinação porque compreendemos que as mensagens da matéria jornalística estão carregadas por convenções sociais e armadilhas semióticas decorrentes dessa tentativa de controle social, porém acreditamos que somado a este aspecto existe a proposta de reconstrução bidirecional da cultura, que oferece oportunidades para construções de significados exclusivos com o conteúdo noticioso acessado.

1.3 Transmissão e reconstrução da cultura (unidirecionalidade e bidirecionalidade)

Podemos ver, pelo menos, dois caminhos de trânsito cultural: a transferência unidirecional da cultura, baseada na transmissão direta e sem alterações por parte de quem recebe a mensagem e a reconstrução da cultura, caracterizada pela bidirecionalidade. Este último caminho é representativo da dinâmica de troca cultural estudada pela Psicologia Cultural (Valsiner, 1999, 2012).

Podemos dizer que o processo de comunicação, inclusive o de comunicação de massa, como tratado neste estudo, articula-se segundo a possibilidade de reconstrução cultural bidirecional no sentido compreendido aqui. Isso porque o jornal, por exemplo, é capaz de articular e fornecer elementos que ele julga relevantes para que o leitor construa significados específicos. Apesar disso, a capacidade humana de construir significados pode ultrapassar o que foi previamente estabelecido pelo veículo, revelando construções particulares mesmo que as pessoas vivam em um mesmo contexto social ou tenham acesso ao mesmo conteúdo noticioso.

Isso porque o processo de reconstrução bidirecional da cultura possibilita a emergência de novos significados pondo em contato elementos da cultura pessoal e da cultura coletiva, ocasionando tensões e consequentes trocas colaborativas de signos. Em outras palavras, ainda que esses novos significados possam ser regulados pelas convenções e normas sociais decorrentes da imersão das pessoas na cultura coletiva, sempre haverá apreciações únicas a respeito das mensagens recebidas, porque as culturas pessoais e as culturas coletivas não são isomórficas e as culturas pessoais possuem relativa autonomia em relação à cultura coletiva (Valsiner, 2012, p. 56).

Cultura pessoal e cultura coletiva, como tratados aqui, são termos elaborados por Valsiner a partir da tradição de Georg Simmel (1858/1918) sobre as noções mutuamente ligadas de culturas objetivas e subjetivas (Valsiner, 1999). Cultura pessoal é compreendida como o conjunto de significados subjetivamente construído (Valsiner, 2007, 2012), sendo a cultura coletiva, a união das externalizações desses sistemas de significados pessoais (Zittoun, Valsiner, Vedeler, Salgado, Gonçalves, & Ferring, 2013; Valsiner, 1999).

Dessen e Junior (2005), corroborando com esta perspectiva, compreendem que cultura pessoal indica o espaço singular da construção de significados, expresso no campo individual. Sendo a cultura coletiva, o conjunto de significados que é compartilhado e constantemente negociado pelo grupo através dos processos interativos realizados pelas pessoas.

Apesar da diferenciação conceitual feita entre os dois termos, Valsiner afirma que “é meramente uma forma heurística de nos lembrar de que a pessoa em sua unicidade, sempre se relaciona ao significado do mundo como um todo através do processo constante de internalização e externalização” (Valsiner, 1999, p. 55).

1.4 Internalização, externalização e construção de significados

Internalização e externalização são processos construtivos, dinâmicos, interdependentes e que colaboram para a reconstrução constante dos mundos intrapsicológicos das pessoas, a partir das trocas possíveis de significados com o ambiente. É também através das externalizações que a cultura coletiva pode ser transformada e modificada.

Internalização como compreendemos aqui, é o conceito desenvolvido por Vigotski (2007) para representar o processo de participação de artefatos culturais transformando os sistemas psicológicos humanos. Para este autor, logo na infância, quando as funções psicológicas elementares passam a coexistir com funções psicológicas superiores, as crianças começam a utilizar elementos intermediários para mediar as suas relações com o mundo material. Nesse processo as ações das crianças passam a ser interpretadas pelos adultos à luz dos costumes e trejeitos da sociedade em questão. A interpretação do adulto é, então, internalizada pela criança, que passa a ressignificar sua ação inicial.

Para Zittoun et al. (2013), a partir da tradição de Vigotski (2007), “internalização é o termo usado para designar este processo pelo qual os signos ou experiências são reconstruídos na mente” (p.71), já a externalização “é o processo pelo qual os seres humanos são capazes de produzir signos no mundo – por meio de linguagens, movimentos, cores, etc.” (p.71).

Esta noção de internalização e externalização, para Psicologia Cultural Semiótica tem como base a ideia de separação inclusiva, segundo a qual a pessoa, apesar de analiticamente separada do ambiente, interage com ele constantemente e isto permite que a separação entre o que é de “dentro” e de “fora” da pessoa, seja mitigada, uma vez que, ao se relacionar de forma interdependente com o meio, a pessoa é constituída por ele e também o constitui através de um processo dinâmico (Valsiner, 2012).

Ou, conforme compreende Geertz (2000, p 181, citado por Dessen & Junior, 2005), é importante a superação da dicotomia que compreende o mundo interno relacionado ao funcionamento mental e o externo relacionado à cultura. Para este autor, “nosso cérebro não

se encontra num tonel, mas em nosso corpo. Nossa mente não se encontra em nosso corpo, mas no mundo (...)"

A sugestão de Valsiner (2007, 2012, 2014), para a compreensão desse dinamismo, se dá através de um modelo laminar formado por fronteiras ou camadas, inspirado na forma de Kurt Lewin (1892-1947) representar o mundo intrapsicológico. Segundo esta proposta, é através da passagem das mensagens por tais camadas, que os conteúdos presentes no mundo tornam-se parte do universo intrapsicológico da pessoa, assim como o movimento inverso se confirma na externalização. É esta disponibilidade que permite não apenas a participação da mensagem no universo intrapsicológico, mas permite também a alteração dessas mensagens de modos exclusivos, oferecendo a cada pessoa, características únicas e possibilidades particulares de construção de significados.

Fizemos esta exposição para dizer que as sucessivas tensões entre culturas pessoais e coletivas, que ocorrem no processo de internalização e externalização permitem que os signos internalizados sejam ressignificados de modos particulares a depender das disponibilidades psicológicas da pessoa, estando esta pessoa imersa em uma cultura coletiva e sofrendo também influências das convenções grupais nas suas construções particulares de significados.

Além desses aspectos, Valsiner (2012) indica que a construção de significado é cognitiva e também afetiva, no sentido que a pessoa para fazer suas construções, primeiramente sente-se afetada – positivamente ou negativamente – pelo elemento a ser significado, externalizando o significado verbalmente ou ainda de modo não-verbal. Apesar de indícios que podem ser inferidos, apenas a pessoa pode indicar o significado e o grau de significância dos elementos que fazem parte do seu universo (Zittoun, 2009). Assim, somente através da externalização, o pesquisador é capaz de acessar a cultura pessoal do indivíduo.

Torna-se, portanto, crucial para nosso estudo, a adoção da ideia de externalização das apreciações que os participantes fazem em relação à matéria jornalística a ser rememorada. A externalização verbal e escrita, estimulada através do mecanismo reconstrutivo da memória, tende a oferecer caminhos para a compreensão microgenética do processo de reconstrução mnemônica e, portanto, da construção e reconstrução de significados.

1.5 Distanciamento psicológico e memória

Para a psicologia cultural Semiótica, o distanciamento psicológico é “um resultado do posicionamento pessoal dentro do campo de uma atividade situada (...) que permite a pessoa transcender a situação imediata, permanecendo nela (...)" (Valsiner, 2012, p. 285). Sendo

assim o distanciamento psicológico é um dispositivo de autorregulação semiótica que permite à pessoa considerar outros contextos, além do aqui-e-agora e, neste sentido, pode-se pensar no futuro, colocar-se no lugar de outra pessoa e lembrar-se do passado, por exemplo.

A intenção de se abordar o distanciamento psicológico nesta proposta diz respeito a este último item “a lembrança do passado”, pois é através dela que o processo de externalização dos participantes será possível e, conforme visto, é a partir da externalização que o pesquisador tem acesso a construção de significados. Em outras palavras, diante da tarefa dada – que será a rememoração de uma notícia jornalística sobre um acontecimento local – o primeiro passo para lembrar do texto, será a ação de transcender a situação. Interessa-nos não apenas o resultado das rememorações, ou seja a reprodução do texto a partir do que foi possível lembrar, mas principalmente os caminhos ou processos percorridos pelos participantes para fazer estas reconstruções.

Tendo explorado os principais tópicos da Psicologia Cultural envolvidos em nosso estudo, vamos apresentar no próximo capítulo a abordagem utilizada em nossa investigação para memória, cuja principal afinidade com a Psicologia Cultural recai no fato de considerarmos a rememoração como um processo de atribuição de significado ao momento presente, tal como identificado por Bartlett (1932).

2 MEMÓRIA COMO RECONSTRUÇÃO

2.1 Algumas perspectivas e autores no estudo da memória

A literatura atribui à Hermann Ebbinghaus (1885) a inauguração dos estudos experimentais sobre a memória a partir de experimentos com sílabas “sem sentido” para descobrir os “princípios da memória” (Gardner,2003; Wagoner,2012; Bartlett,1932). Buscando alcançar os seus objetivos, Ebbinghaus mediu a sua própria habilidade em aprender mais de duas mil sílabas sem sentido criadas por ele (Gardner, 2003; Tulving,1995). Seu método consistia em três etapas: no estudo de listas de seis a vinte sílabas sem sentido; na leitura das sequências silábicas em voz alta com ajuda de um metrônomo; e por último no ato de falar as mesmas sequências “de cabeça” (Bower, 2000).

Ebbinghaus introduziu ideias e métodos importantes para o estudo da memória, dentre eles: a ideia de “graus de aprendizagem” observando os esforços e economias para reaprender uma lista de sílabas; a identificação de uma “linha de esquecimento”; mensurou as dificuldades para aprender uma lista pelo número de tentativas; e descobriu que o esquecimento de uma lista diminui com múltiplas reaprendizagens dela (Bower, 2000).

Para Gardner (2003) a contribuição de Ebbinghaus ocorre pela ruptura “com a introspecção enquanto fonte única de informações”, propondo novos métodos de análise estatística (p.119). Houve, portanto, a mudança de foco do modelo introspeccionista, para a análise sistemática das habilidades na execução de tarefas propostas.

O período de 1960 até 1980 foi caracterizado por pesquisas dirigidas à recordação livre, reconhecimento e processamento da informação. Entre os pesquisadores deste período, podemos citar Sternberg (1966) e Atkinson e Shiffrin (1968). Esta última dupla de estudiosos, por exemplo, influenciou pesquisadores posteriores sugerindo a existência de um modelo de memória com três “armazenamentos” (Modelo Atkinson-Shiffrin), relacionados aos registros sensoriais, a memória de curto prazo e a memória de longo prazo.

O registro sensorial reteria temporariamente as informações que passariam para a memória de curto prazo. Lá ocorreria a aquisição das informações, correspondentes à análise e codificação. Para a informação se manter ativa, precisaria ser utilizada pelo participante no período de 15 segundos a 1 minuto após a entrada na memória de curto prazo. Por fim, algumas informações estocadas na memória de curto prazo poderiam ser permanentemente transferidas para a memória de longo prazo.

O modelo Atkinson-Shiffrin influenciou outros pesquisadores, como Sternberg (2000) e Izquierdo (2004). O primeiro utiliza um modelo de memória pautado em duas formas de armazenamento: armazenamento de curto prazo e armazenamento de longo prazo, considerando processos específicos para a passagem das informações da memória de curto prazo para a memória de longo prazo. Além disso, dentro do seu modelo mnemônico, constam três operações comuns e interdependentes envolvendo a memória: codificação; armazenamento e recuperação das informações.

Izquierdo (2004), que teve toda a sua vida acadêmica voltada para os estudos da memória, alia fortemente tal característica cognitiva aos aspectos biológicos e suas derivações bioquímicas e neuronais, de modo que de sua pesquisa, os aspectos biológicos que compõem a memória são os mais evidentes. O conceito de memória para este autor, por exemplo, assemelha-se ao conceito trazido por Sternberg (2000) na delimitação de três categorias para os processos mnemônicos:

Memória é a aquisição, conservação e evocação de informações. A aquisição é denominada também *aprendizado*. A evocação também se denomina recordação ou lembrança. Só se avalia a *lembrança* por meio da *evocação*. A falta de evocação denomina-se esquecimento ou olvido. Uma falha geral da evocação de muitas memórias denomina-se amnésia (Izquierdo, 2004, p.15).

A partir da década de 1980 até a atualidade temos um momento de estudos sobre memória marcado pela expansão das possibilidades de compreensão da memória e flexibilidade metodológica (Tulving, 1995). Passou a haver uma mudança considerável na abordagem das pesquisas ao longo da história da ciência cognitiva, permitindo que elas passassem de descendentes para ascendentes, ou seja, os contextos e as capacidades adquiridas pelos participantes começaram a ser reconhecidos no processo científico. Apesar disso, em Bartlett (1932) e nos estudos de Lev. S. Vigotski, no final da década de 1920, essa abordagem já poderia ser observada.

Para Vigotski, há dois tipos de memória, sendo a primeira elementar, direta e involuntária e a segunda superior, mediada e voluntária. Este primeiro tipo de memória foi então, chamado de memória natural, identificada quando os estímulos externos influenciam as pessoas diretamente. Este tipo de memória coexiste com a memória mediada, independente dos graus de instrução das pessoas (Vigotski, 1995). A esse respeito o pesquisador diz:

O uso de pedaços de madeira entalhada e nós, a escrita primitiva e auxiliares mnemônicos simples, demonstram, no seu conjunto, que mesmo nos estágios mais primitivos do desenvolvimento histórico, os seres humanos foram além dos limites das funções psicológicas impostas pela natureza, evoluindo para uma organização nova, culturalmente elaborada, de seu comportamento (...) acreditamos que essas operações com signos são o produto das condições específicas do desenvolvimento *social* (p.32, grifo do autor)

Os recursos de mediação, que o autor dá o nome de “instrumentos”, por mais simples que possam parecer, alteram o processo de memória, permitindo que a pessoa encontre na sociedade em que vive, as extensões para a sua memória natural, sendo capaz de dominá-la. Porém a transformação do objeto em instrumento se dá pela apropriação e eventuais adaptações dos objetos por outros homens no curso da história. Do ponto de vista individual, ocorre o processo de internalização de atividades externas, ocorrendo em dois níveis: do âmbito externo para o interpessoal e, através de sucessivos eventos ao longo do desenvolvimento, para o âmbito intrapessoal.

Como podemos perceber, a abordagem de Vigotski era uma exceção. O armazenamento de informações na mente, como sendo o princípio que caracteriza a memória, tem sido a idéia predominante nas investigações sobre a memória. No tópico seguinte apresentaremos a idéia de “construção” como alternativa à essa proposta e em seguida apresentaremos a proposta de Bartlett.

2.2 Metáforas sobre a memória: do armazenamento à construção

O uso de metáforas nas ciências, inclusive na ciência cognitiva, é uma forma de designar e explicar fenômenos (Wagoner,2015b; Roediger,1980). A este respeito, pode-se dizer que, ao longo dos anos, a memória recebeu atribuições metafóricas, como uma forma de explicar seu funcionamento à luz do que era possível pesquisar e compreender em diferentes períodos históricos (Wagoner, 2012, 2013).

Didaticamente, podemos dividir as metáforas sobre a memória em três grupos: grupo das analogias espaciais, das teorias espaciais e das analogias não espaciais (Roediger,1980). O primeiro grupo considera as informações alocadas em algum lugar quando apreendidas,

havendo uma comparação entre os objetos e as memórias que podem ser procuradas, encontradas ou perdidas.

Uma das primeiras metáforas atribuídas à memória foi apresentada por Platão e se enquadra neste primeiro grupo. Para esse filósofo, a memória seria como um “bloco de cera” (Danziger, 2008; Wagoner, 2012, 2013). Já para Agostinho a memória seria como um “palácio onde estão tesouros de inumeráveis imagens trazidas por percepções de toda espécie” (X,8.12 citado em Smolka,2000; Lavenne, Renard, & Tollet, 2005).

O segundo grupo é relativo ao que Roediger (1980) chama de “teorias espaciais”, que compreendem as memórias distribuídas em algum espaço conceitual, mas sem associação explícita a elementos do mundo externo para representar. Fazem parte deste grupo, por exemplo, metáfora da “teoria da organização” (Tulving,1962) , “redes hierárquicas” (Mandler,1967) e “redes associativas (Anderson & Bower,1973).

O terceiro grupo é composto por propostas alternativas às metáforas espaciais, compondo as “analogias não espaciais”. Fazem parte desse grupo metáforas como “reconstrução de um dinossauro” (Neisser,1967), “melodias em um piano”(Wechsler,1963), “construção” (Bartlett,1932), entre outras.

Podemos perceber que os dois primeiros grupos partem da perspectiva de memória como armazenamento e tal concepção, reverbera na metáfora computacional da mente, oriunda da revolução cognitiva (Bruner, 1997). Esta metáfora ensaia uma explicação para o funcionamento da mente como um processador mecânico de informações e a memória, nesta perspectiva, estaria envolvida em três fases distintas: codificação, armazenamento e recuperação.

À medida que houve abertura para o distanciamento da visão mecanizada dos processos cognitivos humanos, sobretudo em função da nova perspectiva que se formava em torno dos atos de significação divulgados por Bruner (1997), uma nova abordagem metafórica para lidar com os processos humanos tornou-se necessária (Wagoner, 2011).

Partindo desta premissa, consideramos neste estudo, a “metáfora da construção” para o estudo mnemônico humano. Tal metáfora parte da perspectiva de memória reconstrutiva, presente no programa de pesquisa de Bartlett (1932), cuja principal preocupação era identificar as transformações de materiais lembrados, catalogando os tipos de transformações ocorridas ao longo do tempo (Harré, 2009)

A mente humana se esforça para a construção de um mundo inteligível no qual pode agir, diferindo de uma máquina que corresponde mecanicamente aos *inputs* (Wagoner,2012).

Portanto, a atenção está aqui voltada para a investigação dos processos e potencialidades reconstrutivas da memória, tendo em conta o engajamento social e cultural dos indivíduos.

2.3 Estudos de Bartlett e a memória reconstrutiva

Apesar de Ebbinghaus ter contribuído metodologicamente para os estudos da memória, inspirando outros pesquisadores (como Calkins, 1894; Hovland, 1940; Johnson, 1991) teve sua proposta criticada por Frederic Charles Bartlett, psicólogo britânico que, após uso dos métodos experimentais rigorosos propostos, considerou inadequado o estudo dos aspectos principais da memória com materiais arbitrários (Bartlett, 1932; Gardner, 2003).

Para Bartlett, lembrar não significava a reexcitação de traços de memória, mas a constante recombinação de uma “massa organizada” de experiências passadas (esquemas) no “esforço para dar significado” ao presente. A inadequação da proposta de Ebbinghaus estava na anulação de elementos compreendidos por Bartlett como importantes à rememoração, como imaginação, emoção e significado (Wagoner, 2012).

Para Bartlett (1932) a situação a ser rememorada não era construída detalhe por detalhe, como sugeria a noção vigente nos estudos sobre a memória, mas teria uma tendência dominante a capturar a essência do todo e, a partir disso, ocorreria a reconstrução dos prováveis detalhes (Bartlett, 1932, p.206). Esse aspecto indica um caráter funcional da memória, uma vez que não lembrar os detalhes exatos, fornece ao indivíduo recursos flexíveis para lidar com ambientes incertos e mutáveis (Wagoner, 2012, 2013).

O processo de rememoração foi desenhado por Bartlett como a ativação de diversas influências passadas (esquemas), oriundas de fontes diversas do organismo, ocorrendo simultaneamente, que daria recursos para o organismo se movimentar atribuindo significado ao presente no esforço de rememorar. Os esquemas seriam, portanto, elementos a partir dos quais o organismo poderia se movimentar no esforço para significar. Esse movimento foi chamado por Bartlett de “voltar-se aos seus próprios esquemas” (*turning round upon one's own schemata*) (Bartlett, 1932).

Com essa convicção, Bartlett desenvolveu um programa de pesquisa pautado em quatro aspectos principais: a existência de mentes ativas e não passivas como sugeriam os experimentos de Ebbinghaus (Wagoner, 2013); na influência de aspectos biológicos, sociais e psicológicos na atividade mental; em uma unidade mental e não faculdades cognitivas

isoladas; acreditava que os processos dessa mente ativa envolviam sentimentos e atitudes generalizadas em relação ao tópico em questão (Wagoner, 2012).

Ao longo de sua vida acadêmica, Bartlett conduziu muitas pesquisas, como os experimentos de percepção e imagens, método de descrição, método de reprodução repetida, método de reprodução serial e método de descrição de imagens. Porém para circunscrever nosso estudo, vamos nos ater ao experimento feito com o “método de reprodução repetida”, com a história mítica norteamericana “A guerra dos fantasmas”.

Inspirado no Método de Reprodução Serial, o Método de Reprodução repetida consistia na leitura do texto “a guerra dos fantasmas” duas vezes, por cada participante, sendo a primeira reprodução feita 15 minutos após a leitura e reproduções subsequentes realizadas em intervalos variados de tempo, de acordo com a oportunidade. O método de reprodução repetida ressaltava um aspecto que outros métodos, até então, não consideravam: ao longo da vida, os fatos são contados repetidas vezes pelos participantes (Bergman & Roediger, 1999).

A guerra dos fantasmas era uma lenda indígena norteamericana, traduzida pelo antropólogo Franz Boas e havia quatro razões para sua escolha no experimento de Bartlett (1932). O primeiro motivo diz respeito à necessidade de conhecer melhor as condições de transformações sofridas por um conteúdo quando passam de um grupo social para outro; o autor gostaria também de observar como participantes letrados iriam lidar com as disjunções apresentadas pelo texto; desejava observar como imagens emergiam em função do caráter dramático da história; por fim, desejava ver como os participantes concluiriam a história, uma vez que esta parecia ter o final relacionado a aspectos sobrenaturais.

Como resultados, o pesquisador identificou 17 pontos, sendo estes os principais: (a) a maioria das reproduções não era acurada; (b) a primeira reprodução estabelecia a forma, esquema, ordem e disposição de material para reproduções subsequentes ; (c) com o passar do tempo, havia a omissão progressiva de detalhes, a simplificação dos eventos e a transformação de itens para o aspecto familiar sociocultural (Wagoner, 2015; Bartlett, 1932).

A convencionalização, que corresponde à transformação de itens para o aspecto familiar, assim como aos aspectos culturalmente difundidos, chama a nossa atenção para o fato de que o que é modificado ou não é lembrado, tem tanta importância quanto o que é lembrado acuradamente nesse processo de recontar a mesma história (Middleton & Brown, 2005). As transmissões de notícias jornalísticas entre pares sociais caracterizam bem este ponto porque na vida cotidiana os aspectos categorizados como distorcidos ou errados, interferem na dinâmica das relações sociais tanto quanto o que corresponderia ao acurado.

2.4 Desdobramentos dos estudos de Bartlett

Bartlett enfatizou o processo de transformação do conteúdo rememorado ao longo do tempo, descartando os critérios de acurácia e distorção vigentes nos estudos de sua época e valorizando o processo de construção de significados a partir da volta dos sujeitos aos seus próprios esquemas. Temos na literatura indícios de que as inovações metodológicas e as propostas teóricas tal como concebidas, influenciaram muitos pesquisadores tanto da área de Psicologia, como Northway (1936), que estendeu o conceito de esquema para o processo de aprendizagem; Maxwell (1937) que utilizou o método de reprodução repetida para identificar diferenças nas rememorações de grupos sociais distintos e Nadel (1937) na Antropologia, utilizando o método de reprodução repetida para identificar como crianças de duas tribos Nigerianas rememoravam histórias. Apesar disso, encontramos três pontos principais de críticas e extensão da proposta de Bartlett. O primeiro diz respeito às críticas e reapropriações do conceito de esquemas; o segundo versa sobre os aspectos metodológicos utilizados por Bartlett; o terceiro é referente ao processo de volta da pessoa aos seus próprios esquemas.

Dentre as propostas teóricas abordadas por Bartlett, temos no conceito de esquemas um ponto de atenção gerador de críticas e reapropriações. Alguns pesquisadores, como Roediger (1980) e Brewer e Nacamura (1984), consideraram o termo como deliberadamente abstrato e após o lançamento de *Remembering* (Bartlett, 1932), houve um movimento de apropriação seletiva do termo “esquemas” para atender às demandas dos estudos computacionais nas ciências cognitivas.

Este processo, ao reorientar o conceito original, o enquadra em concepções divergentes às de Bartlett. Por exemplo, Oldfield (1954), um dos alunos de Bartlett, adaptou o termo esquemas para a metáfora da mente como um computador que armazena informações, caracterizando-o como a maneira de recodificar os elementos na mente. Seguindo passos semelhantes, Neisser (1967) fez analogias entre esquemas e programas de computador, que correspondem às instruções a partir das quais o computador funciona, compreendendo metaforicamente a rememoração como o ato de remontar um esqueleto de dinossauro. Nessa última abordagem esquema foi separado do lugar ativo e em desenvolvimento não havendo a unidade entre o nível Psicológico e a pessoa (Wagoner, 2015).

Em meados da década de 1970, outras apropriações do termo foram feitas, como por exemplo Schank and Abelson (1977), que utilizaram a noção de esquema para representar uma estrutura estereotipada (convencional) de conhecimento sobre eventos cotidianos, que eles denominaram *script* (Mesoudi & Whiten, 2004). Em outras palavras, é a organização

corriqueira de atos, para que determinada atividade central ocorra. Ir ao cinema, por exemplo, exige atos gerais, como, sair de casa, entrar no shopping, escolher o filme, comprar o bilhete, entrar na sala, assistir ao filme. A ação menor de comprar o bilhete, exige, por sua vez, ir para a fila, esperar a vez, escolher o filme desejado, abrir a carteira, pagar.

Mandler e Johnson (1977), utilizando também a metáfora da hierarquia das informações, apropriam-se da noção de esquemas para se referir a uma representação interna e idealizada das partes de uma história e sua organização. O participante leitor criaria expectativas a respeito das partes de uma história e isso facilitaria a codificação e evocação da história. Estes pesquisadores analisaram a história mítica trabalhada por Bartlett (A guerra dos fantasmas) a classificando como uma história ruim que propiciaria omissões. Nesta análise os pesquisadores não consideraram as sucessivas transformações do material rememorado, categorizando o que não estava de acordo com a história, como omissão.

Porém uma das principais críticas a Bartlett recai na falta de sistematização de sua abordagem, fazendo deste aspecto uma das fraquezas metodológicas deste pesquisador (Wagoner, 2009; Kintsch, 1932). Uma dessas críticas veio de Gauld e Stephenson (1967) que atribuíram a noção construtiva da memória ao procedimento de pesquisa e não aos processos mentais. Esses autores, acreditavam que uma das falhas de Bartlett estava na qualidade das instruções dadas aos participantes de pesquisa, estimulando-os a reconstruir a história muito mais do que a reproduzir de forma acurada o material oferecido para memorização. Em resposta a algumas dessas críticas, Bartlett (1960) não negou que algumas circunstâncias cotidianas exigem a recordação literal de materiais, como em exames escolares, mas ratificou que, na maioria dos casos de recordação, o passado é usado para interpretar o presente e, nesse sentido, a memória seria reconstrutiva, adaptativa e não reprodutiva.

Outras críticas metodológicas vieram das dificuldades de replicar o método de reprodução repetida devido a falta de sistematização, apesar da tentativa de fazê-la. Isso porque, o estudo da memória estaria relacionado ao transcorrer do tempo em dias, semanas, ou mesmo anos, mas Bartlett não sistematizou todas as etapas de seus métodos, dificultando réplicas por outros pesquisadores (Wagoner, 2009, p.109).

Diante dessas questões Bergman e Roediger (1999) sugeriram a sistematização para o método de reprodução repetida para que ele pudesse ser replicado. Utilizaram a divisão do texto a guerra dos fantasmas nas 42 proposições sugeridas por Mandler e Johnson (1977) e estabeleceram os intervalos de tempo entre as memórias. Com essas etapas definidas, foram capazes de associar as proposições da história mítica às proposições escritas pelos participantes, atribuindo-lhes o critério de acuradas ou distorcidas.

Dizemos, por fim, que apesar de Bartlett ter encontrado na maneira de se virar em torno dos esquemas, o processo central da rememoração, devido à pouca sistematização de seus métodos, não nos permitiu analisar o processo momento à momento para identificação de como as pessoas rememoram. Este ponto transformou-se em mais um ponto de crítica e também em uma oportunidade de novas pesquisas na área, como as que vemos atualmente em Varela (2011), que utilizou as adaptações metodológicas de Bergman e Roediger (1999) para identificação do papel auxiliar de pares sociais no processo de rememoração e Wagoner e Gillespie (2013), que utilizaram a adaptação metodológica feita por Bergman e Roediger para a identificação de mediadores socioculturais da memória a partir do texto *A guerra dos fantasmas*, caracterizando a forma mediada a partir da qual as pessoas voltam aos seus próprios esquemas. Sobre este estudo, ao qual estamos diretamente associados metodologicamente, vamos abordar no tópico seguinte.

2.5 Como se volta aos seus próprios esquemas? (turning around upon one's own schemata)

Interessados em compreender o processo através do qual os participantes se voltam aos seus próprios esquemas na rememoração, Wagoner e Gillespie (2013) desenvolveram um estudo com estudantes universitários, com idades entre 18 e 32 anos, adotando o método de reprodução repetida do texto mítico “a guerra dos fantasmas”, o mesmo utilizado por Bartlett.

Os participantes foram dispostos aos pares, de modo que fosse aberta uma janela de diálogo para observação dos meios utilizados pelos participantes para preencher as lacunas na rememoração. Assim dispostos, dialogaram e escreveram o que lembraram da história lida, fornecendo dados escritos e em áudio que foram transcritos. Os participantes foram submetidos ao procedimento mais de uma vez, para rememorar o mesmo texto com intervalos de tempo de 15 minutos e uma semana após a leitura do material original.

Sob influências da Psicologia Cultural, mais notadamente da noção de mediação trazida por Vigotski (2007) e da proposta de Mead (1934) segundo a qual a constituição do self se dá a partir das sucessivas trocas de papéis sociais com os outros (indicando que a memória de quem somos está enraizada nas relações sociais) Wagoner e Gillespie (2013) encontram evidências de que o ato de se virar em torno dos esquemas é refletir sobre a própria atividade de rememorar. Tais reflexões promoviam sucessivas rupturas no fluxo contínuo da ação de rememorar, trazendo o controle do pensamento para os participantes.

A novidade da pesquisa estava em dois aspectos (1) na observação microgenética do processo de rememoração a partir da externalização de sucessivas mudanças de perspectiva

promovidas por essas avaliações, onde os participantes demonstraram avaliar suas próprias lembranças e também as lembranças dos parceiros (através de expressões , como : “mas”, “ou”, “talvez”; ou ainda com hesitações, como “não tenho certeza”, “penso que...”, talvez”, entre outros) (Wagoner & Gillespie,2013). (2) No uso de duplas para observação da externalização dos mediadores, que funcionou como uma forma de registrar os tratamentos “online” dado pelos participantes à rememoração no curso dos diálogos, evidenciando as sequências de comportamentos hesitantes, que correspondem às mudanças de significado (Valsiner,2012).

Encontraram ainda que esse processo auto-reflexivo foi, no estudo, mediado por sete tipos de mediadores, como gestos rítmicos específicos, coerência narrativa, dedução, repetições, questionamentos, discordâncias e imagens. A presença desses mediadores significava pontos de ajustes nos diálogos. Descrevemos abaixo cada um deles:

Gestos rítmicos

Refere-se às gesticulações dos participantes ajudando a lembrar. As bases teóricas para esta constatação estão nos estudos de McNeill (1996) que investigou a associação coordenada entre a fala, o pensamento e os gestos.

Coerência Narrativa

Segundo Wagoner e Gillespie (2013), coerência narrativa é “um componente chave na recordação, para muitos teóricos” (p.6), inclusive para Bartlett (1932) e Bruner (1991). Através da coerência narrativa os participantes podem organizar as lembranças, considerando uma sequência do que deve ter acontecido em cada caso a ser mnemonicamente reconstruído.

Dedução

A dedução reserva similaridades em relação à coerência narrativa, mas este tipo de organização permite o arranjo das informações segundo a lógica ou às crenças provenientes do senso comum.

Repetição

Refere-se ao fato de as pessoas repetirem as mesmas palavras ou os mesmos termos duas ou mais vezes, criando uma sequência de ritmo. Para Wagoner e Gillespie (2013), tal sequência parece ter a função de ajudar a focar a atenção para que o elemento que precisa ser recordado venha à tona.

Porém, durante o experimento, os pesquisadores encontraram a repetição também como uma possível forma inibidora da fala do outro, de modo que houvesse a dispersão do parceiro e a conseqüente diminuição de esforços na reconstrução.

Questionamentos

Os questionamentos possuem vários papéis, inclusive o de sugerir e focar a atenção, para desencadear lembranças. Esta noção de questionamentos como mediadores da memória são compreendidas por Wagoner e Gillespie (2013) , à luz da perspectiva de Linell (2009), segundo a qual o aspecto dialógico da mente humana participam na interrogação dos próprios sentimentos das lembranças dos participantes.

Deferimento

A partir de discordâncias, podem ser verificadas as aceitações ao ponto de vista do outro, fazendo das discordâncias um passo importante para se chegar a um acordo a respeito da versão reconstruída.

Imagem

Surge quando há ambigüidade ou ambivalência. O participante que confia nas imagens visuais tendem a continuar de maneira irregular, misturar a forma original de apresentação (Wagoner & Gillespie, 2013)

O próprio Bartlett (1932, p.219) compreendia que as imagens eram meios utilizados pelas pessoas para “pegar pedaços de esquemas”, aumentando, assim a viabilidade das reconstruções. Diz ainda que a imagem visual é capaz de distanciar o participante de sua localização atual favorecendo a combinação de elementos passados em épocas diferentes para completar a tarefa.

3 ESTUDOS SOBRE REMEMORAÇÃO DO CONTEÚDO JORNALÍSTICO

Em nossa revisão, inicialmente voltada para a área do jornalismo, encontramos três eixos centrais de estudos sobre a rememoração de notícias jornalísticas impressas. O primeiro eixo diz respeito à rememoração de imagens e elementos gráficos, contemplando também as diferenças na rememoração entre notícias com e sem imagens (fotografias ou gráficos) e estudos recentes sobre rememoração a partir de portais de notícias. O outro eixo diz respeito à rememoração do texto jornalístico noticioso impresso, a partir de várias modalidades, como a rememoração de participantes com escolaridades diferentes (Grabe, Kamhawi & Yegian, 2009); a sistematização para os estudos de rememoração da notícia (Durhan, 1994); processamento da notícia (Graber, 1988), a passagem do tempo para a rememoração, entre outros. O terceiro eixo diz respeito à reapropriação do conceito de esquemas cunhado por Bartlett (1932) nos estudos de rememoração da matéria jornalística.

Este capítulo é dedicado, portanto, à exposição da nossa revisão de literatura, onde detalharemos estudos que tangenciam a nossa pesquisa. Para isso apresentaremos as pesquisas considerando os estudos sobre rememoração de imagens e estudos sobre rememoração concentrada no texto jornalístico noticioso.

3.1 Estudos sobre o papel dos elementos gráficos na rememoração do jornal impresso

O papel da imagem no jornal intriga pesquisadores desde a década de 70, de maneira que encontramos investigações sobre a relevância das fotografias no jornal, mostrando seu caráter de complementaridade para a leitura e rememoração de matérias jornalísticas (Bexter & William, 1976); ou ainda que a leitura acompanhada da visualização de fotografias permitiria a rememoração de mais elementos do texto do que apenas a leitura da matéria (Elihu, 1977).

A partir da década de 90 percebemos interesse pelo processamento e rememoração de notícias associados aos gráficos e imagens explicativas, indicando que esses elementos podem favorecer a rememoração das matérias (Wanta & Remy, 1995; Jyotika, 1991; Huh, 1993).

Com a popularização dos aparelhos digitais entre os anos 90 e 2000, percebemos o incremento dos estudos em webjornalismo, sobre as diferenças entre rememoração de notícias

digitais e impressas (d'Haenens, Jankowski & Heuvelman, 2004), efeitos do design de portais de notícias na rememoração do conteúdo (Pipps, Walter, Endres & Tabatcher, 2009).

Há ainda o estudo de Grabe, Kamhawi e Yegian (2009), cujo interesse recaía em investigar as diferenças de rememorações entre participantes com níveis de escolaridade diferentes para notícias em meio digital, impresso e televisionado. Como o resultado da investigação com 41 sujeitos revelou que os participantes com níveis mais baixos de escolaridade rememoravam mais elementos da mídia televisionada do que da mídia impressa ou digital, enquanto a situação oposta ocorreu para os participantes com níveis educacionais mais elevados.

3.2 estudos sobre a rememoração do texto jornalístico noticioso.

Nas décadas de 80 e 90 encontramos estudos voltados para o processamento e rememoração de notícias jornalísticas, como a investigação de Doris Graber (1988) na condução da investigação que originou o livro *Processing the news*.

Interessada no processamento e rememoração de notícias, entrevistou dez vezes vinte e um participantes que acessaram notícias jornalísticas. Dentre os resultados, identificou que (a) muito material é ignorado pelos participantes; (b) notícias que tiveram grande destaque na mídia não eram “recuperadas da memória”; (c) as pessoas seriam capazes de fazer reduções manuseáveis das notícias, priorizando os temas principais e assim se informando e dominando o fluxo de informação.

Dentre as investigações da década de 90, destacamos o interesse por pesquisas sobre as alterações da notícia devido a passagem do tempo, seja pela transmissão de uma pessoa para a outra, com investigações de DeFleur e Cronin (1991), seja identificando como os mesmos participantes lembravam uma mesma matéria, como sugerem os estudos de Wicks (1993).

DeFleur e Cronin (1991) utilizaram o método de reprodução serial, tal como usado por Allport e Postman (1947) e buscaram identificar de que forma as pessoas propagavam informações oriundas de jornal impresso e televisão. Para isso, apresentaram aos participantes – distribuídos em sete cadeias de seis pessoas – uma notícia impressa em jornal com 300 palavras e um vídeo contendo uma reportagem. Um primeiro participante recebia a informação, via jornal impresso ou televisão e recontava a outros, como propõe o método de reprodução serial também utilizado por Bartlett (1932), porém não evidenciado em nossa abordagem teórica.

Os resultados obtidos indicam que as notícias chegavam ao final da cadeia ordenadamente e com todas as conexões, porém uma quantidade maior de detalhes era obtida nas cadeias que utilizavam notícias do jornal impressos.

A proposta de Wicks (1993) também utilizou notícias impressas e consistia em apresentá-las a 50 participantes, solicitar listas com as lembranças de cada matéria e repetir a produção de listas dois dias depois. Entre a primeira e última lista, o pesquisador pedia ainda que os participantes relembassem repetidamente as matérias lidas.

Como resultados Wicks identificou a hiperamnésia nesse contexto jornalístico, com as evidências de que na segunda reprodução mais elementos das matérias eram lembrados, em relação à primeira lista feita.

Se compararmos os resultados dos estudos citados, perceberemos que os três consideram, em alguma medida, a importância da passagem do tempo no processo de rememoração e que a rememoração do conteúdo jornalístico parte da consideração de tópicos apresentados pelo texto .

3.2.1 Usos do conceito de esquemas nos estudos sobre rememoração da notícia impressa

Como vimos no capítulo anterior, Bartlett foi o pesquisador que cunhou o conceito de esquemas, conceito este apropriado e transformado para atender às demandas específicas tanto de um novo momento de estudos cognitivistas (atendendo à metáfora computacional), quando às metáforas de hierarquização de eventos (Shank & Abelson, 1977) ou histórias (Mandler & Johnson, 1977), como a *story schema*. Esses pesquisadores defendem o conceito de esquemas de forma distinta de Bartlett, ao presumirem estruturas estáticas ou fixas constituídas de partes separadas, enquanto para Bartlett esquema operava segundo uma massa unitária de informações passadas, com as quais os sujeitos poderiam trabalhar na construção de significados. O ponto é que estando essas concepções de esquemas alinhadas ou não em relação à proposta inicial de Bartlett, elas influenciaram fortemente os estudos sobre rememoração da matéria jornalística impressa.

Um exemplo encontramos no trabalho de van Dijk (1977), que utiliza o conceito de esquema já previamente apropriada pela metáfora computacional operante a partir da década de 1970 na Psicologia Cognitiva e Inteligência Artificial, para desenvolver a sua teoria de macro-estruturas semânticas. Tal teoria compreende o texto como uma unidade passível de redução à estruturas globais e isso ocorre quando o texto em sua complexidade é sumarizado,

tendo os detalhes retirados e destacando a apenas a essência das proposições. Por macro-estruturas este autor entende as combinações de macro-proposições. Na fala do autor:

A noção de macro-estrutura é introduzida como uma explicação parcial para essas noções de “esquema” ou “plano” como elas são atualmente utilizadas pela Psicologia cognitiva e inteligência artificial (van Dijk,1977,p.3, tradução nossa)

van Dijk (1977), filiado à Análise Crítica do Discurso a partir do texto jornalístico, compreende que o processamento do discurso depende do conhecimento convencional que está representado em estruturas mentais chamadas de quadros. E quadros “são representações do conhecimento sobre o mundo” (p.19). Esta concepção é similar à que Rumelhart traz na sua modificação do termo original esquema: uma estrutura de dados para representar os conceitos amplos armazenados na memória (Wagoner,2015).

Um ano após a publicação do artigo no qual esclarece as origens de sua teoria, van Dijk e Kintsch (1978) conduziram um estudo com 87 participantes universitários para identificar os aspectos de rememoração de uma matéria jornalística em termos do modelo proposto de macro-estruturas semânticas. Tal modelo consiste na identificação de tópicos e temas centrais das reportagens – macroestruturas semânticas – construídos a partir da capacidade dos leitores resumirem intuitivamente tópicos gerais da notícia.

Para eles, essas macroestruturas seriam reduções pontuais da estrutura mais complexa do texto a estruturas mais simples, gerais e abstratas, potencialmente articuladas no processo de produção textual, porém não determinada por ele (van Dijk, 2010).

Os estudos realizados por esses pesquisadores tinham como valor principal apresentar e testar empiricamente o referido modelo, verificando as hipóteses sobre o processo de compreensão textual. Para isso distribuíram os participantes em três grupos, de modo que 31 foram testados imediatamente após a leitura de uma matéria jornalística; 32 participantes foram testados após um mês de intervalo e os 24 participantes restantes foram testados três meses após a leitura da mesma matéria.

Cada grupo foi submetido a quatro procedimentos, que consistiam em (1) leitura de uma matéria jornalística com velocidade de leitura própria; (2) rememoração de toda a matéria lida, sem necessariamente verbalizar, porém seguindo os direcionamentos de um protocolo; (3) digitar a matéria na íntegra em um computador, tal como lembravam. Tiveram nesse momento a liberdade para alterar qualquer informação rememorada; (4) escrever um

resumo da matéria em questão, contendo entre 60 e 80 palavras – quantidade estabelecida para facilitar a comparação entre os resumos.

Como resultados, encontraram que o tamanho e tempo para produção dos resumos não variou entre os três grupos, uma vez que o número de palavras foi restrito. Quanto às lembranças, identificaram que, enquanto a reprodução de proposições caiu de 72% no primeiro grupo para 48% no terceiro grupo, houve o dobro de reconstruções entre o primeiro e terceiro grupo, indicando que quanto menos material era lembrado do texto, mais elementos eram adicionados pelos processos de produção dos participantes. Apesar da constatação de alterações feitas pelos participantes da pesquisa em relação ao texto original, a qualidade de tais alterações não foi investigada, uma vez que o foco do estudo estava na identificação das porções lembradas do texto para a confirmação da teoria de macro-estruturas semânticas.

Abordagens subsequentes às que apresentamos de van Dijk e Kintsch (1978) ocorreram utilizando a reapropriação do conceito de esquemas. Um exemplo são os estudos de Durham (1990; 1994), cujo foco investigativo estava em compreender de que forma a estrutura da notícia interfere nos processos de lembrança e compreensão textual. A autora se reporta à Bartlett como idealizador do termo esquema, porém organiza seu texto de modo a apoiar a reformulação do termo gramática de texto (text Grammar) como sendo o conceito adequado para a compreensão de esquemas aplicado à compreensão textual. Dessa forma, esquema foi definido como “enquadramento mental genérico para a representação hierárquica do conhecimento” (1994, p.2). Para a autora, as informações recebidas da mídia seriam codificadas e estocadas na memória através de um esquema determinado.

Para atingir seus objetivos investigativos Durham (1990), introduziu uma sistematização para tratamento do texto jornalístico impresso, considerando a estrutura de formatação textual e as reproduções escritas de 104 participantes universitários e leitores diários de jornais. A autora utilizou os conceitos jornalísticos de pirâmide invertida e pirâmide invertida modificada (Newson & Wollert, 1988) que correspondem às formas de produção da notícia jornalística quanto à importância dos tópicos e detalhes. A partir da concepção de que cada parte da pirâmide invertida modificada (que direciona a produção de textos com mais detalhes) corresponde a um nodo básico na gramática de história de Mandler e Johnson (1977), a pesquisadora sugeriu a divisão da notícia nas partes que correspondem à pirâmide invertida e utilizou os critérios de acurácia (correspondia a 1 ponto) ou distorção (0,5 ponto) para mensurar a porcentagem de fidelidade e infidelidade à matéria jornalística original.

A pirâmide invertida contempla segundo Newson & Wollert (1988) os seguintes tópicos:

Lead- responde às questões, o quê, quem, quando, como, onde e por quê.

Tie-in - parte que liga o lead ao restante ao corpo do texto

Body - (a) desenvolvimento dos elementos mais importantes do lead ;

(b) segundo elemento mais importante da notícia;

(c) Mais desenvolvimento do elemento mais importante da matéria;

(d) outros elementos

(e) o último fato importante – nada novo é introduzido

A pirâmide invertida modificada (Newson & Wollert, 1988) utilizada pela pesquisadora contempla:

Lead- que corresponde as partes iniciais no texto, contendo um resumo dos fatos ao responder às questões, o quê, quem, quando, como, onde e por quê.

Tie-in – parte que liga o lead ao restante do texto, expondo alguma informação contida no lead.

1ª parte – Explica como algo aconteceu. Explicação do incidente do lead, citações, significado ou cenário do evento.

2ª parte – Contém informação adicional sobre o fato mais importante do lead com algo que dê credibilidade ou significância à informação do lead.

3ª parte – tema secundário ou documentação para o lead.

4ª parte – parte que não contem detalhes em relação ao lead.

A maioria dos autores que citamos utilizou a matéria jornalística impressa como objeto de estudo, sendo a forma escrita da notícia também é a nossa opção. Compreendemos que, apesar de todas as transformações que o processo de produção noticiosa tem sofrido com o advento da Internet, o texto permanece como a base da externalização jornalística, independentemente da mídia utilizada. É através do texto que as ideologias do veículo de comunicação são expostas e é também através dele que a vida cotidiana é relatada segundo a experiência do jornalista que vivencia o fato. Compreendemos ainda que, se observarmos os estudos sobre rememoração do texto jornalístico com olhar cuidadoso, é possível identificar o quanto do conteúdo exposto ao leitor foi apreendido, revelando também apreensão de aspectos ideológicos expressos nos textos.

Atentos aos processos de produção e veiculação de notícias nos portais de notícia pernambucanos, optamos por utilizar uma matéria de meio digital que preserva as características de produção do jornal impresso, a partir dos parâmetros da pirâmide invertida. Alguns autores defendem um processo de produção textual diferente para o meio digital devido às possibilidades hipertextuais que alteram o fluxo de leitura (Salaverria,1999, Canavilhas, 2001, 2006), porém a transição entre o jornalismo online (que preserva características textuais semelhantes ao jornalismo impresso) e o webjornalismo (que lança mão da hipertextualidade própria da internet para informar), exige um aprimoramento técnico dos profissionais e esse aspecto exige mudanças estruturais nas grades curriculares das universidades, na mentalidade das empresas de comunicação, além de tempo para implementação de novas propostas (Canavilhas, 2006).

3.3 De volta aos esquemas segundo Bartlett

Os estudos voltados para a rememoração da matéria jornalística, seja a partir de imagens ou textos tem em comum o interesse em verificar quão acuradas eram as notícias rememoradas. Percebemos também que as sucessivas adaptações do conceito original de esquemas configuraram estudos distanciados da realidade cotidiana mutável, dinâmica e que permite mais transformações adaptativas do material rememorado do que a reprodução acurada.

Diante do panorama que traçamos, buscamos no presente estudo o resgate da proposta original de esquemas, tal como cunhada por Bartlett para o estudo da rememoração de moradores da Região Metropolitana do Recife a respeito de um texto jornalístico noticioso local. A nossa intenção com este estudo é ampliar a compreensão do fenômeno da rememoração na perspectiva reconstrutiva a partir de um redirecionamento teórico à proposta inicial de Bartlett. Para isso nos filiamos ao campo da Psicologia Cultural Semiótica, área que nos fornece suporte teórico-metodológico para nossa abordagem.

4 O PRESENTE ESTUDO

A Psicologia Cultural Semiótica considera a unicidade dos participantes, e das ocorrências de fenômenos em um tempo irreversível, como centrais para o estudo da emergência, manutenção e dissolução de signos no processo de construção de significados (Valsiner, 2012, 2014). Em nossa proposta, baseada nas investigações de Bartlett (1932) e Wagoner e Gillespie (2013), consideraremos a mediação semiótica utilizada para sanar dificuldades à rememoração de uma matéria jornalística (emergência de signos), assim como a manutenção de signos oriundos das culturas pessoais e coletivas, deflagrando o processo de convencionalização do mesmo conteúdo rememorado.

Para Valsiner (2014), os métodos precisam demonstrar as formas de organização da psique através de signos. Portanto, julgamos adequado o uso de um método de caráter microgenético, sensível ao funcionamento individual dos participantes e capaz de capturar as transformações qualitativas do conteúdo rememorado à medida que ocorrem (Wagoner, 2009).

Para atender a essa demanda, filiamo-nos à Psicologia Cultural Semiótica, que aceita a complexidade e o dinamismo dos fenômenos estudados através da concepção de uma metodologia cíclica, na qual são consideradas teorias, métodos, fenômenos, assim como a subjetividade do pesquisador que “experimenta os fenômenos intuitivamente, em conexão com seus axiomas, construindo teorias a partir de sua perspectiva social” (Valsiner, 2012, p.301).

As partes que compõem o chamado “ciclo metodológico” se abastecem mutuamente construindo dados para compreensão do fenômeno a partir das abstrações decorrentes da relação método-fenômeno (Branco & Valsiner, 1997; Valsiner, 1999, 2012, 2014). A construção de dados reserva como finalidade a interpretação ou modelagem da dinâmica tal como ocorre localmente no estudo, sendo caracterizada como uma instanciamento definida pela teoria geral (Salvatore, 2014). E são justamente as sucessivas modelagens que se aproximam das generalizações científicas.

A construção do modelo genérico para a natureza sistêmica do fenômeno exige uma pequena quantidade de casos, havendo por parte da literatura, a sugestão de dois casos extremos representativos do fenômeno e um caso intermediário (Valsiner, 1999, p.77-78).

4.1 Objetivos

Objetivo principal de nosso estudo é compreender, através da reconstrução mnemônica, como uma matéria jornalística escrita é reconstruída e, desta forma, discernir a dinâmica da construção e reconstrução de significados imersos em uma cultura coletiva.

Com este objetivo utilizamos um material jornalístico da imprensa local (Recife, PE) e investigamos moradores da Região Metropolitana do Recife. Diante das constantes transformações que comumente ocorrem quando mensagens são recontadas e lembradas por pares sociais, temos como objetivos específicos :

Objetivo específico 01: Compreender como ocorre o processo de convencionalização, tal como proposto por Bartlett (1932) e estudado por outros autores (Wagoner & Gillespie, 2013; Nadel, 1936; Maxwell, 1937) face a matéria jornalística escrita.

Objetivo específico 02: Identificar quais são os tipos de mediadores socioculturais da memória utilizados durante as lembranças da matéria jornalística.

Objetivo específico 03: Identificar uma possível relação entre esses mediadores socioculturais durante as lembranças de matéria jornalística.

4.2 Participantes

Participaram de nossa pesquisa 8 pessoas de ambos os sexos, com idades entre 18 e 32 anos, moradores da Região Metropolitana do Recife, no estado de Pernambuco. Os participantes de pesquisa foram divididos em 4 duplas, sendo 2 delas formadas por estudantes do curso de Direito, leitores diários de periódicos; e 2 formadas por pessoas que cursaram até o ensino médio, leitoras esporádicas de periódicos. Todos os participantes do nosso estudo leram e concordaram com o TCLE (Apêndice C).

A formação das duplas se deu por afinidade entre os participantes. Inicialmente convidamos 4 pessoas através de conhecimento pessoal e solicitamos que esses convidassem alguém com quem costumassem conversar e tivesse afinidade. Para os estudantes de direito acrescentamos a exigência do parceiro também ser estudante de direito e leitor diário de periódicos. A escolha pelos estudantes de direito ocorreu devido à natureza da notícia

utilizada em nosso estudo, que abordava assuntos relacionados ao universo do direito, como roubos e criminalidade.

A escolha por duplas foi feita para que uma janela de diálogo fosse formada e, a partir disso, os mediadores socioculturais da memória externalizados fossem analisados durante o processo de rememoração. Este método, que foi uma adaptação de Wagoner e Gillespie (2013) para o método de reprodução repetida de Bartlett (1932), ao dispor os participantes em duplas, considera que as demandas de um integrante podem ser atendidas por ele e também pelo parceiro, destacando mediadores e permitindo o fluxo de rememoração, como costuma ocorrer quando as pessoas se reúnem para comentar determinado conteúdo.

Optamos por dividir os participantes em duas categorias para facilitar nossa análise à luz de estudos anteriores que utilizaram como participantes de pesquisa os estudantes universitários (Wagoner & Gillespie, 2013; Durhan, 1990). Porém, também desejamos avaliar como o processo de rememoração ocorria para pessoas que não eram estudantes universitárias e nem leitoras assíduas de periódicos, mas que tivessem conhecimento das notícias circulantes sobre a greve referida no texto escrito. Nossa divisão não se deu, portanto, para fins comparativos entre nossos casos, mas para explorar participantes com dois níveis de instrução diversos: escolaridade superior em direito e ensino médio completo.

Além do critério de escolaridade e idade, solicitamos que todos os participantes estivessem na Região Metropolitana do Recife nos meses de abril, maio e junho de 2014, época em que a greve da Polícia Militar ocorreu e foi noticiada pela mídia local e nacional, gerando comoção, sobretudo, nos municípios de Paulista, Recife e Abreu e Lima. A escolha por esses três meses se deve ao volume de notícias relacionadas às articulações de sindicatos para organização da greve, a greve propriamente e os efeitos da greve, que ainda atendia aos critérios de noticiabilidade¹, principalmente para atender às demandas de telejornais locais.

Devido a necessidade de repetição do procedimento de reconstrução, o uso de um tema potencialmente interessante para os participantes se fez necessário visando a manutenção do interesse em rememorar. Devido ao fato de esta greve ter sido, até o período da implementação do projeto, um evento que causou mobilização no estado de Pernambuco, compreendemos que ele oferecia chances para que os participantes se envolvessem mais nas rememorações, por terem vivenciado as situações.

¹ Conjunto de características que um fato deve ter para ser considerado notícia, como por exemplo, a relevância e o caráter inusitado.

Matéria jornalística utilizada em nosso estudo:

O texto jornalístico que utilizamos em nosso estudo possui 394 palavras, quantidade similar à adotada por DeFleur e Cronin (1991) e foi extraído do portal de notícias do Diário de Pernambuco em meados de maio de 2015. À época, o conteúdo textual referente à matéria era conforme consta abaixo. Para a finalização deste estudo em 2016, percebemos que houve o acréscimo de uma linha fina (frases que sintetizam a matéria) abaixo do título, apesar disso, seu conteúdo não foi alterado, conforme pode ser verificado no Apêndice B. Dentre os textos disponíveis, este apresentou maior número de detalhes sobre o evento e por este motivo foi escolhido para o estudo.

Vândalos deixam rastro de caos e violência

A presença das forças federais não impediu que a onda de saques e arrastões prosseguisse ontem na Região Metropolitana do Recife. Crianças, donas de casa, idosos, motociclistas e adolescentes disputavam quem conseguia carregar mais objetos usando apenas as mãos. Os saques reforçaram o clima de insegurança e somaram-se aos registros de assaltos e arrastões.

Apenas em Abreu e Lima, cerca de 100 lojas foram saqueadas. Em Paulista, aproximadamente 60 lojas foram invadidas e roubadas. No Recife, estabelecimentos como o Carrefour e o Extrabom de Boa Viagem, além do Bompreço do Arruda, entraram na lista. Equipes de reportagem do Diário flagraram ações criminosas.

Na Estrada dos Remédios, Afogados, muitos saqueadores gargalhavam ao sair da loja de eletrodomésticos Eletroshopping com geladeiras, computadores e aparelhos de televisão nas mãos. A loja já havia sido assaltada no início da manhã de ontem. Por volta das 7h30, funcionários do estabelecimento foram abordados quando abriam o estabelecimento.

Dois homens armados levaram todos os produtos que estavam na vitrine e pertences dos trabalhadores. No fim da manhã, um grupo voltou ao local para levar o que restou do assalto. Um homem sem camisa ainda tentou levar a câmera fotográfica da equipe que registrava o saque. A poucos metros da loja, um Chevrolet Montana de cor vermelha aguardava os saqueadores para transportar os eletrodomésticos roubados.

Um esquema semelhante foi flagrado pelo Diário em Paulista. Uma Kombi ficou parada a poucos metros da Eletroshopping saqueada no Centro do município. O veículo levava os objetos. A Eletroshopping foi o segundo alvo dos saqueadores. Inicialmente, mulheres e homens adultos, idosos, crianças e adolescentes tentaram arrombar a Elektra. Seguranças armados deram tiros para o alto, dispersando o grupo, que seguiu para a Eletroshopping.

As portas quebradas das lojas do trecho da BR-101 que corta Abreu e Lima, na Região Metropolitana do Recife, denunciavam a violência dos saques. As lojas, como Insinuante e LaserEletro, e o supermercado Todo Dia foram alguns dos estabelecimentos atingidos na cidade. Nos locais, foram encontradas pedras e máscaras utilizadas pelos saqueadores.

A câmera de segurança do núcleo da PM que fica em frente à loja não estava funcionando. Policiais que estavam no local guardavam apenas o patrimônio da corporação. Segundo um dos PMs, que não quis se identificar, os militares foram avisados sobre os saques. “Disseram que se saíssemos do posto, roubariam as armas”, contou.

4.3 Método

Para obter os dados empíricos, nosso método foi dividido em três procedimentos realizados no mesmo dia, na residência de um dos participantes das duplas.

Procedimento 01- Leitura da matéria e primeira reconstrução textual.

1. A Pesquisadora entregou aos participantes, um *tablet* com a matéria jornalística que deveria ser lida. Havia na tela apenas o texto original da matéria extraída do site do Diário de Pernambuco, do dia 16 de maio de 2014.
2. Cada dupla era instruída a ler duas vezes o texto em ritmo normal, sem pressa;
3. Depois que as duplas terminavam de ler, a pesquisadora retirava o *tablet* e fazia uma curta contextualização a respeito do texto lido, informando que o texto pertencia a uma série de reportagens sobre a greve de policiais militares e bombeiros ocorrida em 2014. Isso se fez necessário porque matéria que escolhemos, apesar de citar os incidentes da greve, não se refere a ela explicitamente.
4. Os participantes receberam uma folha A4 em branco e uma caneta, eram informados de que poderiam usar o tempo que desejassem para a realização da tarefa e que deveriam entregar a folha quando terminassem. Após isso, era dada a seguinte instrução:
“Em dupla, discutam e escrevam a história lida antes, de forma a reproduzi-la o mais fielmente possível. Se vocês decidirem mudar o que vocês escreveram anteriormente, riscuem a palavra passando um traço e continuem a escrita”.

Procedimento 02- tarefa distratora

O nosso estudo está baseado na passagem do tempo e nas alterações que tal passagem podem acarretar no processo de memorização. Por outro lado, em nosso caso específico, a passagem do tempo poderia significar tanto a dispersão das duplas, impossibilitando um próximo encontro, quanto sucessivas releituras da matéria oferecida no primeiro procedimento (como no estudo de Wicks, 1984), por ser este um texto disponível para todos os internautas.

Para sanar este entrave, lançamos mão de uma tarefa distratora, um vídeo de assunto distinto, que permitiu que o tempo transcorresse, sem que a atenção das duplas estivesse voltada para assunto do procedimento 01 e sem a necessidade de agendar outro dia para um próximo encontro.

O vídeo da tarefa distratora, teve duração de 15 minutos, está disponível na plataforma digital YouTube e tem como tema principal os cânions e vegetações do Rio Grande do Sul. O procedimento 02 foi conduzido segundo os seguintes passos:

1. Após a primeira reprodução, as duplas devolviam a caneta e o papel à pesquisadora;
2. A pesquisadora falava um pouco sobre a segunda atividade, informando que seria uma atividade voltada para atenção e , com isso, pedia que os participantes prestassem bastante atenção ao vídeo que seria reproduzido. Ao final seria feita uma pergunta.
3. O vídeo era reproduzido para a dupla, com o apoio de um fone de ouvidos;
4. Ao final, a pesquisadora fazia uma pergunta referente ao conteúdo do vídeo: *“Qual o tipo de veado específico desta região. Vocês lembram?”* (Resposta: *veado campeiro*)
5. Entre o início e o final do segundo procedimento, estimamos a passagem de 20 minutos para cada dupla, havendo uma diferença de 50 minutos a uma hora entre a leitura da matéria jornalística e o final do procedimento 2 com a tarefa distratora.

Procedimento 03 – segunda reconstrução

1. A pesquisadora informava que a execução do terceiro procedimento exigia a passagem do tempo, então a atividade com o vídeo foi feita para aproveitar melhor o tempo de encontro e possibilitar a passagem do tempo.
2. Após a tarefa distratora, cada dupla foi solicitada a reproduzir novamente a matéria jornalística lida no início do encontro.
3. Os participantes recebiam outra folha de papel em branco, uma caneta e a seguinte instrução *“em dupla, discutam e escrevam a matéria lida no início do nosso encontro, da forma mais fiel possível. Se vocês decidirem mudar o que vocês escreveram anteriormente, riscuem a palavra passando um traço e continuem a escrita”*
4. Após esta segunda reconstrução, foi realizado um questionário (Apêndice D) semi-aberto sócio-demográfico e também com questões sobre hábitos de consumo midiáticos.

4.4 Procedimentos para construção de dados

Nosso estudo nos fornece duas fontes para construções de dados: uma fonte escrita, referente às duas reconstruções escritas da matéria jornalística, por cada dupla ; e uma fonte em áudio, referente aos diálogos das duplas durante as lembranças. Para cada uma das

fontes adotamos procedimentos de análise e codificação específicos, conforme apresentaremos a seguir.

4.4.1 Procedimentos para construção de dados a partir das reconstruções escritas: identificação de distorção e acurácia.

Procedimento para a divisão do texto jornalístico utilizado

Assim como na pesquisa de Wagoner e Gillespie (2013), nossa abordagem utiliza as acurácias e distorções apenas para identificar o quanto da matéria destoa da original sendo, portanto, reconstruída de outras formas pelos participantes.

O nosso texto será dividido em partes segundo o conceito de Pirâmide invertida modificada (Newson & Wollert, 1988), correspondente a um procedimento de construção da notícia jornalística que considera a disposição de elementos e detalhes do fato noticiado. Este mesmo procedimento também foi feito por Durham (1990; 1994) para sugerir uma sistematização do estudo sobre rememoração da matéria jornalística escrita. Utilizamos esta proposta de sistematização, assim como Wagoner e Gillespie (2013) utilizaram as divisões propostas por Mandler e Johnson (1977) para o texto específico que eles trabalharam na investigação.

Nosso objetivo com esta divisão (Apêndice A) é delimitar um parâmetro de análise para todas as partes escritas pelos participantes em cada uma das reproduções. As partes que compõem a divisão da nossa matéria são as que apresentamos abaixo.

Lead- que corresponde às partes iniciais no texto, contendo um resumo dos fatos ao responder as questões, o quê, quem, quando, como, onde e por quê.

Tie-in – parte que liga o lead ao restante do texto, expondo alguma informação contida no lead.

1ª parte – Explica como algo aconteceu. Explicação do incidente do lead, citações, significado ou cenário do evento.

2ª parte – Contém informação adicional sobre o fato mais importante do lead com algo que dê credibilidade ou significância à informação do lead.

3ª parte – tema secundário ou documentação para o lead.

4ª parte – parte que não contém detalhes em relação ao lead.

Procedimento para análise das reconstruções escritas a partir da divisão do texto jornalístico utilizado.

A partir dos critérios descritos acima, associamos as partes contidas no texto original às partes dos textos escritos pelas duplas reproduzindo a matéria oferecida. Utilizamos o mesmo critério de identificação de acurácia e distorção utilizado por Durham (1994), classificando com **01 ponto** os fragmentos acurados e com **0,5 ponto** os fragmentos distorcidos.

4.4.2 Procedimentos para construção de dados a partir das transcrições: codificação de mediadores

A partir das transcrições das duplas foi construído um protocolo² de mediadores desenvolvido a partir dos estudos de Wagoner e Gillespie (2013). Os critérios de codificação correspondem aos listados abaixo:

Coerência Narrativa: este mediador é identificado quando ocorre uma sequência de atos na qual o segundo depende do primeiro. Codificamos a partir de expressões que sugerem sequência, como: “aí então”, “depois disso”, “aí”, “...e ...”, entre outros.

Dedução: Identificamos este mediador quando o arranjo das informações ocorrerem segundo a lógica ou às crenças provenientes do senso comum.

Repetição: Identificamos este mediador quando palavras ou termos são repetidos duas ou mais vezes. A cada repetição consideramos uma ocorrência.

Questionamentos: Identificamos os questionamentos quando há interrogações ao final da frase. Cada interrogação será considerada uma ocorrência.

² O protocolo é expresso através do número de ocorrências nas tabelas 4,5,6,e,7, do capítulo 5

Deferimento: Este mediador é verificado quando um participante discorda da postura do outro, favorecendo a mudança de perspectiva sobre um tema. Consideraremos para codificação, as ocorrências de partículas negativas, como “não”, ou que sinalizam desaprovação, como “isso está errado”.

Imagem: imagens visuais distanciam os sujeitos da realidade apresentada e podem ser verificadas em duas situações:

(a) quando os participantes usam expressões, como: “eu me lembro”, “eu recordei”, “eu lembro claramente a frase”, “tudo o que eu lembro é”, etc.

(b) Quando os participantes demonstrarem distanciamento do texto, com lembranças da greve, assim como de seu contexto.

Legenda das transcrições

[...]	Parte omitida da transcrição original
(...)	Ruído não identificado no áudio
(nome do mediador)	identificação do mediador no trecho anterior sublinhado
[comentário]	Comentário da pesquisadora acrescentando ou esclarecendo partes dos diálogos
(texto)	Ação dos participantes durante os diálogos
...	Hesitação

Codificação das duplas

Dupla	Nome dos participantes	Nível de instrução
01	Mara e Laura	Estudantes de Direito
02	Lucas e Elaine	Estudantes de Direito
03	Emily e Karla	Ensino Médio
04	Carmem e Paloma	Ensino Médio

5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Encontramos dois tipos de resultados que se relacionam: o primeiro diz respeito à convencionalização do conteúdo rememorado, nos termos de Bartlett (1932), ou seja, o processo de transformação de elementos rememorados para ir assumindo significados familiares ao participante que rememora, guiados tanto por aspectos da história do participante como por aspectos que são ditados por crenças e costumes social e culturalmente construídos. O segundo resultado encontrado nos parece mais original e, nesse sentido, destaca-se como o principal resultado advindo deste estudo. Pode ser resumido como a proposta de que os mediadores socioculturais atuam formando uma organização hierárquica. Procuraremos explicá-los abaixo. Os dois tipos de mediadores socioculturais identificados na rememoração do texto escrito de jornal, chamaremos de Mediadores Primários e Mediadores Secundários.

5.1 Convencionalização

Aproximamo-nos dos resultados obtidos por Bartlett (1932) uma vez que as primeiras rememorações estabeleciam a forma e a ordem para as segundas, havendo omissão de detalhes, simplificação e convencionalização de eventos, sobretudo na segunda rememoração. Exemplo disso pode ser visto quando as duplas iniciavam a segunda rememoração recapitulando a disposição de elementos e assuntos da primeira, como apresenta Mara (dupla 03): *“no primeiro parágrafo a gente não lembra muito. Talvez seja ficar igual ao que era”*, ou Lucas (Dupla 02): *“da outra vez a gente botou Bompreço”*.

A manutenção de elementos da primeira rememoração pode ser vista também a partir da porcentagem que obtivemos nas duas rememorações escritas de cada dupla. Na tabela 1 identificamos que as partes escritas das rememorações apresentaram porcentagens de acurácia similares entre a primeira e a segunda reconstrução, ao passo que as transcrições (analisadas mais adiante) revelaram o uso de estratégias de rememoração diferentes entre a primeira e segunda reconstrução de cada dupla.

Dupla	Porcentagem de acurácia 1 ^a rememoração	Porcentagem de acurácia 2 ^a rememoração
Dupla 01	43,75%	43,75%
Dupla 02	50%	68%
Dupla 03	62,5%	62,5%
Dupla 04	6,25%	6,25%

Destacamos a segunda rememoração da dupla 02, onde houve um aumento da porcentagem em função da pontuação mais elevada no *lead* e também a porcentagem obtida pela dupla 04 (6,25%). Esta última dupla apresentou duas rememorações distantes da literalidade da matéria jornalística, mas ainda assim, as participantes encontraram estratégias de rememorar o texto, sobretudo utilizando a própria experiência que tiveram com a greve para auxiliar a rememoração.

A similaridade entre porcentagens sugere haver manutenção de elementos entre uma rememoração e outra, mas esse aspecto não indica necessariamente que os elementos foram rememorados da mesma maneira. Além disso, o que está fora da porcentagem, representando as distorções, erros e omissões indicam, para nós, os caminhos para identificar as convencionalizações que, conforme veremos, foram intensificadas na segunda rememoração com acréscimo de alguns elementos e adaptação de outros.

Apesar de o texto jornalístico ter um caráter cotidiano e ser referente à uma situação real vivida pelos participantes – ao contrário de “a guerra dos fantasmas”(Bartlett, 1932) – cada participante foi capaz de adaptar os temas centrais do texto às suas realidades e domínios dessas realidades. Isso pode ser visto nos exemplos das duplas 03 e 04, que convencionalizaram as localidades abordadas pelo texto aos bairros e ruas próximas às suas residências.

A participante Emily (dupla 03) substituiu na segunda rememoração o município de Paulista pelo bairro de Jardim Primavera – também chamado de Primavera –, próximo à São Lourenço da Mata, local onde vive: “*em primavera 60[lojas], não era?*”. Já a participante Carmem, da dupla 04 transformou o nome do supermercado naquele próximo à sua residência – o Hiper na Avenida Caxangá – e, assim, usando de uma convencionalização: “*pronto aí teve um saque no Carrefour, no Hiper da Caxangá e no Extra. Apesar de que eu não lembro disso*

não.”. Ficou claro para nós que a imersão dos participantes na cultura coletiva e as sucessivas tensões desta última com a cultura pessoal criaram caminhos únicos de rememorações que tendem para tornar os elementos rememorados familiares.

Notamos ainda que na segunda rememoração mais elementos externos ao texto foram adicionados para cumprimento da tarefa, como indicamos no exemplo da participante Emily substituindo o nome do local abordado pelo texto por outro externo ao texto. Fica também evidente na segunda rememoração das duplas 01 e 02 que, diante da necessidade de cumprir a tarefa, adicionaram elementos referentes às estratégias de fuga e furto de criminosos. Nos exemplos abaixo sublinhamos os elementos adicionados pelos participantes:

Dupla 01 – Rememoração 02

Laura - sim, a história do carro é que eles ficavam esperando perto, nesse Chevrolet... num carro vermelho que eu não lembro mesmo se era Chevrolet mesmo.

Mara - uma parte do grupo entrava

Laura - como se fosse isso, assim. Eles tiraram a câmera de segurança da loja, saquearam a vitrine. Eu lembro que tinha alguma coisa que deixava pertences da corporação. Eu lembro que era alguma coisa do tipo assim. (...) saquearam as vitrines

Mara- roubaram as câmeras que estavam filmando.

Laura - foi? E teve isso também?

Dupla 02 – Rememoração 02

Lucas - Da Montana [marca de carro] não foi quatro, não? Onde dois saqueavam e dois aguardavam?

Elaine - eu não vi isso não (risos) eu só sei que quem aguardava era a Montana, mas se tinham duas pessoas nela não sei não.

O exemplo acima da dupla 01 apresenta o acréscimo da estratégia de roubo “*uma parte do grupo entrava*” e a retirada de câmeras de segurança da loja. As câmeras citadas no texto, referem-se àquelas que estavam quebradas no posto policial, não às câmeras da loja. Já a dupla 02 acrescenta a organização dos criminosos em relação ao carro que transportava os produtos furtados: “*Onde dois saqueavam e dois aguardavam*”.

Nesse ponto nosso resultado se aproxima também dos estudos de van Dijk e Kinsch (1978), que também estudaram textos jornalísticos, na identificação de que a passagem do tempo permite substituição do material pouco lembrado por outros elementos próprios dos

participantes. Em nossos casos temos que os estudantes de direito acrescentaram elementos que compõem a ação criminosa na segunda rememoração, enquanto a participante Carmem (dupla 04) acrescentou elementos autobiográficos, na primeira rememoração e intensificados na segunda: *“eu lembro que eu faltei foi aula porque teve muito arrastão no Derby, muito policial, aí o professor pedia pra gente não ir.”*

Constatamos ainda que, os participantes privilegiaram a rememoração a partir de temas centrais abordados pelo texto, tal como aponta o resultado de Graber (1988) sobre o processamento de notícia jornalística ou ainda a proposta de macro-estrutura semântica de van Dijk e Kintsch (1987). Para ilustrar, trazemos o exemplo de Laura (dupla 01) que utilizou o conhecimento sobre as lojas abordadas pelo texto sob o rótulo de “grandes lojas” para a primeira rememoração: *“Saque às grande lojas, como o que?”* e também o direcionamento dado por Elaine (dupla 02) para a rememoração a partir de três localidades centrais apontadas pelo texto: *“São três cidades. A do meio é Paulista”*

Sabemos que o jornal é capaz de articular e fornecer elementos que julga relevantes para que o leitor construa significados. Porém, a capacidade humana de construir significados pode ultrapassar o que foi previamente estabelecido pelos meios de comunicação, uma vez que o ser humano age no mundo dinamicamente, sempre construindo sínteses particulares a respeito das mensagens recebidas. Isso pode ser visto nos exemplos que demos sobre a convencionalização de lojas abordadas pelo texto ou acréscimo de detalhes que não continham no texto.

Nesse sentido, os participantes de nosso estudo foram direcionados pelo próprio conteúdo do texto como possibilidade de facilitar a lembrança. Porém a forma de apropriação desses tópicos centrais do texto foi única, sinalizando que a cultura pessoal funcionou como filtro, para direcionar o tipo de conteúdo rememorado a partir do tópico textual.

Com isso verificamos que apesar de o conteúdo textual servir de base para a lembrança, o processo de rememoração do conteúdo jornalístico privilegiou organizações particulares dos conhecimentos prévios dos participantes, tais como os conhecimentos lingüísticos (Mara dupla 1– *“o segundo parágrafo já.”*), conhecimento de mundo orientados para a geografia da Região Metropolitana; (Carmem dupla 4 – *“foi Arruda! [bairro] não tem o Hiper Ali no Arruda?”*) conhecimento sobre crimes e estereótipo do criminoso (Karla dupla 03 – *“quem fez a maioria dos roubos não eram pessoas envolvidas neste mundo de crimes”*), entre outros (van Dijk, 2005).

Nossa investigação não se propõe a ser um estudo comparativo, porém encontramos semelhanças e diferenças entre os estudantes de Direito e as demais. Os estudantes de Direito

do nosso estudo utilizaram os conhecimentos da norma padrão da língua portuguesa como caminhos de rememoração. Isso pode ser visto no exemplo das primeiras rememorações de Laura (dupla 01) aponta “*Tem um parágrafo que a gente tá esquecendo. Que o texto tinha uns quatro parágrafos*” e Elaine (dupla 02): “*mas já é a segunda parte do texto*”.

Já os participantes que possuíam escolaridade até o Ensino Médio, conduziram as rememorações, sobretudo, a partir de aspectos afetivos. Para a Psicologia Cultural Semiótica a construção de significado é tanto cognitiva, quanto afetiva uma vez que o participante primeiramente sente-se afetado, positivamente ou negativamente, pelo elemento a ser significado (Valsiner, 2012). Por experiência afetiva, portanto, reconhecemos o que afeta o participante e torna-se explícito via externalização e vimos isso ocorrer a partir dos comentários sobre lembranças de notícias da época da greve em 2014, experiências autobiográficas com a greve e com pontos que declaradamente chamaram atenção, portanto os concebemos como emocionalmente carregados. Como exemplo de lembranças das notícias do período, temos a fala de Emily (dupla 03), “*eu recordo que até foi passado numa matéria depois que teve uma pessoa que foi lá devolver, né?*” ou Carmem (dupla 04) “*a imprensa falou que eles pediram pra que devolvessem os objetos.*”

Nos dois exemplos a devolução de objetos após a greve não constava no texto original e este aspecto foi noticiado pela mídia nos meses de maio e início de junho. Destacamos o ato de devolver objetos roubados com a característica de valor porque a participante Carmem julga a ação de quem cometeu os furtos: “*Ridículo, né rapaz? Pegar o que não é seu*”, indicando para nós que ela valora negativamente esse tipo de ação. Na segunda rememoração da dupla 04 este aspecto torna-se ainda mais evidente, com sucessivas repetições do verbo “*devolver*”: Carmem – “*Fala que a polícia pediu pra que devolvesse depois que acabou a greve. Aí tu bota que a polícia pediu pra que devolvesse e até hoje não se sabe se foi devolvido ou não. Se não devolvesse a mercadoria, os objetos roubados. Até hoje não se sabe se foi devolvido todos [...]*”

Os aspectos afetivos também diziam respeito ao que declaradamente chamou atenção como alega Emily: “*o que me chamou bastante atenção é que eram pessoas comuns, né? Não eram pessoas assim, que já praticavam assaltos*” e também às experiências autobiográficas, como indica Carmem: “*eu lembro que eu faltei foi aula porque teve muito arrastão no Derby*”.

Neste ponto destacamos também que as participantes das duplas 3 e 4 sentiam-se mais à vontade quando não havia necessidade de escrever ou se basear diretamente pelo texto,

como aponta Carmem (dupla 04), que julgou ser *“mais fácil a gente lembrar assim do que aconteceu do que está escrito”*.

Estudos anteriores, como Middleton & Edwards (1990), já indicavam algo similar. Esses pesquisadores observaram que os relatos a respeito de um filme em questão mudaram de avaliações rigorosas e críticas, para avaliações pessoais e reações emocionais quando os participantes entendiam que o experimento havia terminado, um exemplo vemos na fala de Emily (dupla 03) que diz respeito a “estar fora do experimento” e ser, assim, liberada de uma tarefa que, de certa forma, teria caráter formal: *“eu só consegui escrever até lojas (risos), mas tá sendo gravado, né?”* Durante a tarefa em si, pareciam perder a espontaneidade, como ocorreu com a participante Emily ao se apoiar no fato de a tarefa ter sido gravada e, com isso, aparentemente não ser necessária a escrita.

5.2 Mediadores Primários

Em estudo anterior, Wagoner e Gillespie (2013) identificaram que a auto-reflexão é o caminho através do qual a pessoa volta aos seus próprios esquemas. No campo metodológico, a parte perceptível dessa movimentação é verificada quando os participantes externalizam expressões que sugerem mudança de perspectiva ou hesitação. Porém, verificaram que, entre a necessidade de lembrar e a auto-reflexão propriamente, estavam presentes mediadores socioculturais da memória, elementos de origem sociocultural que auxiliavam diretamente o movimento auto-reflexivo.

O referido estudo indica também que existe uma “tecelagem de experiência prévia e sentimentos de ler a história (imagens e gestos rítmicos) com as expectativas culturais familiares (coerência narrativa e dedução).” (Wagoner & Gillespie, 2013,p.15). Assim sendo, a experiência prévia e o sentimento de ler o texto estariam relacionados aos mediadores socioculturais da memória “imagens e gestos rítmicos”, já as expectativas culturais familiares estariam atreladas aos mediadores socioculturais “coerência narrativa e dedução”. Apesar da referência feita a esta relação, não houve a exploração, oferecendo a estudos posteriores, como o nosso, a tentativa de sistematização da associação de mediadores.

Nossa análise indica que, para nosso texto, com nossos participantes, os mediadores compreendidos por Wagoner e Gillespie (2013), como responsáveis pela reconstrução mnemônica através de uma reformulação em torno dos esquemas da pessoa que rememora, apareciam como que relacionados ou conduzidos por outros mediadores, correspondendo a

mediadores mais amplos, que diziam respeito (a) aos assuntos principais do texto, (b) aos aspectos autobiográficos e (c) a aspectos normativos da língua portuguesa.

Debruçamo-nos, então, na qualidade desses mediadores mais amplos para rememoração do nosso texto e percebemos que eles possuíam similaridades e diferenças em relação aos mediadores socioculturais da memória, como compreendidos por Wagoner e Gillespie (2013). Similaridades porque também são elementos que ajudam a reconstruir a memória em face da tarefa de recordar, compondo assim, o processo de rememoração. Por este motivo, também consideramos o nosso achado como mediadores socioculturais da memória e para distinguir dos mediadores encontrados no estudo de Wagoner e Gillespie (2013), chamamos o nosso achado de Mediadores Primários.

O motivo dessa denominação ocorre porque os Mediadores Primários compõem o processo de rememoração aproximando os participantes do texto em questão e direcionando a ação de outros mediadores que favorecem a volta dos participantes aos seus próprios esquemas, tal como Wagoner e Gillespie (2013) identificaram. Neste ponto está a principal diferença entre o nosso achado e o dos referidos autores. Aos mediadores que favorecem a volta da pessoa aos seus esquemas, chamamos de Mediadores Secundários, uma vez que eles apareceram em nosso estudo guiados pelos Mediadores Primários. Utilizaremos as siglas MP (Mediadores Primários) e MS (Mediadores Secundários) para facilitar a identificação quando não utilizarmos as expressões “Mediadores Primários” e “Mediadores Secundários”.

Podemos ilustrar essa associação entre os Mediadores Primários e Secundários com um exemplo da dupla 01, que ao recordar os *procedimentos de crime* (MP) durante o arrastão utilizaram o *questionamento* (MS) como mediador responsável pela reformulação de esquemas.

Dupla 01 – Rememoração 02

Mara - como é a história do carro?

Laura - sim, a história do carro é que eles ficavam esperando perto, nesse Chevrolet... num carro vermelho que eu não lembro mesmo se era Chevrolet mesmo.

Mara - uma parte do grupo entrava

Laura - como se fosse isso, assim. Eles tiraram a câmera de segurança da loja, saquearam a vitrine. Eu lembro que tinha alguma coisa que deixava pertences da corporação. Eu lembro que era alguma coisa do tipo assim. (...) saquearam as vitrines

Mara - roubaram as câmeras que estavam filmando.

Laura - foi? E teve isso também?

Mara - teve. Ou não?

Laura - teve não, Mara, era só a câmera da polícia.

No exemplo vemos o envolvimento das duas participantes para reconstruir a ação dos assaltantes usando um carro vermelho. O exemplo ilustra o que a literatura diz do processo de interrupção do fluxo de pensamento (Wagoner, 2012). Inicialmente elas tem uma impressão geral sobre o que precisa ser recordado e disparam cronologicamente elementos para justificar essa impressão geral referente a um saque à loja (“*tiraram a câmera de segurança da loja, saquearam a vitrine..*”). Em um segundo momento, verificaram se as suas disposições estavam adequadas usando o questionamento (MS) para isso. Esse processo evidenciou o ato de as participantes se voltarem aos seus próprios esquemas, porém observamos que elas não fizeram isso utilizando diretamente o questionamento. Antes, foi necessário o levantamento de um tópico específico para o qual elas deveriam dirigir a atenção. Sendo assim, temos os Mediadores Primários conduzindo a atuação dos Mediadores Secundários, ou, em outras palavras, o *questionamento* funcionou como Mediador Secundário (favorecendo a reflexão em relação ao que realmente pode ter ocorrido) e foi direcionado pelo Mediador Primário *procedimentos usados em crimes*.

A Psicologia Cultural a qual estamos filiados, compreende a ação humana orientada para metas em um tempo irreversível (Valsiner, 2012; 2014), nesse sentido, enquadramos esses direcionamentos oferecidos pelos Mediadores Primários como metas pontuais que buscam atender ao objetivo maior de cumprir a tarefa de rememorar o texto na íntegra. A função direcionadora dos Mediadores Primários permitiu que os participantes utilizassem Mediadores Secundários variados para atender a um mesmo mediador primário. Para ilustrar, tomemos novamente o exemplo dado acima da dupla 01, onde Mara e Laura reconstroem a cena do crime. Além do *questionamento* (MS) utilizado para as participantes se voltarem aos seus esquemas, conforme comentamos, percebemos também que Laura utiliza *imagens* (MS) com o mesmo objetivo: “*como se fosse isso, assim. Eles tiraram a câmera de segurança da loja, saquearam a vitrine. Eu lembro que tinha alguma coisa que deixava pertences da corporação. Eu lembro que era alguma coisa do tipo assim. (...) saquearam as vitrines*”. Tanto o Mediador Secundário *imagem*, quanto o Mediador Secundário *questionamentos*, estão mediando a rememoração direcionados pelo mediador primário *procedimentos usados em crimes*. Ambos foram utilizados direcionados pela necessidade de rememorar como o crime ocorreu, deflagrando que os Mediadores Secundários utilizam a atividade organizadora dos Mediadores Primários.

Diferentemente dos estudos que abordam a rememoração do texto jornalístico (capítulo 03), a noção de esquemas em nossa investigação obedece ao conceito inicial tal como cunhado por Bartlett (1932), no qual esquemas são uma massa organizada de influências oriundas de diversas fontes, a partir das quais os participantes podem trabalhar na busca pelo significado do momento presente. Sendo assim, se neste estudo delimitamos características de mediadores ou sugerimos hierarquia, não o fazemos no sentido de circunscrever esquemas, enquadrando-os em estruturas fixas (como fizeram Shank & Abelson, 1977 ou Mandler & Johnson, 1977), mas de sugerir uma nova possibilidade de estudo para a rememoração da matéria jornalística explorando mais aprofundadamente a relação do participante com o ambiente sociocultural uma vez que percebemos os Mediadores Primários situados na fronteira entre o texto e as experiências particulares de cada participante, organizando a atividade dos Mediadores Secundários.

5.3 Mediadores Secundários: favorecendo a volta da pessoa aos seus próprios esquemas

Em nosso estudo, encontramos seis mediadores sugeridos por Wagoner e Gillespie (2013) fornecendo indícios das movimentações dos participantes em torno dos seus esquemas: *questionamentos, imagens, repetição, coerência narrativa, deduções e deferimento*. O mediador *gestos rítmicos* também encontrado no referido estudo, não foi considerados por nós, devido a escolha do áudio como mídia para construção de dados. Sem fontes para consultas posteriores, teríamos dificuldade de analisar.

Coerência Narrativa: A coerência narrativa aparece em nosso estudo organizando as experiências dos participantes em relação às ordens previstas pela matéria jornalística em questão. A identificação deste mediador se deu a partir de elementos que indicam ordem dos elementos do texto, tais como: “e depois”, “...e...” , entre outros, como podemos ver no exemplo de Elaine (dupla 02): “*então foram dois? Dois entraram para saquear e a Montana vermelha ficava pra esperar. E depois deles veio um grupo [fala forte] que já saía do Elektra e a polícia disparou tiro pra cima*”

Dedução: A dedução reserva similaridades em relação à coerência narrativa, mas este tipo de organização permite o arranjo das informações segundo a lógica ou às crenças provenientes do senso comum. Em nosso estudo, identificamos deduções principalmente associadas às convenções grupais a respeito de *ações e características de quem comete o crime* (MP) e

procedimentos de estratégias de crimes (MP), como aponta o exemplo de Elaine (dupla02) que deduziu o tamanho do grupo de assaltantes pelo conhecimento sobre o tamanho do veículo usado para fuga: “então foram dois grupos. Esse com a Montana e a Kombi. Esse outro foi um grupo maior, não foi? Da Kombi?”.

Repetição: Refere-se ao fato de as pessoas repetirem as mesmas palavras ou os mesmos termos duas ou mais vezes, criando uma sequência de ritmo. Para Wagoner e Gillespie (2013), tal sequência de ritmo criada parece ter a função de ajudar a focar a atenção para que o elemento que precisa ser recordado venha à tona. Para ilustrar, temos o exemplo da dupla 01, onde Laura usa a repetição (MS) como recurso para lembrar o conteúdo do parágrafo:

Dupla 01- Rememoração 02

Laura - e eu lembro que tinha muita informação, por exemplo. Uma informação, ponto. Uma informação, ponto. (repetição)

Mara- Eram umas frases soltas.

*Laura -era bem [fala forte] informativo, assim, bem [fala forte] *bombardeante...* (repetição) *mas eu não lembro...**

Questionamentos: Os questionamentos possuem vários papéis, inclusive o de sugerir e focar a atenção favorecendo a rememoração (Wagoner & Gillespie, 2013). Em nosso estudo, os questionamentos tiveram a função tanto de focar a atenção, como na fala de Laura (dupla 02): “*Tem mais o que meus Deus? Mulher, a gente leu agorinha*” quanto de promover avaliações a respeito de outros elementos rememorados, tais como *imagens* (MS) e *deduções* (MS), como vemos na fala de Carmem (dupla 04) : “*teve muito repórter lá filmando e as pessoas não se intimidavam, não era?*”

Notamos ainda que o questionamento participou em nosso estudo tanto favorecendo avaliações de quem questionou, quanto favorecendo avaliações do outro a respeito do tópico em questão. O exemplo abaixo ilustra esse papel do questionamento:

Dupla 02 – Rememoração 01

Elaine - mas aí já é o grupo, não? Que eu lembro em Abreu e Lima

Lucas - não foi nesse ato aí não?

Elaine - na não, não foi nesse agora não.

Lucas - acho que foi nesse fato.

Deferimento: O passo inicial para identificação do deferimento em nosso estudo ocorreu pela detecção de discordâncias, que apareceram em nossa investigação favorecendo a extensão do diálogo entre os participantes. As discordâncias que antecederiam as aceitações dos pontos de vista do outro representaram pausas no fluxo de diálogo, seguidos de avaliações e decisões sobre a interrupção ou continuidade do tópico, como vemos no exemplo:

Dupla 02- Rememoração 02

Lucas - a Kombi já foi em Abreu e Lima

Elaine - nãao, mas...a Montana foi primeiro e depois foi a Kombi. Tudo no mesmo lugar. Porque a Montana foram duas pessoas que saquearam e depois um grupo que tentou saquear com ajuda dessa Kombi.

[...]

Lucas - mas isso no caso de afogados. Eu penso que a Kombi já foi em Abreu e Lima.

Elaine - não... eu não acho não. Porque até foi assim, ó, num trechinho. Aqui era a Montana, pulava uma linha mais ou menos e já começava com a Kombi. Foi no mesmo local, só não sei se foi ...

Lucas- o mesmo ato.

Elaine -tu tem certeza que a Montana foi em Afogados? (risos)

Lucas - Eu, eu penso que sim. Eu penso que sim. A Montana foi em Afogados

Elaine - a Kombi também foi. Porque em Abreu e Lima foi aquele fusuê das pessoas correndo.

Lucas - Isso mesmo. Isso mesmo. Isso mesmo.

Imagem: Bartlett (1932) indica que imagens podem tanto ser visuais, quanto aparecer através de textos sugerindo outras realidades e o distanciamento psicológico.

Vimos ainda, concordando com Bartlett (1932), que as imagens distanciavam os participantes da realidade apresentada pelo texto, propiciando a combinação de elementos da experiência dos participantes com a greve e os elementos do próprio texto, como vemos na fala de Emily (dupla 03): “eu recordo que até foi passado numa matéria depois que teve uma pessoa que foi lá devolver, né? Então essa matéria relata isso. Que eram pessoas talvez donas de casa [...]”.

5.4 Associações entre Mediadores Primários: agrupamentos

Os nossos dados empíricos nos levaram a compreender os Mediadores Primários como passíveis de uma organização por similaridade construída teoricamente a partir da possibilidade de abstrair do evento empírico em foco, um nível de generalização abstrata que se distancia do evento empírico em análise (a expressão escrita e dialogada durante o processo de rememoração). Trata-se, assim, de uma construção interpretativa da pesquisadora que se caracteriza pelo trabalho de abstração a partir do evento empírico estudado: o processo de rememoração do texto escrito de jornal (Salvatore & Valsiner, 2010; Salvatore, 2014).

Esta construção resultou no que chamamos aqui de “agrupamentos” formado por Mediadores Primários. Para determinação de cada agrupamento, nos valemos do conceito de generalização abstrata que sugere a formação de classes para englobar as ocorrências dos casos específicos de um estudo, dando às classificações um carácter contingente ao estudo em questão e fornecendo “um modelo do padrão de coocorrências, que é único, específico e condicionado ao caso” (Salvatore, 2014, p.247). Sempre que nos referirmos aos agrupamentos, estamos dando ênfase aos Mediadores Primários e não aos secundários.

Isso significa que observamos as repetições dos Mediadores Primários em cada dupla e a partir das características teóricas, agrupamos Mediadores Primários similares. Temos, por exemplo, o agrupamentos 01 e 02 relativos aos direcionamentos da norma culta da língua portuguesa, sendo o agrupamento 02 composto por Mediadores Primários que obedecem aos parâmetros da norma padrão da língua portuguesa e o agrupamento 01 composto por um Mediador Primário que se distancia dos critérios da norma padrão. A tabela 02 apresenta 06 agrupamentos, que organizam os 13 Mediadores Primários.

Tabela 2- Tabela de mediadores primários						
Agrupamentos	Agrupamento 1	Agrupamento 2	Agrupamento 3	Agrupamento 4	Agrupamento 5	Agrupamento 6
	Norma popular da língua portuguesa	Norma padrão da língua portuguesa	Geografia da Região Metropolitana	Orientação afetiva	Estratégia de crimes	Padronização do criminoso
Mediadores Primários	Imprecisão linguística	Busca por parágrafos Busca pela precisão linguística	Bairros, ruas e municípios lojas da região	Notícias da greve Valores Pessoais Pontos de atenção Lembrança autobiográfica da época da greve	Procedimentos usados em crimes. Veículos usados para o crime	Quem comete o crime Ação de quem comete o crime

Os agrupamentos 03,05 e 06 são compostos por elementos referentes ao próprio texto, correspondendo aos temas abordados pelo texto. O agrupamento 3 é referente à geografia da Região Metropolitana do Recife, contemplando *lojas da região* e *Bairros, ruas e municípios*. Os agrupamentos 05 e 06 estão relacionados ao que está posto na cultura coletiva sobre crimes e quem os cometem. O agrupamento 04 é composto por Mediadores Primários que podem ser associados às características afetivas, como os valores, pontos de atenção do texto, notícias midiáticas do período da greve e experiências autobiográficas do período da greve. A seguir vamos descrever e exemplificar cada um dos agrupamentos.

5.4.1 Agrupamento 1: Norma popular da língua portuguesa

Temos que a norma popular possui princípios particulares que implicam “uma simplificação considerável da gramática culta, num uso muito grande de elementos afetivos (...) e ,em geral, revelam uma menor dose de reflexão na escolha das formas linguísticas “(Prete,1994p.54). Consideramos em nossa abordagem, que elementos da norma popular funcionam como Mediadores Primários, quando o participante se distancia dos parâmetros da norma padrão na formatação do texto, por exemplo, considerando ordens aleatórias durante as lembranças, como expressa Paloma (dupla 04): “*mas o que a gente botou no começo, bote botar no final, pode misturar, o importante é falar*” ou ainda destacando indeterminações, como a fala de Karla (dupla 03): “*houve um caso de uma loja que foi saqueada pela manhã e à tarde*”.

5.4.2 Agrupamento 2: Norma padrão da língua portuguesa

A literatura aponta que o falante culto, a depender da sua necessidade comunicacional, pode utilizar variedades de registros lingüísticos, do formal ao coloquial e que o conhecimento da gramática tradicional é mais utilizado em situações de escrita (Preti,2005).Uma vez que a tarefa proposta aos nossos participantes envolvia a escrita de forma mais fiel possível ao texto lido, faz-se necessário considerar as formas de expressão desses esforços para rememoração e o atendimento aos parâmetros formais da língua portuguesa foi uma delas, como vemos na fala de Lucas (dupla 02), que divide as rememorações em partes: “*não, mas na primeira [parte] não já fala dos saques?*”. Ou Mara (dupla 01), que também se direciona por parágrafos do texto: “*mas esse da estrada dos remédios já é no segundo parágrafo*”.

Além da *busca por parágrafos (MP)*, como um dos elementos que formalmente constituem a escrita na língua portuguesa, identificamos como esforços voltados para a norma padrão da língua, a busca por atribuir ações e lugares aos elementos do texto, na intenção de dar coerência textual. A este último aspecto, que corresponde a um Mediador Primário, demos o nome de *Busca pela precisão lingüística* e destacamos desde já, que ele aparece associado a outros mediadores primários, permitindo ser configurado como uma maneira central de lembrar, sendo difícil sua quantificação.

5.4.3 Agrupamento 3: Geografia da Região Metropolitana do Recife

van Dijk (2005) assinala que o leitor do jornal resume os tópicos conhecidos e usa os conhecimentos prévios para fazer inferências a respeito do que não conhece. O uso do conhecimento prévio sobre aspectos geográficos da RMR caracteriza os Mediadores Primários deste agrupamento, que estão associados às *lojas da região (MP)*, *Bairros, ruas e municípios (MP)* da RMR. Um exemplo do uso do conhecimento geográfico para direcionar as rememorações pode ser visto no exemplo abaixo, no qual Lucas e Elaine (dupla 02) usam conhecimentos sobre a localização real das lojas para rememorar:

Dupla 02- Rememoração 01

Elaine- Já na BR 101 dá pra ver os vidros estilhaçados, é isso?

Lucas - na verdade as lojas ficam na BR-101, que corta Abreu e Lima. Na verdade também, de certa forma é... facilitou, né? Os saques...

5.4.4 Agrupamento 4: Orientação afetiva

Por orientação afetiva, compreendemos o que declaradamente desperta o interesse ou atenção dos participantes, como as lembranças autobiográficas do período da greve; lembranças de notícias do período da greve; declaração de valores pessoais e pontos que declaradamente chamaram atenção. Cada um desses tópicos, que correspondem a Mediadores Primários serão exemplificados no próximo tópico, quando abordaremos especificamente os Mediadores Primários de cada agrupamento.

Os mediadores de orientação afetiva estão frequentemente associados às imagens, como vemos no exemplo de Carmem (dupla 04) ao se referir aos saques e arrastões: *“Tanto que a gente viu muito na televisão como um lembrando assim... que foi vergonhoso [...]”*. Tais imagens permitem que os participantes continuem a rememoração de maneira irregular, misturando a forma original de apresentação do texto (Wagoner, 2013), como no fragmento da mesma participante: *“Porque depois desse ataque, dessa greve, teve as eleições. Teve a morte daquele deputado... e com tudo agora tem tumulto na cidade, tem passeata... ó, tá escrevendo aí, tá saindo coisa!”*.

5.4.5 Agrupamento 5: Estratégias de crimes

Este agrupamento diz respeito ao uso dos conhecimentos prévios dos participantes em relação aos procedimentos usados em crimes, como temos na fala de Carmem (dupla 04) : *“Botava nas costas e saía levando. Já tinha gente esperando lá fora, quando eles levavam as coisas.”*. Ou ainda na fala de Lucas (dupla 02), referente às estratégias de fuga: *“da Montana não foi quatro [pessoas] , não? Onde dois saqueavam e dois aguardavam?”*

5.4.6 Agrupamento 6: Padronização de quem comete crime

Este agrupamento diz respeito ao uso de elementos postos na cultura coletiva, sobre pessoas que cometem crimes, como fonte de rememoração. A base teórica deste agrupamento está relacionada ao fato de a construção de significados ser um processo de ordem pessoal, mas, uma vez que as pessoas estão imersas em uma cultura coletiva, com significados compartilhados, os aspectos compartilhados são também incorporados à construção pessoal de significados (Valsiner, 2012).

Este agrupamento versa, portanto, sobre os elementos postos na cultura coletiva e que dizem respeito aos valores e/ou estereótipos identificáveis na ação de quem comete crimes. Um exemplo vemos na interpretação feita por Elaine (dupla 2) ao ato de os saqueadores gargalharem durante os saques. Gargalhar, como aponta a matéria original, pode ter muitas interpretações, mas a participante a associa a um deboche e a disposição deste elemento na cultura coletiva corresponde à interpretação da participante: “*carregavam os objetos que podiam e saiam sorrindo, como que debochando da situação*”.

5.5 Mediadores Primários de cada agrupamento e ação conjunta entre Mediadores Primários e secundários.

Após a elaboração sobre os agrupamentos como forma de organização interna do estudo, apresentamos a capacidade que os Mediadores Primários tiveram de direcionar a atrair Mediadores Secundários em nossa pesquisa.

A tabela 3 apresenta a associação entre os Mediadores Primários e os seus respectivos Mediadores Secundários. Nela encontramos os Mediadores Primários “*Bairros, ruas e municípios*”, “*veículos usados em crimes*” e “*procedimentos usados em crimes*”, com a maior variedade de Mediadores Secundários na primeira lembrança, com respectivamente 05, 05 e 06 tipos de Mediadores Secundários. Isso sinaliza que as duplas se empenharam sobretudo na primeira lembrança, para lembrar os locais e os procedimentos de crimes, utilizando para isso os respectivos Mediadores Secundários. Notamos que os Mediadores Primários do agrupamento 04, estão associados a apenas três tipos de Mediadores Secundários dispostos conforme a tabela: *imagens, repetição e questionamento*. Enquanto os Mediadores Primários do agrupamento 06 estão relacionados a quatro tipos de Mediadores Secundários: *imagens, dedução, deferimento e questionamento*.

Essa constatação sugere, para nosso estudo, que o perfil de cada Mediador Primário, unificado por esses agrupamentos teóricos, foi capaz de dar indícios dos tipos de Mediadores Secundários usados como estratégia de lembrança.

Tabela 03 - Mediadores Primários e Secundários

	AGRUPAMENTO 1	AGRUPAMENTO 2	AGRUPAMENTO 3	AGRUPAMENTO 4	AGRUPAMENTO 5	AGRUPAMENTO 6
Agrupamento	Orientação norma popular da língua portuguesa	Orientação norma padrão da língua portuguesa	Conhecimento geográfico	Orientação afetiva	Conhecimento de estratégia de crimes	Padronização de quem comete o crime
	Imprecisão linguística	Busca de parágrafos Busca pela precisão linguística	Bairros, ruas e municípios Lojas da região	Notícias da época Pontos de aterção Valores pessoais Lembrança autobiográfica	Veículos usados em crimes, Procedimentos usados em crimes,	Quem comete o crime? Ação de quem comete crime
Mediadores Primários	Coerência Narrativa Imagens	Coerência Narrativa Repetição Questionamento Deferimento	Imagens Questionamento Deferimento Repetição Coerência Narrativa	Imagens Imagens Questionamento Repetição	Coerência Narrativa Dedução Imagens Questionamento Deferimento	Dedução Questionamento Imagens Deferimento
	Rememoração1					
Mediadores Secundários	Coerência Narrativa Imagens	Coerência Narrativa Dedução Questionamento Deferimento	Imagens Questionamento Deferimento	Imagens Repetição Imagens	Dedução Repetição Imagens Questionamento Deferimento	Dedução Questionamento Imagens Deferimento
	Rememoração2					

Por exemplo, a imagem, Mediador Secundário que se repetiu no agrupamento 4, atuou para atender ao caráter pessoal e subjetivo aos quais os Mediadores Primários desse agrupamento estão relacionados, como mostra o diálogo da dupla 04 abaixo. A participante Carmem criou a imagem do evento da greve, resgatando os seus sentimentos de medo. Diante da resposta de Poloma, disparou imagens de outros eventos favorecendo a lembrança de Paloma, que escrevia.

Dupla 04 – Lembrança 01

Carmem - Aí teve muito arrastão, os ônibus, a gente tudo com medo de pegar ônibus e as escolas ficavam com medo que os alunos fossem pra sala de aula.

Paloma - tô lembrando mais não.

Carmem- foi um ano perdido. Porque depois desse ataque, dessa greve teve as eleições. Teve a morte daquele deputado.. e com tudo agora tem tumulto na cidade, tem passeata... ó, tá escrevendo aí, tá saindo coisa!

Os Mediadores Primários do agrupamento 06, associados à padronização sobre os criminosos, (ou seja, ao que o senso comum compreende pela temática), adotaram Mediadores Secundários capazes de confirmar e apoiar o conhecimento padrão sobre criminosos, como fizeram os *questionamentos* (MS) e as *deduções* (MS) presentes nas duas lembranças de cada Mediador Primário

5.5.1 Mediadores Primários do agrupamento 1: Norma popular da língua portuguesa

Imprecisão linguística: Como dissemos, em nossa proposta, precisão e imprecisão linguísticas referem-se à obediência ou desobediência aos parâmetros linguísticos, na busca por associar ações e funções aos elementos apresentados pelo texto.

A *imprecisão linguística* como Mediador Primário foi percebida diante de generalizações de situações e ações através de expressões como “houve um caso”, “algumas lojas”, dentre outras, sinalizando a substituição de termos precisos por outros elementos para capturar a essência de determinado evento, como vemos no exemplo da dupla 03

Percebemos ainda que quando a imprecisão linguística era utilizada como caminho para lembrar, apareciam Mediadores Secundários como *imagens* e *coerência narrativa*.

Dupla 03- Rememoração 01

*Karla – [...] Em algumas dessas lojas havia carros próximo, já esperando os objetos que eles estavam furtando como uma Montana e uma Kombi. Acho que era uma Montana vermelha. Próximo a alguns pontos [...](**imagem e coerência narrativa**)*

5.5.2 Mediadores Primários do agrupamento 2: Norma padrão da língua portuguesa

Busca por parágrafos: Os parágrafos são as partes do texto responsáveis por agrupar coerentemente idéias do texto, por meio da distribuição de frases, períodos ou orações. Encontramos em nosso estudo o agrupamento de ideias a partir da quantidade, ordem, aspecto e conteúdos dos parágrafos apresentados no texto.

Consideramos este Mediador Primário quando os participantes declaravam estar tratando de partes ou parágrafos do texto. Vemos associado a *busca por parágrafos (MP)* os Mediadores Secundários *coerência narrativa, questionamento, imagens, repetição e deferimento*.

Dupla 1- Rememoração 02

*Laura - eu lembro que esse parágrafo acabava com o nome das lojas (**imagem**)*

Mara - era

*Laura eu lembro que tinha muita informação, (**Imagem**) por exemplo. Uma informação, ponto. Uma informação, ponto. (**Repetição**)*

Mara- Eram umas frases soltas.

*Laura - era bem informativo, assim, bem bombardeante... mas eu não lembro... é, acho que basicamente isso, né?(**Repetição, imagens e questionamento**)*

Busca pela precisão linguística: Assim como a *imprecisão linguística*, identificamos a *Busca pela precisão linguística* também como uma maneira de conduzir as rememorações.

Este mediador se configura como um Mediador Primário porque canaliza a ação dos Mediadores Secundários, porém destacamos que ele também sinaliza um caminho geral de rememoração. Dito isso, encontramos este mediador em associação com outros mediadores Primários, como a *Busca por Parágrafos* ou *Procedimentos usados em crimes* e com Mediadores Secundários, como *imagens, coerência narrativa, repetição, questionamento e dedução*.

Dupla 1 -Rememoração 01

Mara - roubaram a loja e posteriormente a população... Bota isso (**Coerência narrativa**)

Laura - eita a gente esqueceu do homem do carro vermelho. Como é que a gente vai botar?

...e posteriormente (**imagem**)

Mara - conduziram os objetos roubados para o carro. Ah, mas é a população, né? Já foi né?

Laura - e posteriormente a população (**Repetição**)

Mara - saqueou o que sobrou da loja. Não foi a mesma loja que a população roubou?(**questionamento**)

Laura - e posteriormente a população ... (**Repetição**)

Mara - também invadiu a loja

5.5.3 Mediadores Primários do agrupamento 3: geografia da Região Metropolitana do Recife

Conhecimento de Bairros, ruas e lojas da Região Metropolitana: Verificamos que o conhecimento sobre ruas, bairros, municípios e lojas foram importantes durante as lembranças, porque foram pontos de referência para que as duplas lembrassem tanto os acontecimentos, quanto a própria ordem narrativa do texto a partir de associações entre os locais relatados pelo texto e o posicionamento desses locais no texto.

Vemos associados a este Mediador Primário, os Mediadores Secundários *imagens, questionamentos, dedução, deferimento, repetição e coerência narrativa.*

Dupla 2- Rememoração 01- Associação às imagens(MS) e questionamento (MS)

Elaine- *Insinuante*

Lucas- Insinuante já fica em Abreu e Lima. *Insinuante, Elektra e...* (**imagem**)

Elaine- *Todo Dia...*

Lucas - Eletro Shopping já fica em Abreu e Lima (**imagem**)

Elaine - *o Todo Dia vai pra onde?*(**questionamento**)

Lucas- o Todo Dia também tá em Abreu e Lima

Elaine - *Todo Dia tá em Abreu e Lima?* (**questionamento**)

5.5.4 Mediadores Primários do agrupamento 4: Orientação afetiva

Lembrança de notícias sobre a greve: identificamos que mais de um participante lembrou as notícias veiculadas sobre a greve da polícia em 2014. O ponto que destacamos é o fato de essas lembranças terem ajudado a rememoração do texto em questão, principalmente através de *imagens (MS)* e *questionamentos (MS)*. Os questionamentos funcionaram, mais de uma vez, como meio de avaliar a própria imagem, conferindo a adequação do que foi rememorado.

Dupla 4- Rememoração 01- Associação com imagens (MS) e questionamentos (MS)

Carmem -[...] Sim, mas no rádio também a televisão falou, a imprensa falou que eles pediram pra que devolvessem os objetos. Não foi? (imagem e questionamento) Pra que devolvessem os objetos. Uns devolveram outros não. Seria bom a agente colocar isso?

Valores pessoais: Valores, para a Psicologia Cultural, “são recursos humanos básicos de orientação afetiva ontogeneticamente internalizados” (Valsiner, 2012, p. 262). Diz ainda que, apesar da dificuldade que tem sido trabalhar essa temática na Psicologia, os valores podem ser externalizados e observados em vários aspectos da conduta humana e que quando se tornam hipergeneralizados, tornam-se mais acessíveis por meio de processos verbalmente mediados.

Isso significa que, ao longo da vida, os participantes internalizam nas relações sociais, uma série de conceitos, propostas e idéias que direciona suas ações cotidianas. À medida que tais recursos norteadores tornam-se hipergeneralizados, isto é, atingem o mais alto nível afetivo semiótico, a ponto de o participante apenas “sentir” esses recursos integrados à sua forma de viver, são capazes de expressar tal sentimento. Apesar disso a verbalização, que corresponde a níveis anteriores em uma escala de regulação afetiva, não necessariamente corresponde aos valores tais como estão internalizados.

Notamos que a valoração estava relacionada às *imagens (MS)*, *repetições (MS)* e *questionamentos (MS)*, sendo os *questionamentos* elementos para verificar as próprias imagens.

Dupla 01- Rememoração 02- Associação com questionamento, imagem e repetição

Carmem -[...] Foi uma vergonha e poucos devolveram. Falta falar isso, né? (questionamento e imagem) E foi uma vergonha pro povo pernambucano. Fala que a polícia pediu pra que devolvesse depois que acabou a greve. Aí tu bota que a polícia pediu pra que devolvesse e até hoje não se sabe se foi devolvido ou não. Se não devolvesse a mercadoria, os

*objetos roubados. Até hoje não se sabe se foi devolvido todos, mas foi uma vergonha pro povo pernambucano.(**repetições**)*

Pontos de atenção: Em determinados momentos, os participantes declararam o que chamou a atenção na recordação e utilizaram imagens para lembrar. Este mediador primário foi identificado associado às *imagens (MS)*, *dedução (MS)* e *questionamentos (MS)*.

Dupla 03 – Rememoração 01

Emily – [...] Então o que me chamou bastante atenção é que eram pessoas comuns, né?(dedução) Não eram pessoas assim, que já praticavam assaltos. [...] (**imagem e questionamento**)

Lembranças autobiográficas da época do evento: memória autobiográfica é definida como a forma de memória relativa aos acontecimentos da própria vida (Neisser,1988). Reconhecemos como autobiográficas as lembranças que, declaradamente, falam do posicionamento dos participantes nos dias da greve, relatando peculiaridades ocorridas com eles naquele momento.

As lembranças autobiográficas apareceram em nosso estudo em associação com *imagens (MS)*.

Dupla 04- Rememoração 01 – Associação com imagens

Carmem –[...] Agora quando a gente vem puxando do que aconteceu, eu lembro que eu faltei foi aula porque teve muito arrastão no Derby, muito policial, aí o professor pedia pra gente não ir.[...] (**imagens**)

5.5.5 Mediadores Primários do agrupamento 5: Estratégias de crimes

Conhecimento de procedimentos usados em crimes: os conhecimentos prévios sobre os procedimentos de crimes se configuram aqui como um Mediador Primário e eles direcionam a ação de mediadores, como *dedução (MS)*, *deferimento (MS)*, *repetição (MS)*, *imagens (MS)* e *coerência narrativa (MS)*.

Este foi o mediador que contou com maior variedade de Mediadores Secundários nas duas rememorações. Isso pode estar relacionado ao texto, que privilegia a descrição de crimes e seus procedimentos.

Dupla 01- Rememoração 02 – Associação com coerência narrativa, imagens, dedução

Laura- sim, a história do carro é que eles ficavam esperando perto, nesse Chevrolet... num carro vermelho que eu não lembro mesmo se era Chevrolet mesmo.

Mara- uma parte do grupo entrava (dedução)

Laura- como se fosse isso, assim. Eles tiraram a câmera de segurança da loja, saquearam a vitrine. Eu lembro que tinha alguma coisa que deixava pertences da corporação. Eu lembro que era alguma coisa do tipo assim... saquearam as vitrines (imagens e coerência narrativa)

Mara- roubaram as câmeras que estavam filmando.

Veículos usados para o crime: Assim como o conhecimento dos procedimentos de crimes, os participantes externalizaram o conhecimento sobre veículos, observando as características dos veículos, como a capacidade, tipo ou tamanho, para reconstituir o crime, deixando o relato coerente.

Os Mediadores Secundários que verificamos associados foram: *coerência narrativa, dedução, imagens, deferimento e questionamento.*

Dupla 02- Rememoração 01- Associação com dedução, imagens e questionamento

Elaine- tem outro carro também, não tem?

Lucas- uma Kombi. Que recolhia tudo...(imagem)

Elaine - então foram dois grupos. Esse com a Montana e a Kombi. Esse outro foi um grupo maior, não foi? Da Kombi? (dedução, imagem e questionamento)

5.5.6 Mediadores Primários do agrupamento 6: Padronização do criminoso e suas ações

Este mediador primário exige Mediadores Secundários capazes de capturar os elementos postos na cultura pessoal e coletiva para indicar quem é o criminoso e quais são as suas ações, como fazem os Mediadores Secundários *dedução, deferimento, imagens e os questionamentos.*

Dupla 2- Rememoração 2 – Associação com dedução, imagens e questionamentos

Elaine - o texto falava que eles saiam rindo? Ou foi tu que falou?(questionamento)

Lucas- não, no texto tinha. Tinha uma parte que eles saiam rindo com os produtos nas costas (imagem)

Elaine[escreve] - carregavam os objetos que podiam e saiam sorrindo, como que debochando da situação... até mesmo a câmera [...](dedução)

5.6 Ação conjunta de Mediadores Primários e secundários em cada dupla

Neste tópico analisaremos cada uma das duplas com o objetivo de apresentar os caminhos exclusivos utilizados pelos participantes para rememoração da matéria jornalística, destacando que as estratégias usadas por cada dupla estavam associadas aos seus contextos socioculturais. O volume e número de ocorrência de mediadores primários e secundários nos permite identificar esses caminhos e isso, em última instância, apresenta-nos o direcionamento para construção de significados em relação à matéria rememorada.

Ressaltamos que as ocorrências de mediadores primários foram obtidas segundo os critérios de codificação apresentado no capítulo 04 e as ocorrências de mediadores primários foram identificadas sempre que os participantes direcionavam as rememorações para os tópicos correspondentes aos agrupamentos.

5.6.1 Dupla 1

A dupla 01 foi composta por participantes que chamamos de Mara e Laura. Elas eram amigas, tinham respectivamente 20 e 22 anos e cursavam o terceiro período de Direito em uma Universidade Estadual de Pernambuco.

A primeira rememoração desta dupla forneceu uma transcrição com 1.314 palavras e a segunda 833 palavras, totalizando 2.158 palavras. Além disso, as transcrições nos permitiram dispor os mediadores conforme o fluxograma 01 e a tabela 4.

Mediadores Secundários	Questionamento	33	29	62
	Repetição	9	14	23
	Imagens	14	12	26
	Coerência narrativa	14	5	17
	Dedução	20	14	34
	Deferimento	4	5	9

Busca de parágrafos (MP): O fluxograma, apresenta maior variedade e número de ocorrências de Mediadores Secundários para os Mediadores Primários *busca de parágrafos* (9 e 8 ocorrências), representando a concentração de esforços variados para atender às demandas de rememorar segundo os critérios da língua portuguesa, importante ao profissional de direito (Gonçalves & Carneiro, 2008; Xavier, 2003).

Associados ao mediador primário *Busca por parágrafos* encontramos na primeira rememoração:

- (a) **Coerência narrativa (MS):** *Laura – “Pelo menos o que eu entendi do parágrafo, pelo menos o que eu lembro agora, é como se alguém tivesse ido chamar a polícia e a polícia não tivesse como ajudar porque tinha o risco do arsenal”...*
- (b) **Questionamento (MS):** *Mara - No primeiro parágrafo ele não remete nada por ter sido por conta da greve da polícia não. não fala disso. Ou fala?*
- (c) **Deferimento (MS):** *Laura - Não, perai. Vamos ver se a gente ta lembrando de tudo desse primeiro parágrafo. O primeiro parágrafo foi... mais isso, assim.*

(d) Imagens (MS) e repetições (MS):

Laura- e eu lembro que tinha muita informação(imagem), por exemplo. Uma informação, ponto. Uma informação, ponto.(repetição)

Mara- Eram umas frases soltas (imagem)

Laura -era bem informativo,[fala forte] assim, bem bombardeante [fala forte] (repetição)...mas eu não lembro [...]

Busca pela precisão lingüística (MP): Este mediador aparece associado aos Mediadores Secundários *questionamento, repetição, deferimento, dedução e coerência narrativa*. Além disso, é visto em associação com os demais mediadores primários, sinalizando uma maneira de rememorar preocupada em deixar as reproduções próximas da exatidão, atribuindo ações aos participantes (Laura - mas quem saqueou?) e localizações aos fatos. No exemplo abaixo vemos a associação deste Mediador Primário com *Lojas da região (MP), Bairros, ruas e*

municípios (MP) e busca por parágrafo (MP), associados à coerência narrativa (MS) e dedução (MS).

Laura –“*Aí ele pontuou lojas assim de grande porte, com Eletroshopping, Extrabom (dedução) ...aí disse o local, Paulista, Recife...(coerência narrativa) no primeiro parágrafo já tinha citado”.*

Bairros, ruas e municípios (MP) e lojas da região (MP): Destacamos as ocorrências do mediador primário *Bairros, ruas e municípios* (23 e 5 ocorrências) e *lojas da região* (19 e 8 ocorrências). A diferença de ocorrências entre lembranças apresenta a concentração de localidades e lojas na primeira lembrança.

Os Mediadores Secundários envolvidos na lembrança de *Bairros, ruas e municípios (MP)* foram *coerência narrativa (MS)* (Mara: “*aí disse o local, Paulista, Recife [...]*”) e *questionamentos (MS)* (Laura: “*E na Estrada dos remédios... como é?*”).

Enquanto os Mediadores Secundários envolvidos na lembrança de lojas foram *questionamento (MS)*: Laura - “*Tu lembra, é? Saque às grande lojas, como o que?*” além de *dedução (MS)* e *coerência narrativa (MS)*, como vemos na fala de Laura que deduz as lojas participantes do texto pela expressão “*lojas de grande porte*”: “*Aí ele pontuou várias lojas assim de grande porte, como Eletroshopping, Extrabom...*”.

Procedimentos usados em crimes: na segunda lembrança a dupla concentra esforços na descrição do crime do bairro de Afogados, como vemos na fala de Mara no início da segunda lembrança “*Vamo tentar agora escrever bem direitinho o roubo de Afogados*”.

Com os esforços da dupla na descrição deste crime percebemos o mediador primário *Procedimentos usados em crimes*, com o maior número de ocorrências (9 e 11 ocorrências) em relação aos outros Mediadores Primários. O interesse pelo relato detalhado desse crime é visto também pela variedade de Mediadores Secundários usados para atender a esse mediador: *coerência narrativa, imagens, dedução, repetição, deferimento e questionamento:*

Rememoração 2-Procedimentos usados em crimes (MP) associado à coerência narrativa (MS), imagens (MS) e dedução (MS)

Laura- *sim, a história do carro é que eles ficavam esperando perto (imagem), nesse Chevrolet... num carro vermelho que eu não lembro mesmo se era Chevrolet mesmo.*

Mara-*uma parte do grupo entrava(dedução)*

Laura- *como se fosse isso, assim. Eles tiraram a câmera de segurança da loja, saquearam a vitrine. Eu lembro que tinha alguma coisa que deixava pertences da corporação. Eu lembro que era alguma coisa do tipo assim... saquearam as vitrines(imagem)*

Mara- *roubaram as câmeras que estavam filmando.*

Laura - *foi? E teve isso também?* (questionamento)

Mara - *teve. Ou não?* (questionamento)

Laura - *teve não, Mara, era só a câmera da polícia* (deferimento)

Rememoração2- Procedimentos usados em crimes (MP) associado à coerência narrativa (MS) e repetição (MS)

Mara - *roubaram a loja e posteriormente a população...Bota isso* (coerência narrativa)

[...]

Mara - *conduziram os objetos roubados para o carro. Ah, mas é a população, né?*

Laura - *e posteriormente a população* (repetição)

Mara - *saqueou o que sobrou da loja. Não foi a mesma loja que a população roubou?*

Laura - *e posteriormente a população ...*(repetição)

Mara - *também invadiu a loja*

Laura - *Uniu-se... sei lá...uniu-se não, que eles não fizeram parceria, mas...*

Mara - *e também invadiram e saquearam a loja. Bota isso*

Diante da redução do diálogo desta dupla na segunda rememoração e do aumento de ocorrências desse mediador primário (Procedimentos usados em crimes), percebemos a simplificação da reportagem em torno dos conhecimentos de estratégias de crimes para relatar o crime da Estrada dos Remédios no bairro de Afogados.

Pontos de atenção (MP): Este mediador primário apareceu associado à *imagem* (MS) e ao *questionamento* (MS), como vemos na fala de Mara na primeira rememoração: “*outra coisa que eu lembro! Do roubo da Estrada dos Remédios foi o que me marcou, eu acho. Que ele fala também que o cara tentou roubar, tomar a câmera de quem tava filmando. (imagem) E como é que acaba isso, ein?* (questionamento)”

Quem comete o crime (MP): O mediador primário *quem comete o crime* apareceu associado a *dedução* (MS) e *questionamento*(MS) na primeira rememoração e a *dedução* (MS), *questionamento*(MS) e *deferimento* (MS) na segunda rememoração.

Rememoração 2 – associação mediador quem comete o crime (MP) e dedução (MS), questionamento (MS) e deferimento (MS)

Laura - o homem sem camisa!

Mara- que homem sem camisa? (questionamento)

Laura- e eu sei...

Mara- era o motorista do Chevrolet (dedução)

Laura- era não.(deferimento) Era como se fosse um morador.(dedução)E os moradores não saquearam também?(questionamento)

Ação de quem comete o crime (MP): O mediador ação apareceu associado aos Mediadores Secundários *questionamento* e *dedução* nas duas rememorações.

Dupla1- Rememoração1 – associação entre ação de quem comete crime (MP) e questionamento (MS) e dedução (MS)

Mara - Enquanto gargalhavam. Tem que botar isso

Laura - quem gargalhava? (questionamento)

Mara - a população, enquanto roubava (dedução)

5.6.1.1 *Resumo da associação entre mediadores primários e secundários da dupla 01*

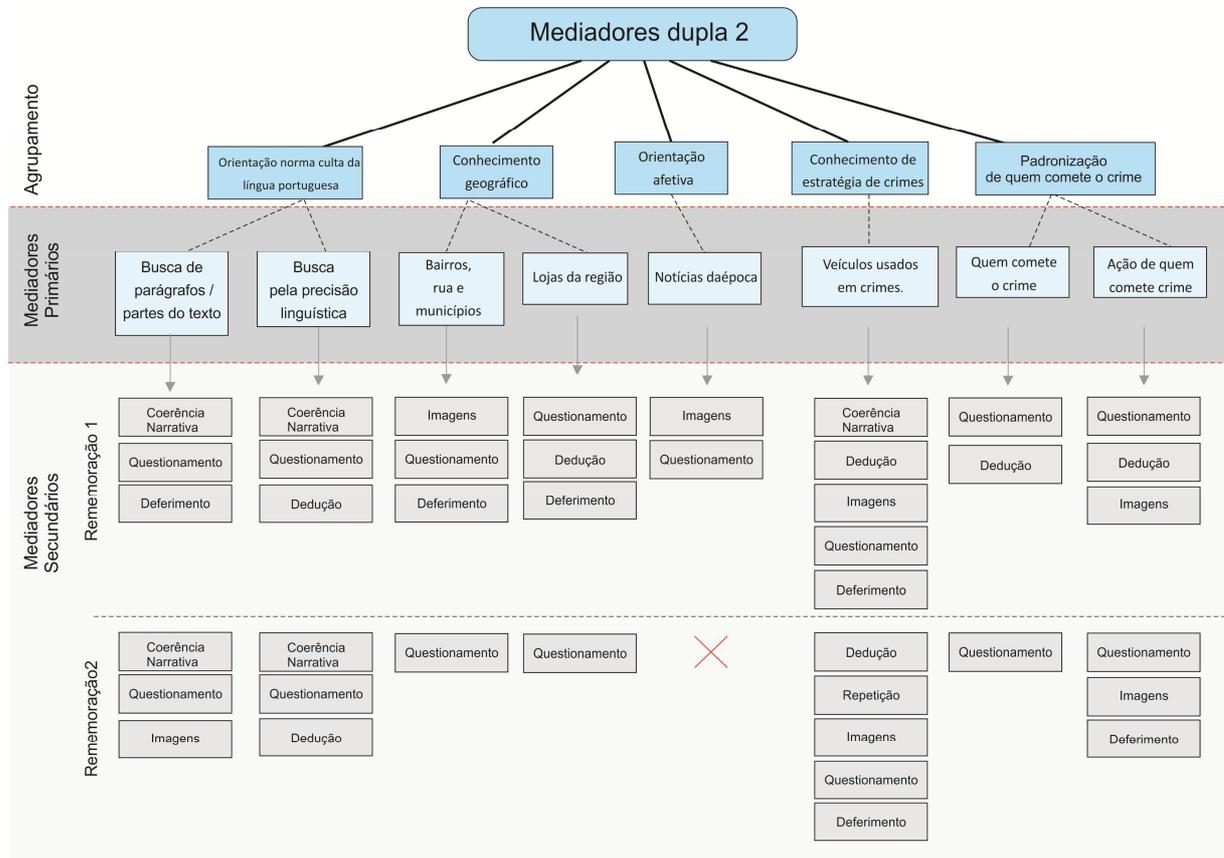
Nesta dupla, os Mediadores Secundários atuaram, principalmente, em função dos Mediadores Primários *Busca de parágrafos e procedimentos usados em crimes*, deflagrando rememorações, sobretudo a segunda, direcionadas pela norma padrão da língua portuguesa e pela reconstrução do crime de Afogados, enfatizado na matéria. Esta dupla concentrou esforços de rememoração em torno das três primeiras partes da matéria (lead, tie-in e 1ª parte), corroborando com estudos de Duham (1990) sobre a rememoração de mais elementos desses três trechos do texto jornalístico.

Notamos ainda que o Mediador Primário *busca pela precisão linguística* apareceu associado a outros Mediadores Primários, como *procedimentos usados em crimes* (MP), destacando-se como o direcionamento principal das duas rememorações. O uso de repertórios e estratégias de crimes deixa claro para nós o entrelaçamento feito pelas participantes entre os elementos do texto e o conhecimento sobre crimes.

5.6.2 Dupla 2

A dupla 02 é formada por participantes que chamaremos de Lucas e Elaine, respectivamente com 30 e 32 anos. A dupla era estudante de direito cursando respectivamente o segundo e o sétimo períodos.

A primeira rememoração da dupla gerou uma transcrição com 1.531 palavras e a segunda rememoração gerou uma transcrição com 1.040 palavras, totalizando 2.573. A diferença entre rememoração pode ser vista também pela variedade de Mediadores Secundários apresentados no fluxograma 02 para cada uma das rememorações e também na diminuição de ocorrências de todos os mediadores, representados na tabela 05.



Fluxograma dupla 02 com Mediadores Primários e Secundários

Tabela 05– ocorrências de Mediadores Primários e Secundários dupla 02				
	Todos os mediadores	Ocorrências na primeira rememoração	Ocorrências na Segunda rememoração	Total de ocorrências
Mediador	Busca de Parágrafos/ partes do texto	2	0	2
	Bairros, ruas e municípios			

		55	27	82
	Lojas da região	42	26	68
	Procedimentos usados em crimes	13	7	20
	Notícias da época da greve	2	0	2
	Conhecimento de veículos usados para o crime	2	2	4
	Quem comete o crime	15	7	22
	Ação de quem comete o crime	17	8	25
Mediadores Secundários	Questionamento	59	26	85
	Repetição	12	7	19
	Deferimento	6	4	10
	Imagens	19	10	29
	Coerência narrativa	12	9	21
	Dedução	25	17	21

Busca pela precisão linguística: Este Mediador Primário apareceu associado a outros MP, como *procedimentos usados em crimes*, com Mediadores Secundários *dedução*, *questionamento* e *coerência narrativa*:

Rememoração 2

Elaine- *sim, mas 7h30, quem foi que assaltou? (questionamento)*

Lucas - *alguns rapazes foram*

Elaine- *dois rapazes... na moto? (dedução e questionamento)*

Lucas - *Não. Eles foram saquear e uma Montana vermelha estava esperando eles (coerência narrativa)*

Bairros, ruas e municípios (MP): As duas rememorações eram direcionadas pelas três localidades centrais do texto – Recife, Abreu e Lima e Paulista – estando associadas aos Mediadores Secundários *imagens*, *questionamentos* e *deferimento*. Verificamos 82 ocorrências do mediador primário *Bairros, ruas e municípios*, sendo 55 ocorrências na primeira rememoração e 27 na segunda:

(a) ***Imagens:*** Elaine – “São três cidades. A do meio é Paulista”

(b) ***Questionamento e deferimento:***

Elaine - mas não foi no Arruda não?(questionamento)

Lucas - não... não...(deferimento)

Elaine - Afogados! Eletroshopping, não é isso?(questionamento)

Lojas da região: Este mediador primário apresentou 42 ocorrências na primeira rememoração associadas aos Mediadores Secundários *imagens*, *questionamento* e *deferimento*. Na segunda rememoração apresentou 26 ocorrências em associação com *questionamentos* (MS).

(a) questionamento: *Elaine – “Todo Dia tá em Abreu e Lima?”*

(b) deferimento e imagens:

Lucas - é tudo a mesma coisa Hiperbompreço e Bompreço

Elaine - é não !! (deferimento)

Lucas - Só que inicia com o Hiper

Elaine - nãoo... é porque até a estrutura da loja é diferente. (deferimento e imagem)

Notícias da época da greve: Neste exemplo, vemos a construção de *imagens* (MS) visuais a partir da lembrança da notícia do evento.

Dupla 2- Rememoração 1

Lucas-.Eu lembro dessa reportagem. Foi o auge de tudo. É onde eles tentaram pegar o máximo de produtos possíveis.

Veículos usados em crimes: A maior variedade de Mediadores Secundários está relacionada ao mediador primário *veículos usados em crimes*, indicando que para rememorar as estratégias de crimes usaram o conhecimento sobre veículos em articulação com quatro tipos de Mediadores Secundários na primeira rememoração – *coerência narrativa*, *dedução*, *imagens*, *questionamentos* – e quatro tipos na segunda rememoração – *dedução*, *repetição*, *imagens* e *questionamento*.

Notamos ainda que os Mediadores Primários estavam associados a variedades distintas de Mediadores Secundários, estando o *questionamento* presente em todas as rememorações.

Dupla 2 -Rememoração 01

Lucas- alguns rapazes foram

Elaine- dois rapazes... na moto?(dedução e questionamento)

Lucas- Não. Eles foram saquear e uma Montana vermelha estava esperando eles (**coerência narrativa**)

(...)

Elaine- tem outro carro também, não tem? (**questionamento**)

Lucas- uma Kombi. Que recolhia tudo... (**imagem**)

Elaine -então foram dois grupos. Esse com a Montana e a Kombi. Esse outro foi um grupo maior, não foi? Da Kombi? (**dedução**)

Quem comete o crime (MP) e ação de quem comete o crime (MP): Já os Mediadores Primários *quem comete o crime e ação de quem comete o crime*, contam com os Mediadores Secundários *questionamentos, imagens e deduções*, sendo o *questionamento* usado para avaliar se a *dedução* ou as *imagens* eram coerentes, como vemos na fala de Elaine: “*o texto falava que eles saíam rindo? Ou foi tu que falou?*”.

Na segunda rememoração atribuem significado explícito à risada de quem cometeu o crime. Isso parece fazer parte da cultura coletiva, uma vez que o sorriso poderia significar alegria, mas Elaine indica que as risadas seriam um deboche.

Rememoração 2

Lucas- não, no texto tinha. Tinha uma parte que eles saíam rindo com os produtos nas costas (**imagem**)

Elaine -carregavam os objetos que podiam e saíam sorrindo, como que debochando da situação... até mesmo a câmera (**imagem e dedução**)

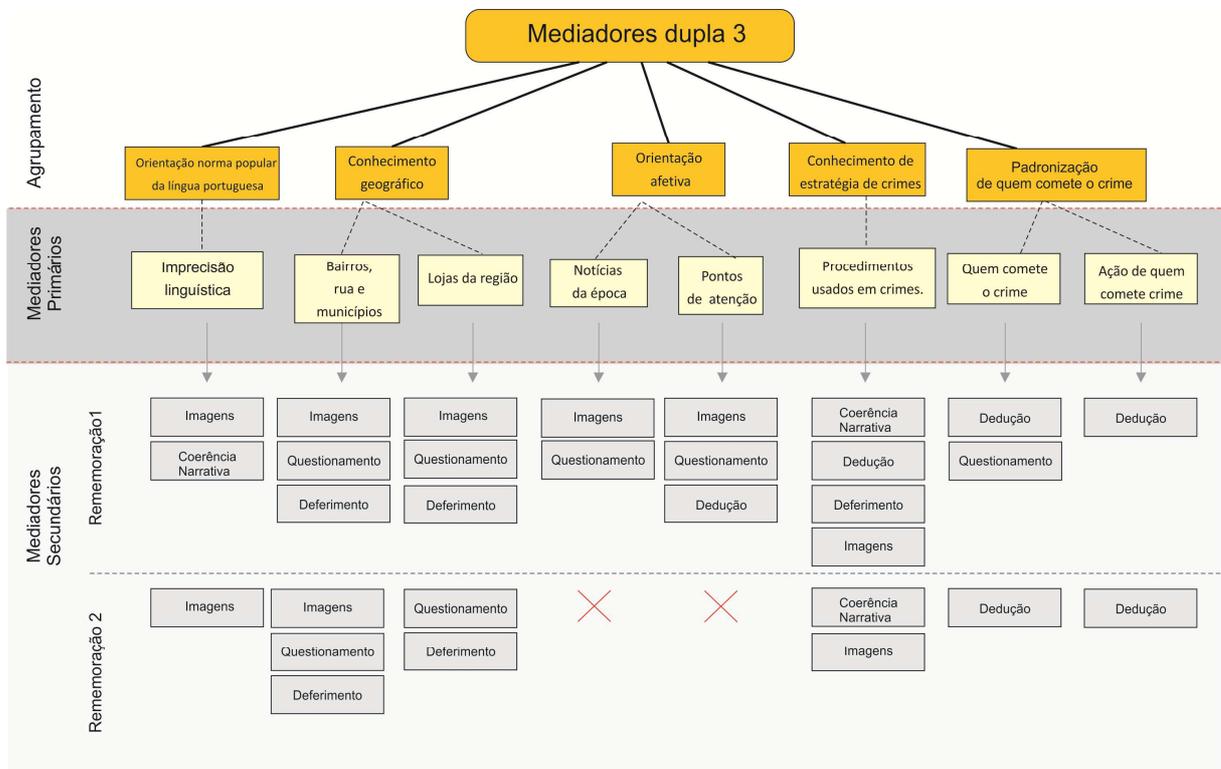
5.6.2.2 *Resumo da atuação conjunta entre mediadores primários e secundários na dupla 02*

Nesta dupla, os mediadores secundários atuaram, principalmente, em função dos mediadores primários Bairros, Ruas e municípios e procedimentos usados em crimes, deflagrando rememorações voltadas para os locais dos crimes e as maneiras dos furtos acontecerem. Notamos que esta dupla utilizou a busca pela precisão linguística como caminho principal de rememoração, utilizando variedades de mediadores secundários para alcançar este objetivo. O uso de repertórios sobre crimes e estratégias de crimes deixa claro para nós o entrelaçamento entre os elementos do texto e o conhecimento prévio sobre estratégias de crimes.

5.6.3 Dupla 3

A terceira dupla é formada por participantes que chamaremos de Emily e Karla ,respectivamente com 18 e 20 anos. Ambas são missionárias, trabalham e moram em São Lourenço da Mata, na Região Metropolitana do Recife. Ambas cursaram até o Ensino Médio.

A primeira rememoração desta dupla gerou um diálogo transcrito de 845 palavras e a segunda um diálogo transcrito de 422 palavras, totalizando 1.267 palavras. A diferença entre rememorações também pode ser vista na diferença do volume de Mediadores Secundários em cada uma das reproduções.



Fluxograma dupla 03 com Mediadores Primários e Secundários

Tabela 06 – ocorrências de Mediadores Primários e Secundários dupla 03				
	Todos os mediadores	Ocorrências <u>primeira</u> <u>rememoração</u>	Ocorrências <u>Segunda</u> <u>rememoração</u>	Total de ocorrências
Mediadores Primários	Bairros, ruas e municípios	14	11	25
	Lojas da região	10	4	14
	Procedimentos usados em crimes	4	5	9

	Notícias da época	1	0	1
	Pontos de atenção	4	0	4
	Quem comete o crime	6	3	9
	Ação de quem comete o crime	4	3	7
Mediadores Secundários	Questionamento	29	11	40
	Repetição	0	0	0
	Imagens	9	4	13
	Coerência Narrativa	3	2	5
	Dedução	5	3	8
	Deferimento	1	0	1

Pontos de atenção (MP): A dupla apresenta 4 ocorrências do mediador primário *pontos de atenção*, associados aos Mediadores Secundários *imagens (MS)* e *questionamento (MS)*, como vemos na fala de Karla associada à *imagem* da matéria “*Me chamou atenção quando em Abreu e lima. A matéria relata que foram cerca de 100 lojas e em paulista 60.*” ou ainda na fala de Emily associada ao *questionamento (MS)*: “*Então o que me chamou bastante atenção é que eram pessoas comuns, né?*”.

Procedimentos usados em crimes (MP): Encontramos a maior variedade de Mediadores Secundários referentes aos *procedimentos usados em crimes (04 tipos de Mediadores Secundários – coerência narrativa, dedução, deferimento e imagens)* e a forma de uso desses mediadores estava associada à imprecisão de ações e fatos, através de expressões como “houve um caso” ou “algumas lojas”.

Dupla 3- Rememoração 1

Emily- *Ah mas isso é no final. Das polícias. Até os policiais tiveram medo, senão eles iam assaltar as armas. (dedução)*

Karla- *Houve uma situação... que eles tentaram... atirar para cima, para ver se conseguiam controlar a situação, mas sem sucesso. Eles não conseguiram... (imagens e dedução)*

Imprecisão linguística (MP): Coexistiram a precisão e a imprecisão linguística, havendo predomínio da Imprecisão Linguística como forma de rememoração. Apareceu associado a outros Mediadores Primários, como *Procedimentos usados em crimes*, associado às *imagens (MS)* e *coerência Narrativa (MS)*

Karla – (...) Em algumas dessas lojas havia carros próximo.(imagens) já esperando os objetos que eles estavam furtando como uma Montana e uma Kombi.Acho que era uma Montana vermelha. Próximo a alguns pontos [...]

Bairros, ruas e municípios (MP) e lojas da região (MP): A dupla lança mão do conhecimento geográfico e lojas da Região Metropolitana do Recife, associando estabelecimentos aos bairros da cidade. Somado a esse recurso utilizam os Mediadores Secundários *questionamentos, imagens e deferimento* para lembrar o que parece coerente.

Dupla3- Rememoração1

Karla- (...) E aí? Mais alguma coisa? Algum detalhe? O que aconteceu na BR 101?(questionamento)

Emily- foi alguma loja que foi saqueada, que as portas estavam todas quebradas.(imagens)

Karla- exatamente! Pois coloque aí...os vidros estavam todos quebrados ...que era próximo à Abreu e lima. Que dava acesso(imagem)

Emily - que o que? Que ligava Recife a Abreu e Lima. Tinha uma loja...?que estava com as portas quebradas ou eram vidros?(questionamento e imagens)

Karla- vidros e portas. (...)

Dupla 3 - Rememoração 2

Emily-em Primavera 60 [lojas], não era?

Karla -aonde?

Emily - em primavera. Não era Primavera?

Karla -Paulista, criatura!(deferimento)

Emily - Tinha alguma coisa de Primavera...

Notícias da época da greve: no exemplo abaixo vemos uma referência às notícias midiáticas veiculadas à época da greve da PM associadas às *imagens (MS)* e *questionamentos (MS)*, como caminho para confirmar a recordação da reportagem.

Dupla 3 -Rememoração1

E- (...) mulheres, adultos, adolescentes e crianças , então eram donas de casas, talvez, com suas crianças que aproveitaram-se do momento e que talvez faltaria alguma coisa dentro de casa. “Então vamos pegar lá porque ta todo mundo pegando, então vamo pegar também” . Eu recordo que até foi passado numa matéria depois que teve uma pessoa que foi lá devolver, né? (...)

Quem comete crime e como age (MP): Neste exemplo vemos a associação destes mediadores primários com *dedução (MS)* e *questionamento (MS)*. A dupla deduziu que os saqueadores eram “pessoas comuns”, que habitualmente não praticavam esse tipo de procedimento. Emily justificou deduzindo que os furtos ocorreram por necessidade.

Dupla 3- Rememoração 1

Emily- (...) Então o que me chamou bastante atenção é que eram pessoas comuns, né?(Questionamento e dedução) Não eram pessoas assim, que já praticavam assaltos. A matéria relata bem que. É... mulheres, adultos, adolescentes e crianças , então eram donas de casas, talvez, com suas crianças que aproveitaram-se do momento e que talvez faltaria alguma coisa dentro de casa.

Dupla 3- Rememoração 2

Karla- quando você fala das pessoas que carregaram as coisas... tipo... nessa fala que eram donas de casa, adolescentes, crianças, pessoas que realmente não eram envolvidas nesse tipo de coisa(dedução)

5.6.3.1 Resumo da associação entre Mediadores Primários e Secundários da dupla 03

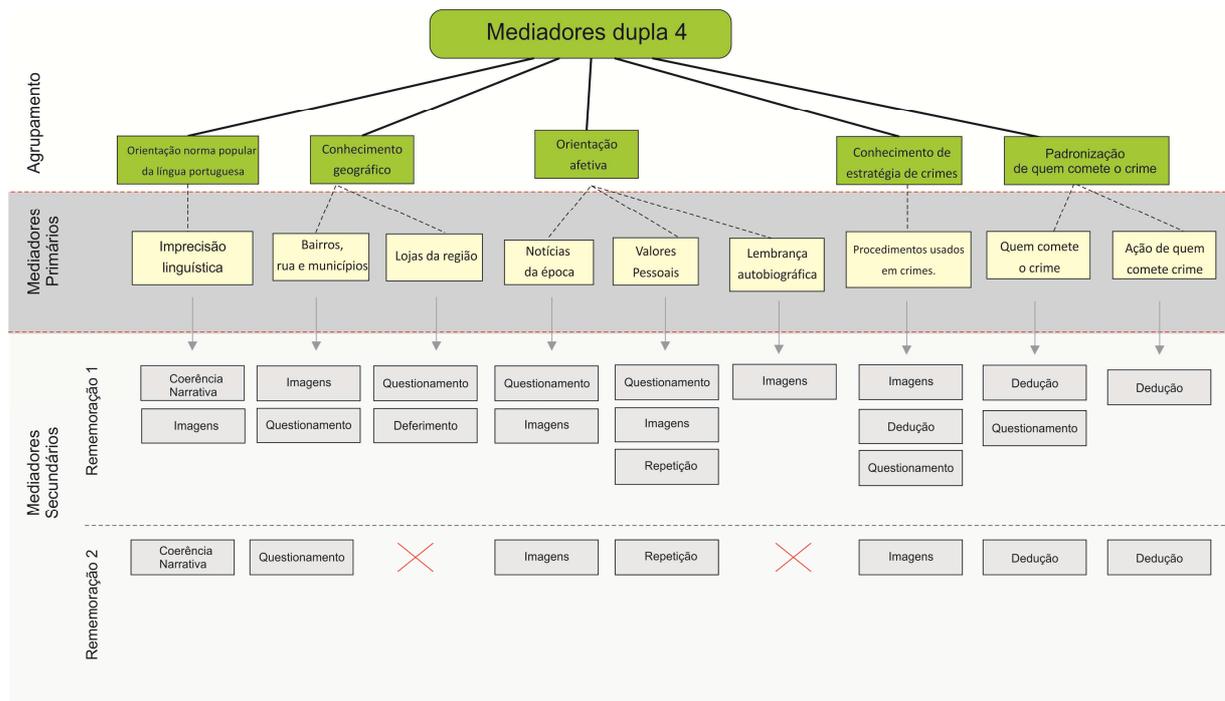
Esta dupla rememorou direcionada pelos *pontos de atenção (MP)*, *lojas da região (MP)* e *bairros, ruas e municípios (MP)*, demonstrando que o foco das rememorações estava voltado para os locais dos incidentes reportados na matéria. Temos que os mediadores Secundários atuaram, sobretudo, para atender às demandas desses Mediadores Primários, além dos Mediadores Primários relativos aos aspectos afetivos das participantes com a greve. Apesar da precisão e imprecisão linguística coexistirem, identificamos o predomínio de imprecisões nas rememorações, sobretudo pelo uso de termos, como “houve”, “alguns”, entre outros. Percebemos que características técnicas dos furtos e fugas de assaltos foram abordadas apenas para associar locais às ocorrências, havendo pouca exploração de detalhes sobre o que ocorreu em cada situação.

5.6.4 Dupla 4

A quarta dupla é composta por participantes que chamaremos de Carmem e Paloma. Ambas são donas de casa, moradoras do Bairro da Várzea na Região Metropolitana do Recife.

Paloma é casada e sem filhos e a participante Carmem é solteira e tem um filho em idade escolar. Ambas cursaram até o Ensino Médio.

A primeira rememoração da dupla gerou uma transcrição com 1.106 palavras, enquanto a segunda rememoração gerou uma transcrição de 446 palavras. Entre a primeira e segunda rememorações também houve diminuição de Mediadores Primários e Secundários, tanto na variedade representada abaixo, quanto no número de ocorrências, como representam o fluxograma 04 e tabela 07 a seguir.



Fluxograma dupla 04 com Mediadores Primários e Secundários A tabela abaixo

Tabela 07 – ocorrências de Mediadores Primários e Secundários dupla 4				
	Todos os mediadores	Ocorrências na <u>primeira rememoração</u>	Ocorrências na <u>Segunda rememoração</u>	Total de ocorrências
Mediadores Primários	Bairros, ruas e municípios	32	5	37
	Lojas da região	18	3	21
	Procedimentos usados em crimes	2	1	3
	Notícias da época da greve	6	1	7

	Lembrança pelos valores pessoais	5	11	16
	Lembrança autobiográfica do período	4	7	11
	Procedimentos usados em crimes	2	0	2
	Quem comete o crime	9	3	12
	Ação de quem comete o crime	4	1	5
Mediadores Secundários	Questionamento	33	11	44
	Repetição	4	8	12
	Imagens	19	10	29
	Coerência narrativa	7	1	8
	Dedução	12	4	16
	Deferimento	2	0	2

Imprecisão linguística (MP): Coexistiram a precisão e a imprecisão linguística, havendo predomínio da Imprecisão Linguística como forma de rememoração. Este mediador Primário apareceu associado a outros mediadores, como *Procedimentos usados em crimes* (MP) e Mediadores Secundários como *coerência narrativa e imagens*

Dupla 4- Rememoração 1

Carmem - Teve muito repórter lá filmando(imagem) [...] Botava nas costas e saia levando. (coerência Narrativa) Já tinha gente esperando lá fora, quando eles levavam as coisas. [...]

Notícias da época (MP): Mediador Primário com 6 ocorrências na primeira rememoração e 1 na segunda rememoração, associado ao *questionamento (MS)* e às *imagens (MS)*.

Dupla 4 - Rememoração 1

Carmem - (...) Acho que nesse tempo eu não vi jornal, né? (questionamento) Passei batido. Aí o que você falou de Abreu e Lima tá bom, que tinha gente que tava próxima pra levar os objetos. Sim, mas no rádio também a televisão falou, a imprensa falou que eles pediram pra que devolvessem os objetos, não foi? (imagens e questionamento) Pra que devolvessem os objetos. Uns devolveram outros não. Seria bom a agente colocar isso? (imagens)

Lembrança autobiográfica (MP): Mediador Primário com quatro ocorrências na primeira rememoração e 07 ocorrências na segunda rememoração, associado às *imagens (MS)*.

Dupla 04 - Rememoração 01

Carmem - É mais fácil a gente lembrar assim do que aconteceu do que está escrito. Agora quando a gente vem puxando do que aconteceu, eu lembro que eu faltei foi aula porque teve muito arrastão no Derby, muito policial, aí o professor pedia pra gente não ir. Tanto é que eu repeti o intermediário em Libra porque a carga- horária a gente não conseguiu todas, aí a gente teve que parar. Aí teve muito arrastão, os ônibus, a gente tudo com medo de pegar ônibus e as escolas ficavam com medo que os alunos fossem pra sala de aula.

Bairros, ruas e municípios; Lojas da região: mediador primário associado às *imagens (MS)* e *questionamento (MS)*.

Rememoração 01

Carmem- o Extra foi da Boa Vista, o Carrefour de Boa Viagem, não foi? Que eu li.

(questionamento)

Paloma- O Hiperbompreço foi de onde? Do Arruda?

*Carmem- foi Arruda, não tem o Hiper Ali no Arruda? **(imagem)***

Paloma - Sei não se eu conheço esse Hiper.

Valores pessoais: Mediador primário com 5 ocorrências na primeira rememoração e 11 ocorrências na segunda. Associado aos Mediadores Secundários *questionamento, imagens e repetição*. O valor em destaque é a importância de devolver produtos roubados destacado por Carmem.

Rememoração 01

*Carmem - Sim, mas no rádio também a televisão falou, a imprensa falou que eles pediram pra que devolvessem os objetos. Não foi? Pra que devolvessem os objetos. Uns devolveram outros não. Seria bom a agente colocar isso? **(repetição)***

(...)

*Carmem- agora era uma vergonha... aquela vergonha pra devolver as coisas, né? Ridículo, né rapaz? Pegar o que não é seu. **(questionamento e imagem)***

Procedimentos usados em crimes: Mediador Primário com duas ocorrências na primeira rememoração e uma ocorrência na segunda rememoração. Associado aos Mediadores Secundários *imagem, dedução e questionamento*, como vemos na fala de Carmem:

Dupla 4- Rememoração1

Carmem [...] as pessoas não se intimidavam, não era?(dedução e questionamento)Botava nas costas e saia levando. Já tinha gente esperando lá fora, quando eles levavam as coisas. Pronto. Aí foi em Abreu e Lima (imagem)

Quem comete o crime / Ação de quem comete o crime (MP): Mediadores Primários associados aos Mediadores Secundários *dedução, questionamento e imagens*

Dupla 4- Rememoração 1

Carmem- Pronto, nesse trecho aí teve um homem de camisa vermelha, que levou a máquina fotográfica, que tava sendo filmado, não foi? (Imagem e questionamento) Ele não se intimidou com.. que tava sendo filmado.(dedução)

5.6.4.1 *Resumo da associação entre mediadores primários e secundários da dupla 04*

Esta dupla 4 conduziu as rememorações pelos aspectos afetivos em relação à greve, como as *notícias da época da greve (MP)*, *lembranças autobiográficas (MP)* e os *valores pessoais(MP)* em relação às ações das pessoas durante a greve. Apesar de a Precisão linguística coexistir com a imprecisão linguística, notamos o predomínio das imprecisões nas rememorações, havendo poucas ocorrências de mediadores secundários para tornar os elementos rememorados mais precisos. Notamos ainda que as rememorações se distanciaram da estrutura e da ordem do texto, adquirindo aspectos pessoais tanto na parte escrita, quanto no diálogo das duplas. Na segunda rememoração, destacaram-se o sentimento geral de vergonha em relação a greve e o valor que representa devolver produtos roubados.

5.7 Um breve resumo do capítulo

Neste capítulo exploramos os dois tipos de resultados encontrados em nosso estudo: a convencionalização e a organização de dois tipos de mediadores, que chamamos de Mediadores Primários e Mediadores Secundários. Fizemos o uso do procedimento para análise de acurácia do texto jornalístico e identificamos, a partir da acurácia, as possibilidades de distorções apresentadas pelas rememorações escritas das duplas. Percebemos que houve similaridades entre as reconstruções escritas devido a repetição dos elementos, conforme já previa Bartlett (1932), porém a análise dos diálogos transcritos apontou diferenças entre os

caminhos utilizados para rememorar em cada uma das reconstruções, revelando aspectos de convencionalização, sobretudo na segunda rememoração.

A convencionalização foi vista destacando a transformação de lugares e bairros aos locais familiares aos participantes; acréscimo de elementos próprios de ações criminosas que iam além dos apresentados pelo texto; e predomínio de valores pessoais direcionando as rememorações. Essas transformações apresentaram o caráter particular adquirido pelas rememorações em função da passagem do tempo, revelando que a imersão dos participantes na cultura coletiva (com o conjunto de regras e procedimentos socialmente compartilhados), somado aos direcionamentos da cultura pessoal (com os conjuntos de valores e direcionamentos particulares) criou recursos para rememoração quando o acesso à fonte foi cortado.

Observando os dados empíricos tínhamos indícios de que a volta dos nossos participantes aos seus esquemas estaria associada ao sentimento de ler o texto, expectativas culturais familiares e experiências prévias, conforme também apontava a literatura (Wagoner & Gillespie). Debruçamo-nos, então na qualidade dessa associação e descobrimos que ela existe devido ao direcionamento dado por mediadores mais amplos (que chamamos de mediadores Primários) aos mediadores responsáveis pela volta do sujeito que rememora aos seus próprios esquemas (que chamamos de Mediadores Secundários). Descobrimos ainda a especificidade dos mediadores primários do nosso estudo e constatamos que eles estavam relacionados aos próprios assuntos abordados pelo texto, aos aspectos afetivos dos participantes e aspectos normativos da língua portuguesa.

A partir dos dados empíricos, fizemos uma construção interpretativa visando a formação de uma modelagem para compreensão do fenômeno. Chamamos a nossa construção de agrupamentos, que associaram os mediadores primários por características. Após esse passo, propomos a organização hierárquica de mediadores para cada uma das duplas e observamos como a variedade e o número de ocorrências de mediadores nos permitiu visualizar como cada dupla reconstruiu a matéria jornalística, destacando. Em última análise, esse procedimento mostrou quais foram as temáticas priorizadas nas rememorações, mostrando a que estava direcionada a construção de significados dos participantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parte da literatura em Psicologia dedicada à rememoração, contempla o fenômeno à luz de critérios de acurácia ou distorção em relação ao *input*, tomando a metáfora do armazenamento como referência para investigação da memória. Os estudos empíricos sobre a rememoração de matérias jornalísticas aos quais tivemos acesso, seguem o mesmo direcionamento, categorizando, em última instância, os resultados das rememorações em termos de acurácia, distorção ou ainda, reapropriando o termo esquema, originalmente cunhado por Bartlett (1932), para sugerir padrões de rememoração para a notícia jornalística.

Desenvolvemos nossa pesquisa interessados em compreender como ocorria o processo de rememoração de uma matéria jornalística local por moradores da Região Metropolitana do Recife e o nosso interesse estava em compreender sistematicamente como o fenômeno ocorria tendo em vista as sucessivas distorções e alterações que o conteúdo noticioso adquire na vida cotidiana, quando este é rememorado e recontado por pares sociais. Partimos, portanto de um caminho pouco explorado nesse campo de estudo, seguindo a metáfora da reconstrução mnemônica e nos distanciando da acurácia e distorção como finalidade investigativa.

Para a compreensão sistemática da rememoração da notícia que não se encerrasse em padrões de acurácia e distorções e que considerasse o conceito original do termo esquemas, utilizamos os princípios metodológicos da Psicologia Cultural e também a adaptação feita por Wagoner e Gillespie (2013) ao método de reprodução repetida de Bartlett (1932). Os achados da adaptação de Wagoner e Gillespie (2013) serviram de norte para construção de nossos dados, uma vez que foi preponderante a descoberta de mediadores socioculturais da memória como facilitadores da volta das pessoas aos seus próprios esquemas, deflagrando o processo de rememorar.

O nosso estudo revelou dois resultados interligados referentes a rememoração do texto jornalístico oferecido, sendo o primeiro deles relativo às formas variadas de apropriação do conteúdo exposto no texto aos universos familiares de cada participante, o que corresponde à convencionalização (Bartlett, 1932). A esse respeito, percebemos que mais elementos externos ao texto foram adicionados na segunda rememoração, sendo esses acréscimos relativos aos tópicos cotidianos dos participantes. Notamos ainda que os participantes de nosso estudo foram direcionados pelo próprio conteúdo do texto como possibilidade de facilitar a lembrança, assim como por experiências prévias com a greve e aspectos normativos

da língua portuguesa. Porém a forma de apropriação desses tópicos foi única, sinalizando que a cultura pessoal funcionou como filtro, para direcionar o tipo de conteúdo rememorado.

Nossa investigação não se propôs a ser um estudo comparativo, mas teve como foco a compreensão da dinâmica de rememoração também de pessoas com grau de instrução não universitário, tendo em vista que estudos anteriores priorizaram as participações de estudantes universitários, restringindo a compreensão do fenômeno aos sujeitos letrados (como em Wagoner & Gillespie; Durham, 1990; entre outros). Diante de nossa proposta surgiram similaridades e diferenças nítidas que não poderíamos deixar de pontuar, dentre elas, percebemos que os estudantes de direito do nosso estudo utilizaram os conhecimentos da norma culta da língua portuguesa como caminhos de rememoração, além dos conhecimentos sobre estratégias de roubos e fuga. Já os participantes de nosso estudo com escolaridade até o Ensino Médio concentraram as rememorações segundo aspectos que declaradamente os afetaram, como as lembranças de notícias da greve à época do acontecimento, lembranças autobiográficas do período da greve ou o que declaradamente chamou atenção.

O segundo tipo de resultado da nossa análise configurou-se como mais original e indicou que, para nosso texto, com nossos participantes, os mediadores compreendidos por Wagoner e Gillespie (2013), como responsáveis pela reformulação dos esquemas da pessoa que rememora, apareciam conduzidos por outros mediadores mais amplos que diziam respeito (a) aos assuntos principais do texto, (b) aos aspectos autobiográficos e (c) a aspectos normativos da língua portuguesa. A esses mediadores identificados em nosso estudo chamamos de Mediadores Primários uma vez que compõem o processo de rememoração aproximando os participantes do texto e direcionando a ação de outros mediadores que favorecem a volta dos participantes aos seus próprios esquemas, tal como Wagoner e Gillespie (2013) identificaram. Aos mediadores que favorecem a volta da pessoa aos seus esquemas, chamamos de Mediadores Secundários, uma vez que eles apareciam em nosso estudo guiados pelos Mediadores Primários.

Devido à constatação empírica de que os mediadores descobertos por Wagoner e Gillespie (2013) (o que para nós passou a ser considerado Mediador Secundário) atuaram em nossos casos direcionados por outros mediadores (o que chamamos de Mediadores Primários), sugerimos uma organização hierárquica de mediadores. Esta arrumação permitiu que a parte perceptível da volta do sujeito aos seus próprios esquemas, deflagrada pelo uso dos mediadores secundários, fosse identificada de maneira ordenada ou conduzida pelos mediadores primários, que se configuraram como elementos localizados na fronteira entre a matéria jornalística e os contextos socioculturais das pessoas que rememoraram. Para o campo

de estudo da memória reconstitutiva, a nossa proposta hierárquica representa uma possibilidade de sistematização da atuação de mediadores secundários, permitindo compreender as metas pretendidas pelo ato da pessoa voltar aos seus próprios esquemas.

Além disso, nosso estudo abre um leque de possibilidades para investigações subsequentes sobre rememoração e construções de significados a respeito de textos de Comunicação Social, não para buscar relações de causalidade entre características dos participantes e o texto, mas para identificar nas ocorrências dos Mediadores Primários de instâncias investigadas, um meio de compreensão de elementos fronteiros entre o material oferecido para a rememoração e as experiências e expectativas dos participantes em seus contextos socioculturais. Nesse sentido, uma variedade de tipos textuais noticiosos e não noticiosos podem ser utilizados nesse esforço de compreender o processo de construção de significados dos participantes via rememoração.

A compreensão da parte não externalizada dos esquemas, permanece uma questão em aberto devido às diversas origens dos esquemas, sendo a nossa investigação um passo dentre tantos outros necessários para atingir este objetivo. Reconhecemos também a possibilidade de existirem outras formas de associação entre mediadores primários e secundários, assim como a existência de outras categorias de mediadores a depender do tipo de material rememorado, como, por exemplo, os textos hipermidiáticos do webjornalismo, que permitem o acesso de conteúdos simultâneos através de links relacionados em meio ao texto.

REFERÊNCIAS

Allport, G. W. & Postman, L. (1947). *The psychology of rumor*. New York: Henry Holt.

Anderson, J.R & Bower, G.H. (1973), *Human associative memory*. Washington D.C.

Atkinson, R.C & Shiffrin, R.M. (1968) *Human memory: A proposed system and its control processes*. In: K.W Spence & J.T. Spence (Eds.). *The Psychology of learning and motivation: Advances in research and theory* (vol.2; pp.90-196). New York: Academic press

Bartlett, F. C. (1932/1995). *Remembering: A study in experimental and social psychology*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.

Bartlett, F.C. (1960). "Notes on remembering". Recuperado em 25/09/2015, de <http://www.bartlett.psychol.cam.ac.uk/NotesOnRemembering.htm>

Branco, A & Valsiner, J (1997) *Changing Methodologies: A Co-constructivist Study of Goal Orientations in Social Interactions*. vol. 9 no. 1 35-64

Bergman, E. T., & Roediger, H. L. (1999). Can Bartlett's repeated reproduction experiments be replicated? *Memory & Cognition*, 27, 937–947.

Bower, G. H. In Tulving, E & Craik, F.I.M. (2000). *The Oxford Handbook of Memory* pp.4-32 New York: Oxford University press

Brewer, W, F & Nacamura, G,V (1984). *Theoretical reports*, 325, pp.4-52. United States: Illinois

Bruner, J. (1991) *The narrative construction of reality*. *Critical Inquiry*. 18, 1-21.

Bruner, J. (1997). *Atos de significação*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Canavilhas, (2001). Webjornalismo.Considerações gerais sobre jornalismo na web
In:Fidalgo,A & Serra, P. (orgs.). Informação e comunicação online volume 1: Jornalismo
online, pp.63-75.

Canavilhas (2006) Do jornalismo online ao webjornalismo: formação para a mudança.
Comunicação e Sociedade, vol. 9-10, 2006, pp. 113-119

Christensen,T.S & Wagoner.B (2015) Towards a cultural psychology of metaphor: A holistic-
development study of metaphor use in an institutional context. Culture & Psychology. Vol.
21(4) 515–531

Calkins, M.W.(1894) Association. Psychological review,1,476-483.

d’Haenens, L; Jankowski, N & Heuvelman, A (2004), News in Online and Print Newspapers:
Differences in Reader Consumption and Recall. New Media & Society June 2004 vol. 6no.
3 363-382.

Danziger, K. (2008). Marking the Mind: A History of Memory. Cambridge, UK: Cambridge
University Press.

DeFleur, M & Cronin, M. (1991) Completeness and Accuracy of recall in the Diffusion of
teh news from a newspaper VS. a television source. Sociological Inquiry. Vol 61, issue 2,
148-166.

Defleur, M.L., Davenport, L., Cronin, M., & DeFleur, M. (1992). Audience recall of
news stories presented by newspaper, computer, television and radio. Journalism
Quarterly, 69, 1010-1022.

Dessen, M. & Junior, A.(Orgs).(2005). A ciência do desenvolvimento humano: tendências
atuais e perspectivas futuras.Porto Alegre:Artmed.

Diario de Pernambuco (2014) “Vândalos deixam rastro de caos e violência”. Recuperado em
07/05/1015, de http://www.impresso.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/cadernos/vida-urbana/2014/05/16/interna_vidaurbana,88261/vandalos-deixam-rastro-de-caos-e-violencia.shtml

Dijk. T.A.V In Just.M.A; Carpenter.P.A (1977) *Cognitive Processes in Comprehension*. New York: Taylor Francis group

Dijk. T.A.V (2005) *Notícia e conhecimento*. In *Estudos em Jornalismo e Mídia*. Vol.2. n.2. pp.13-29

Dijk. T.A.V (2010) *Cognição, Discurso e Interação*. 7ª Ed. São Paulo: Contexto.

Durhan.G,(1990) *Is It All in the Telling?: A Study of the Role of Text Schemas and Schematic Text Structures in the Recall and Comprehension of Printed News Stories*. Dissertation: University of Florida.

Durhan.G,(1994) *Toward a Systematic Method of Measuring Free Recall from Printed News Stories*. pp.3-31.

Gardner,H. (2003). *A nova ciência da mente*. 3.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Gauld, A., & Stephenson, G. M. (1967). Some experiments relating to Bartlett's theory of remembering. *British Journal of Social Psychology*, 58, 39–49.

Grabe. M. E.; Kamhawi.R; Yegian.M. (2009) *Informing citizens: How people with different levels of education process television, newspaper and web news*. *Journal of Broadcasting and Electronic Media* 53 (1), pp 90-111.

Graber. D (1988) *Processing the News: How People Tame the Information Tide*. New York: Longman

Harré,R. (2009). *Grandes Pensadores em Psicologia*. São Paulo: Rocca.

Hovland. C.I.(1940). *Experimental studies in rote-learning theory: number 7. Distribution of practice with varying lengths of list*. *Journal of experimental Psychology*,27,271-284

Huh, H.J.L.(1993) The Effect of Newspaper Picture Size on Readers' Attention, Recall, and Comprehension of Stories. pp.3-41

Izquierdo,I. (2004). Questões sobre memória.São Leopoldo:Unissinos

Johnson. G.J.(1991) A distinctiveness model of serial learning. *Psychological Review*. 28,204-217

Jyotika,R.(1991). Informational Graphics in Newspapers: Attention, information retrieval, understanding & recall. *Newspaper Research Journal* 12.3 , 92.

Katz.E; Adoni. H.& Parness.P.(1977) Remembering the news: What the picture adds to recall. *Journalism Quarterly*, 54, 231–239.

Kintsch.W; Dijk T.A.V,(1978) Toward a model of text comprehension and production. *Psychological Review*. Vol.85. n. 05 . pp. 363-394.

Kintsch (1995/1932) In: Bartlett, F.C, *Remembering: A study in experimental and social psychology*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.

Lavenne,F; Renard,V; Tollet,F. (2005). *Fiction, Between Inner Life and Collective Memory. A Methodological reflection*. The new arcadia Review: Boston

Mandler, J. M., & Johnson, N.S. (1977). Rememberance of things parsed: Story structure and recall. *Cognitive Psychology* 9, 111–151.,

Maxwell, R. S. (1936). Remembering in different social groups. *British Journal of Psychology*, 27, 30-40.

Mandler, G. S. (1967). *The psychology of learning and motivation: I* .Oxford, England: Academic Press, x, 381 pp.

Mead, G. H. (1934). *Mind, Self and Society: From the standpoint of a social behaviorist*. Chicago: Chicago University Press.

Mesoudi, A. & Whiten, A. (2004). The hierarchical transformation of event knowledge in human cultural transmission. *Journal of Cognition and Culture*, pp. 1-24. Netherlands: Leiden.

Middleton, D., & Brown, S. D. (2005). *The social psychology of experience: Studies in remembering and forgetting*. London, UK: Sage.

Middleton, D. & Edwards, D. (1990). Conversational remembering: A social psychological approach. In: D. Middleton & D. Edwards (Eds.), *Collective Remembering* (pp. 23-46). London: Sage.

Morley, D. & Brunson, C. (2005) *The nationwide television studies*. pp. 120.

Munzlinger, A.; Ogliari, C.; Galhotto, J. & Perassi, P. (2013). Processos de produção de sentido na transmissão radiofônica “Guerra dos Mundos” (1938). nº 6, pp. 1-11.

Nadel, S. F. (1937). Experiments on culture psychology. *Africa*, 10, 421-435

Newsom, D., & Wollert, J. A. (1988). *Media writing: Preparing information for the mass media* (2nd ed). Belmont, CA: Wadsworth Publishing Co.

Neisser, U. (1967). *Cognitive psychology*. New York, NY: Appleton-Century-Crofts.

Northway, M. L. (1936). The influence of age and social group on children's remembering. *British Journal of Psychology*, 27, 11-29.

Oldfield, R. C. & Zangwill, O. L. (1943). Head's concept of the schema and its application in contemporary British psychology III: Bartlett's theory of memory. *British Journal of Psychology*, 33, 113-129

Preti, D. (1994). *Sociolinguística. Os níveis da fala*. 7ed. São Paulo: Edusp, pp. 54.

Roediger, H. L. (1980). Memory metaphors in cognitive psychology. *Memory & Cognition* 8(3), 231–246

Salaverria, Ramón (2005) Redacción periodística en Internet. Pamplona: EUNSA

Salvatore, S & Valsiner, J (2010). Between the general and the unique: Overcoming the nomothetic versus idiographic opposition. *Theory & Psychology*, 20, 817-833.

Salvatore, S (2014) The mountain of cultural psychology and the mouse of empirical studies. Methodological considerations for birth control. *Culture & Psychology*, vol 20(4), pp.477-500

Shank, R. & Abelson, R. (1977). *Scripts, Plans, Goals and Understanding*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.

Silva, G (2005) Jornalismo e construção de sentido: pequeno inventário. *Estudos em jornalismo e mídia*, vol2,nº2,pp.95-107.

Smolka (2000) Memória em questão: Uma perspectiva histórico-cultural. *Educação & Sociedade*, ano XXI, nº 71.

Sternberg,R. (2000). *Psicologia Cognitiva*. Porto Alegre:Artes Médicas

Pipps,V; Walter, H; Endres ,K & Tabatcher,P. (2009) Information Recall of Internet News: Does Design Make a Difference? A Pilot Study. *Journal of Magazine & New Media Research*. Vol. 11, No. 1, pp.1-20.

Tulving, E.(1995) *Organization of the memory: quo vadis?* In: Gabazzaniga, Michael (org.)*The cognitive neurosciences*.2.ed. Cambridge: A Brandford Book.

Tulving,E.(1962) Subject organization in free recall of “unrelated” words. *Psychological review* 69,344-354

Varela,K. (2011). Memória autobiográfica em idosos saudáveis: um estudo sobre o papel do outro na recordação. Dissertação de Mestrado, Departamento de Psicologia Cognitiva, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil.

Valsiner, J. (1999). *Culture and Human Development*. London: Sage Publications

Valsiner, J. (2007). *Culture in minds and societies: Foundations of cultural psychology*. New Delhi: Sage

Valsiner,J & Rosa,A. (2007). *Contemporary Social-Cultural Research: Uniting Culture, Society, and Psychology*. In: Valsiner, J & Rosa ,A. *The Cambridge Handbook of Culture and Psychology*. (Editor's introduction) New York: Cambridge University Press.

Valsiner, J.(2012). *Fundamentos da Psicologia Cultural: Mundos da mente, mundos da vida*. Porto Alegre: Artmed.

Valsiner, J. (2014). *An invitation to cultural psychology*. Sage Publications, Incorporated.

Vigotski, L,S. (2007) *A formação social da mente*. São Paulo:Martins Fontes

Wagoner, B. (2009). In: Valsiner, J., Molenaar, P.C.M., Lyra, M.C.D.P., Chaudhary, N. (Eds.). *Dynamic Process Metodology in the Social and Developmental Sciences* (chap. 05 , pp.99-121). Springer.

Wagoner,B. (2011). *Meaning construction in remembering: A synthesis of Bartlett and Vygotsky*. Published in:*Theoretical Psychology*. Aalborg Universitet. Dinamarca

Wagoner, B. (2012) *Culture in Constructive Remembering*. In: Valsiner, J. *The Oxford Handbook of Culture and Psychology*. (chap. 49, pp.1039) New York: Oxford University Press.

Wagoner, B. (2013) *Bartlett's concept of schema in reconstruction*. Artigo. *Theory& Psychology*. Inglaterra.

Wagoner, B., Gillespie, A. (2013) Sociocultural mediators of remembering: An extension of Bartlett methods repeated reproduction. *Artigo. The British Journal of Social Psychology. Inglaterra.*

Wagoner, B. (2015) Qualitative experiments in Psychology: The case of Frederic Bartlett's Methodology. *Forum qualitative social research. V.16, n.3. pp.1-38.*

Wanta, W.; Remy, J (1995) Information recall of 4 elements among young newspaper readers. *Newspaper Research Journal. V.16, n.2. pp.112-134*

Wechsler, D. Engrams, memory storage, and mnemonic coding. *American Psychologist, Vol 18(3), Mar 1963, 149-153.*

Wicks, R (1992) Improvement over time in recall of media information: An explanatory study. *Journal of broadcasting & Electronic Media. Vol 36, issue 3, pp. 287-302*

Wicks, R. (1993). Effects of message discrepancy on recall of News information over time

William, S.B; Quarles, R & Kosak, H (1978). The effects of photography and their size on reading and recall of news stories. *ERIC Documents 159 722.*

Zittoun, Tania. (2009). Dynamics of life-course transitions: a methodological reflection. *Dynamic Process Methodology in the Social and Developmental Sciences. Chapter 18, 405-429.*

Zittoun, T., Valsiner, J., Vedeler, D., Salgado, J. Goncalves, M. and Ferring, (2013). *Melodies of living. Cambridge: Cambridge University Press.*

APÊNDICE A – Divisão da matéria para análise

Vândalos deixam rastro de caos e violência	
LEAD	A presença das forças federais não impediu que a onda de saques e arrastões prosseguisse ontem na Região Metropolitana do Recife. Crianças, donas de casa, idosos, motociclistas e adolescentes disputavam quem conseguia carregar mais objetos usando apenas as mãos. Os saques reforçaram o clima de insegurança e somaram-se aos registros de assaltos e arrastões.
TIE-IN	Apenas em Abreu e Lima, cerca de 100 lojas foram saqueadas. Em Paulista, aproximadamente 60 lojas foram invadidas e roubadas. No Recife, estabelecimentos como o Carrefour e o Extrabom de Boa Viagem, além do Bompreço do Arruda, entraram na lista. Equipes de reportagem do Diário flagraram ações criminosas.
1ª PARTE	<p>Na Estrada dos Remédios, Afogados, muitos saqueadores gargalhavam ao sair da loja de eletrodomésticos Eletroshopping com geladeiras, computadores e aparelhos de televisão nas mãos. A loja já havia sido assaltada no início da manhã de ontem. Por volta das 7h30, funcionários do estabelecimento foram abordados quando abriam o estabelecimento.</p> <p>Dois homens armados levaram todos os produtos que estavam na vitrine e pertences dos trabalhadores. No fim da manhã, um grupo voltou ao local para levar o que restou do assalto. Um homem sem camisa ainda tentou levar a câmera fotográfica da equipe que registrava o saque. A poucos metros da loja, um Chevrolet Montana de cor vermelha aguardava os saqueadores para transportar os eletrodomésticos roubados.</p>
2ª PARTE	Um esquema semelhante foi flagrado pelo Diário em Paulista. Uma Kombi ficou parada a poucos metros da Eletroshopping saqueada no Centro do município. O veículo levava os objetos. A Eletroshopping foi o segundo alvo dos saqueadores. Inicialmente, mulheres e homens adultos, idosos, crianças e adolescentes tentaram arrombar a Elektra. Seguranças armados deram tiros para o alto, dispersando o grupo, que seguiu para a Eletroshopping.
3ª PARTE	As portas quebradas das lojas do trecho da BR-101 que corta Abreu e Lima, na Região Metropolitana do Recife, denunciavam a violência dos saques. As lojas, como Insinuante e LaserEletro, e o supermercado Todo Dia foram alguns dos estabelecimentos atingidos na cidade. Nos locais, foram encontradas pedras e máscaras utilizadas pelos saqueadores.
4ª PARTE	A câmera de segurança do núcleo da PM que fica em frente à loja não estava funcionando. Policiais que estavam no local guardavam apenas o patrimônio da corporação. Segundo um dos PMs, que não quis se identificar, os militares foram avisados sobre os saques. “Disseram que se saíssemos do posto, roubariam as armas”, contou.

APÊNDICE B – Imagem do site do Diário de Pernambuco

pernambuccom > Jornais > Rádios e TV > Superesportes > Blogs > Classificados > Assine e leia >

publicidade

Visite Dubai
tripadvisor.com.br
Leia as avaliações dos viajantes e encontre ofertas de hotéis

DIÁRIO de PERNAMBUCO
IMPRESSO

ASSINE JÁ CLUBE DIÁRIO ANUNCIE FALE CONOSCO

busca

Todos os dias: POLÍTICA RADAR ECONOMIA SUPERESPORTES LOCAL VIVER FILTRO EM FOCO OPINIÃO ÍNDICE

Toda Semana: ADMITE-SE ENTREVISTA VRUM LUGAR CERTO GASTRÔ DIARINHO

LOCAL

A- A+ TAMANHO DA LETRA IMPRIMIR Compartilhe: f t + 0

Vândalos deixam rastro de caos e violência

Saqueadores gargalhavam enquanto levavam produtos retirados de lojas arrombadas. Equipes do Diário flagraram diversas ações criminosas

Publicação: 16/05/2014 03:00

A presença das forças federais não impediu que a onda de saques e arrastões prosseguisse ontem na Região Metropolitana do Recife. Crianças, donas de casa, idosos, motociclistas e adolescentes disputavam quem conseguia carregar mais objetos usando apenas as mãos. Os saques reforçaram o clima de insegurança e somaram-se aos registros de assaltos e arrastões. Apenas em Abreu e Lima, cerca de 100 lojas foram saqueadas. Em Paulista, aproximadamente 60 lojas foram invadidas e roubadas. No Recife, estabelecimentos como o Carrefour e o Extrabom de Boa Viagem, além do Bompreço do Arruda, entraram na lista. Equipes de reportagem do Diário flagraram ações criminosas.

Na Estrada dos Remédios, Afogados, muitos saqueadores gargalhavam ao sair da loja de eletrodomésticos Eletroshopping com geladeiras, computadores e aparelhos de televisão nas mãos. A loja já havia sido assaltada no início da manhã de ontem. Por volta das 7h30, funcionários do estabelecimento foram abordados quando abriam o estabelecimento.

Dois homens armados levaram todos os produtos que estavam na vitrine e pertences dos trabalhadores. No fim da manhã, um grupo voltou ao local para levar o que restou do assalto. Um homem sem camisa ainda tentou levar a câmera fotográfica da equipe que registrava o saque. A poucos metros da loja, um Chevrolet Montana de cor vermelha aguardava os saqueadores para transportar os eletrodomésticos roubados.

Um esquema semelhante foi flagrado pelo Diário em Paulista. Uma Kombi ficou parada a poucos metros da Eletroshopping saqueada no Centro do município. O veículo levava os objetos. A Eletroshopping foi o segundo alvo dos saqueadores. Inicialmente, mulheres e homens adultos, idosos, crianças e adolescentes tentaram arrombar a Elektra. Seguranças armados deram tiros para o alto, dispersando o grupo, que seguiu para a Eletroshopping.

As portas quebradas das lojas do trecho da BR-101 que corta Abreu e Lima, na Região Metropolitana do Recife, denunciavam a violência dos saques. As lojas, como Insinuante e LaserEletro, e o supermercado Todo Dia foram alguns dos estabelecimentos atingidos na cidade. Nos locais, foram encontradas pedras e máscaras utilizadas pelos saqueadores.

A câmera de segurança do núcleo da PM que fica em frente à loja não estava funcionando. Policiais que estavam no local guardavam apenas o patrimônio da corporação. Segundo um dos PMs, que não quis se identificar, os militares foram avisados sobre os saques. "Disseram que se saíssemos do posto, roubariam as armas", contou.

Capa

Anteriores

Selecione a data que você deseja visualizar

Dia: 1

Mês: Janeiro

Ano: 2012

Procurar

Edições anteriores a 29/05/2012

LER A EDIÇÃO DO DIA

Notícias

- Microcefalia é severa em 71% dos casos
- PROTEÇÃO** - Grávidas do Bolsa Família receberão repelente
- COMBATE** - Justiça quer acelerar entrada em imóveis
- O gigante vai desfilar em homenagem às mulheres
- Diário urbano
- Ônibus BRT em linhas convencionais
- Governo investiga ligação entre fugas
- BOA VIAGEM** - Respeito à faixa no primeiro dia
- GOIANA** - Operário morre dentro de fábrica

PODCAST
MINUTOS

APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA COGNITIVA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O (A) Senhor (a) está sendo convidado (a) a participar como voluntário(a), da pesquisa *Memória reconstrutiva e construção de significados dos leitores do jornal Aqui PE sobre o policial, o infrator e o cidadão*. Esta pesquisa é da responsabilidade da pesquisadora Ana Carolina Ferreira de Souza (Labccom, Av. da Arquitetura, s/n - 9º andar - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-550, Tel.: (81)9985-3538 - e-mail lina.ferreira.souza@gmail.com) e está sob a orientação da Profª Drª Maria C. D. P. Lyra - Tel. (81) 2126-8272, e-mail (marialyra2007@gmail.com).

Este Termo de Consentimento pode conter informações que o/a senhor/a não entenda. Caso haja alguma dúvida, contate a pesquisadora para que o/a senhor/a esteja bem esclarecido (a) sobre sua participação na pesquisa. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, caso aceite em fazer parte do estudo, rubriche as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável. Em caso de recusa o (a) Sr.(a) não será penalizado (a) de forma alguma. Além disso, o (a) Senhor (a) tem o direito de retirar o consentimento da sua participação em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer penalidade

Informações sobre a Pesquisa

O (A) Senhor (a) está sendo convidado (a) a participar de uma pesquisa cujo objetivo é compreender os processos de construção de significados acerca dos elementos contidos em uma matéria jornalística. A participação no estudo está relacionada ao preenchimento de questionários e à realização de duas tarefas a respeito de uma matéria jornalística, que devem ser feitas em dupla e que serão gravadas em áudio (MP4).

É pouco provável que esses procedimentos lhes causem alterações físicas ou psicológicas significativas, porém é importante esclarecer que o (a) senhor (a) é inteiramente livre para aceitar participar desta pesquisa, e poderá encerrar sua participação a qualquer momento, inclusive se sentir qualquer tipo de desconforto e desejar não responder a alguma questão formulada.

A participação no estudo não traz benefícios materiais diretos. Contudo, quem estiver participando do estudo contribuirá para a ampliação do saber teórico sobre a memória na perspectiva reconstrutiva.

As informações desta pesquisa são confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a participação do/a voluntário(a). Os dados coletados nesta pesquisa (questionários e transcrições de áudio), ficarão armazenados em computador, sob a responsabilidade dos pesquisadores, no Laboratório de

Estudos do Desenvolvimento na Cultura: Comunicação e Práticas Sociais (LabCCom) da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE (Avenida da Arquitetura s/n - 9º andar - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-550), pelo período mínimo de cinco anos.

O (a) senhor(a) não pagará nada para ele/ela participar desta pesquisa. Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: Avenida da Engenharia s/n - 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cepccs@ufpe.br.

Assinatura do pesquisador (a) responsável
Ana Carolina Ferreira de Souza

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO VOLUNTÁRIO (A)

Eu, _____, CPF _____, abaixo assinado, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar e ter esclarecido as minhas dúvidas com a pesquisadora responsável, concordo em participar do estudo *Memória reconstrutiva e construção de significados dos leitores do jornal Aqui PE sobre o policial, o infrator e o cidadão*, como voluntário (a). Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo (a) pesquisador (a) sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade (ou interrupção de meu acompanhamento/assistência/tratamento).

Local e data _____

Assinatura do (da) voluntário (a): _____

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do voluntário em participar. 02 testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores):

Testemunhas:

1 _____

2 _____

APÊNDICE D – Questionário de hábitos midiáticos

01. Qual a sua idade? _____

02. Qual a sua profissão? _____

03. Em qual bairro você mora? _____

04. Assinale com um (x) as opções que mais se adaptam à sua realidade:

Qual sua escolaridade?

- 1º grau
- 2º Grau
- Graduação incompleta
- Graduação completa
- Pós-graduação incompleta
- Pós graduação completa

**Quais são as suas fontes principais de informação sobre o seu bairro, o Brasil e o mundo?
(Mais de uma opção pode ser assinalada.)**

- jornal Impresso
- jornal em meio digital (sites dos jornais)
- Redes sociais
- Rádio
- Revistas
- Blog (Qual? _____)
- TV
- Outro _____

Com que frequência você tem acesso às informações nesses meios?

- diariamente
- uma vez por semana
- duas vezes por semana
- três vezes por semana

05. Enumere de 1 a 7 os seus cadernos/sessões favoritas dos jornais ou portais de notícias.

Sendo 1= “gosto muito;(…); 7 “ não gosto”.

- Esporte
- Policial
- Lazer/ Entretenimento
- Política
- Internacional
- Cidades
- Colunas

6. Qual o tipo de noticia mais chama a sua

atenção? _____

Por que? _____

7.. Caso assista televisão, qual seu programa de TV favorito?

APÊNDICE E- Transcrição do diálogo da dupla 01 (Mara e Laura)

Reconstrução 1

MARA - bom, começa ele falando dos saques e arrastões em paulista Abreu e Lim. fala o que tu lembra desse começo...

LAURA - estrada dos remédios... se for de cidade

MARA - mas esse da estrada dos remédios já é no segundo parágrafo quando ele fala dos roubos em Afogados.

LAURA - que eu lembre era assim uma tipo dizendo que mães não. Mulheres, adultos crianças, com as próprias mãos sem ser armados e tal, né? Que saqueava essas lojas. Aí ele pontuou várias lojas assim de grande porte , como Eletroshopping, Extrabom... aí disse o local, Paulista, recife... no primeiro parágrafo já tinha citado.

MARA - foi. Acho que ele fala Paulista, Abreu e Lima, Recife. Aí depois ele vai falar de um roubo específico em Afogados

LAURA - Estrada dos Remédios

MARA - é. Que é em Afogados

LAURA - ah, é!

MARA - aí ele fala que foi um cara armado...

LAURA - peraí, vamo pensar direitinho! Eu lembro que tinha um carro à espera, vermelho. Que eles saqueavam e ficavam esperando para botar os eletrodomésticos que foram levados da loja

MARA - eu lembro também que tinham moradores que enquanto saqueavam tavam gargalhando

LAURA - sim, teve isso também...aí depois disso, no terceiro, quarto parágrafo teve um roubo parecido em outro local, que eu não lembro que dessa vez era uma kombi que ficava esperando. Tem mais o que me meus Deus? Mulher, a gente leu agorinha

MARA - outra coisa que eu lembro! Do roubo da estrada dos remédios foi o que me marcou, eu acho. Que ele fala também que o cara tentou roubar, tomar a câmera de quem tava filmando. E como é que acaba isso, ein?

LAURA - Acaba com o relato do policial

MARA - é mesmo! Que eles tentaram saquear o posto policial.

LAURA - que els disseram assim, que a galera ...pelo que eu entendi, a galera foi pedir ajuda e o policial disse que não poderia sair do local de guarda porque era capaz de eles saquearem as armas

MARA - é, as armas do arsenal da polícia foi alguma coisa assim.

MARA - saques acontecem na região Metropolitana. É que eu não lembro de data.

LAURA - mas ele não falou de data não . Saque às grandes lojas, alguma coisa assim, né? A às, né? Craseado.

MARA - Aí vai, Bompreço. Eu lembro Bompreço do Arruda, insinuante, Eletroshopping...

LAURA - Tu lembra, é? Saque às grande lojas, como o que?

MARA - Insinuante, laser Eletro, Bompreço do Arruda.

LAURA - mais algum assim, tu lembra? Extrabom eu acho que tinha.

MARA - supermercado Todo Dia... a gente ta brincando de lembrar o nome das lojas que tinham no texto

LAURA - supermercado o que?

MARA - Todo Dia.

LAURA - ocorreram na Região Metropolitana de Recife?

MARA - han ran

LAURA - Que foi Mara?

MARA - Não, nada. É que a gente tem que colocar que foram homens, mulheres, crianças, velhos.

LAURA - saques às grandes ocorreram na Região metropolitana do recife por...

MARA - fica meio estranho, mas não tem problema não.

LAURA - por homens, mulheres...

MARA - idosas e crianças

LAURA - crianças e o que?

MARA - idosos.

LAURA - teve idosos também? Avemaria! Com as mãos ...como é? Ele usou a expressão.

MARA - com as suas próprias mãos, mãos. Moes! Ótimo! (risadas)

LAURA - ponto?

MARA - Ponto.

LAURA - é porque senão vai ficar um superperíodo

MARA - outro roubo aconteceu...

LAURA - Não, peraí. Vamos ver se a gente ta lembrando de tudo desse primeiro parágrafo. O primeiro parágrafo foi... mais isso, assim.

MARA - No primeiro parágrafo ele não remete nada por ter sido por conta da greve da polícia não.não fala disso. Ou fala?

LAURA - Greve da polícia? E tem isso no texto. Tem não Mara

MARA - (risos) é que o povo tava saqueando .

LAURA - eu não lembro de ter o motivo do saqueamento não. Juro. Como assim, que eu não lembro! Ter o motivo?

MARA - minha mente ta péssima então.

LAURA - eu tenho quase certeza que não tinha. Porque eu até lembro que eu remeti... porque tipo, isso parece ser uma notícia jornalística sobre os saques que ocorreram, não foi? Então, tipo, eu já associei a isso, como se tivesse subentendido. Do entendimento do leitor, assim, mas ele não fala.

Pesq= eu vou interferir. Como eu tenho dito a todas as duplas, este é um texto do diário de Pernambuco, de um ano atrás na greve da polícia Militar, mas o texto não diz.

LAURA - ta vendo que não tinha!

MARA - borá continuar.

LAURA - o segundo parágrafo já. E na Estrada dos remédios... como é? Fato parecido

MARA - isso. Aconteceu. Na Estrada dos Remédios no bairro de Afogados, em que a loja Eletroshopping... eu acho que foi a Eletroshopping

LAURA - ...um fato parecido aconteceu... no bairro de Afogados.

MARA - na loja eletroshopping. Ponto Primeiro os homens roubaram, depois chegaram os moradores.

LAURA - Nessa aqui, né? Lembro que tinha a Kombi. Eu lembro da Kombi. Do carro vermelho. Deixa eu lembrar o nome... Meus Deus... não sei se era alguma coisa Chevrolet...

MARA - huuuummm.. era um Chevrolet vermelho

LAURA - Era um chevrolet vermelho não sei o que... borá lá.

MARA - Homens armados

LAURA - humm

MARA - roubaram a loja

LAURA - as piores repórteres (risos) homens armados...é...roubaram os utensílios... sei lá

MARA - os eletrodomésticos da loja. Redundante, né? Na Eletroshopping roubaram os eletrodomésticos da loja.

LAURA - Sim... eu lembro que tinha alguma coisa da vitrine que eles pegaram até as coisas da vitrine pegaram tudo. Um homem sem camisa. Eu lembro que tinha um homem sem camisa. Eu lembro disso.

MARA - mas também a gente vai botar. Um homem sem camisa e tinha um homem sem camisa...

LAURA - é! Aleatório! (risos) correndo... homens armados, invadiram.

MARA - tu já botasse roubaram

LAURA - eita!roubaram a loja

MARA - levando diversos utensílios.

LAURA - eu lembro que eles só deixaram os pertences da corporação. Eu lembro que tinha alguma coisa da corporação. Levaram tudo da vitrine, como se só deixassem as coisas dos funcionários, alguma coisa assim(enfim, não vamo botar isso não. Porque eu não lembro disso mesmo)

MARA - roubaram a loja e posteriormente a população...Bota isso

LAURA - eita a gente esqueceu do homem do carro vermelho. Como é que a gente vai botar? ...e posteriormente

MARA - conduziram os objetos roubados para o carro. Ah, mas é a população, né? Já foiné?

LAURA - e posteriormente a população

MARA - saqueou o que sobrou da loja. Não foi a mesma loja que a população roubou?

LAURA - e posteriormente a população ...

MARA - também invadiu a loja

LAURA - Uniu-se... sei lá...uniu-se não, que eles não fizeram parceria, mas...

MARA - e também invadiram e saquearam a loja. Bota isso

LAURA - saquearam-na, né? Ow, rapaz, to com pena. Nem entrou o homem sem camisa nem entrou o carro vermelho. Tô com pena. Sim, aí já ai pro outro?

MARA - Enquanto gargalhavam. Tem que botar isso

LAURA - quem gargalhava?

MARA - a população, enquanto roubava

LAURA - ta

MARA - no último parágrafo nesse negócio do arsenal . Não tem quase nada. Foi no mesmo lugar? Quem chamou a polícia?

LAURA - Pelo menos o que eu entendi do parágrafo, pelo menos o que eu lembro agora, é como se alguém tivesse ido chamar a polícia e a polícia não tivesse como ajudar porque tinha o risco do arsenal...

MARA - eu lembro do depoimento do policial no final. A frase que acaba com o depoimento do policial” Se nós saíssemos eles iriam roubar as armas”. É meio que assim: a polícia não pôde fazer nada porque se saísse do posto policial...

LAURA - a polícia foi acionada, alguma coisa assim...

MARA - mas não pôde fazer nada

LAURA - vai... a polícia foi acionada

MARA - disse, mas informou

LAURA - mas informou ...

MARA - que não podia fazer nada. Não podia fazer nada é pau, né? Não podia atender ao chamado

LAURA - já que...

MARA - já que fica estranho.

LAURA - havia o risco do posto policial também ser saqueado

MARA – Cabou-se, né?

LAURA - aí diz que o policial não quis se identificar e a gente podia citar a frase que tu falou, né.

Reconstrução 2

MARA - no primeiro parágrafo Fo a gente não lembra muito. Talvez seja ficar igual ao que era.

LAURA - calma, calma. É... sei lá. Tava tentando ver se eu lembrava

MARA - bota assim: moradores da região metropolitana do recife pra ficar mais, né?

LAURA - é! Diferente

LAURA - bota com suas próprias mãos também?

MARA - saquearam com suas próprias mãos, diversas lojas de eletrodomésticos. Ou diversas lojas? Que teve supermercado também, né?

LAURA - aí vai botar quais foram as lojas de novo?

MARA - ta bom, vou botar as que eu lembro, ta?

LAURA - extrabom, supermercado Todo dia, Eletrolaser.

MARA - era laser eletro

LAURA - eita...Laser eletro.

MARA - Bompreço do Arruda, entre outras

LAURA - eu lembro que esse parágrafo acabava com o nome das lojas

MARA - era

LAURA - e eu lembro que tinha muita informação, por exemplo. Uma informaçã, ponto. Uma informação, ponto.

MARA - Eram umas frases soltas.

LAURA - era bem informativo, assim, bem bombardeante... mas eu não lembro... é, acho que basicamente isso, né, B4?Eu não lembro muito bem assim parágrafo.

MARA - Vamo tentar agora escrever bem direitinho o roubo de Afogados.

LAURA - é, de Afogados, vai. Na estrada dos Remédios.... aí homens armados, né?

MARA - Eletroshopping

LAURA - sim, Eletroshopping. Foi saqueada ou roubada?roubada, né? Tiraram as câmeras também, vamos lembrar disso também, que a gente comentou e não botou no outro...

MARA - A ação se deu dessa forma, dois pontos, aí a gente vai descrevendo.

LAURA - Ah, legal!

MARA - se deu dessa forma, ou assim? Dois pontos.

LAURA - melhor desse modo, dessa forma.

MARA - eram quantos homens?

LAURA - lembro não! Nem adianta. Eu não sei nem se tinha

MARA - como é a história do carro?

LAURA - sim, a história do carro é que eles ficavam esperando perto, nesse Chevrolet... num carro vermelho que eu não lembro mesmo se era Chevrolet mesmo.

MARA -uma parte do grupo entrava

LAURA - como se fosse isso, assim. Eles tiraram a câmera de segurança da loja, saquearam a vitrine. Eu lembro que tinha alguma coisa que deixava pertences da corporação. Eu lembro que era alguma coisa do tipo assim.(...) saquearam as vitrines

MARA - roubaram as câmeras que estavam filmando.

LAURA - foi? E teve isso também?

MARA - teve. Ou não?

LAURA - teve não, Mara, era só a câmera a polícia. Eu lembro que era a câmera, meio que de patrulha, sabe? Como se fosse da patrulha, assim. Uma câmera que foi instalada justamente com o intuito de segurança

MARA - tipo um circuito interno de segurança

LAURA - eu lembro que só deixavam os utensílios da corporação

MARA - enquanto...estava esperando lá fora

LAURA - Mas quem saqueou?

MARA - uma parte do grupo.

LAURA - uma parte. Então tem que ser no singular mesmo.

MARA - enquanto...

LAURA - não... mas tem a coisa dos utensílios da corporação

MARA - a gente não lembra disso direito.Que utensílios de que corporação? Isso é do outro parágrafo.

LAURA - é, é, enquanto os outros

MARA - os outros ladrões. Vou botar ladrões. Não...

LAURA - é, é, é... não... é, é... meliantes

MARA - meliantes. Não. Enquanto os outros participantes esperava

LAURA - sim, esperavam num carro vermelho. Chevrolet

MARA - em um Chevrolet vermelho. Ele fala! Tenho quase certeza!

LAURA - pronto!

MARA - Chevrolet vermelho

LAURA - o homem sem camisa! [duas batidas na mesa]

MARA - que homem sem camisa?

LAURA - e eu sei...

MARA - era o motorista do Chevrolet.

LAURA - era não. Era como se fosse um morador. E os moradores não saquearam também?

MARA - os moradores do bairro. Após a saída dos ladrões

LAURA - gargalhada. Lembra da gargalhada.

MARA - gargalharam e saquearam a loja (risos). Saquearam a loja. Também saquearam a loja

MARA - os moradores do bairro também saquearam a loja

LAURA - enquanto gargalhavam da situação. Pronto isso.pelo que a gente lembre é, né...

MARA - ta e depois?

LAURA - aí o último parágrafo a gente não lembra de nada, só lembra o final. Calma, deixa eu ver se eu vou lembrar. Eu acho que não era nesse parágrafo que tinha não sei o que da corporação. Mas vai botar o que? Que eu não lembro direito. Tem um parágrafo que a gente ta esquecendo. Que o texto tinha uns quatro parágrafos, ta ligada?Bota aquele lance da polícia de novo. A polícia foi requisitada, não sei. Acionada, requisitada.

MARA -Entretanto, não pode atender o chamado. E alegou que o posto policial

LAURA - a gente devia ter botado o depoimento do cabra, né?

MARA - a gente bota... policial disse, ele disse: se nós, se nós saíssemos...

LAURA - não quis ser identificado. Sim mas vá.

MARA - caso o policial abandonasse...diz um sinônimo para policia.

LAURA - militares

MARA - a polícia foi acionada, entretanto não pode atender o chamado e alegou, mas deu pra entender, amor. Calma.

MARA - ficou meio sem sentido, não foi?

LAURA - mas tudo bem, dá pra entender, querida.

MARA - e alegou que o posto policial poderia ser saqueado. Boto o depoimento? Porque tipo a gente não lembra da frase.

LAURA - não, ta bom.

MARA - acabamos.

APÊNDICE F – Transcrição do diálogo da dupla 02

Reconstrução 1

ELAINE - não lembro do começo não, da frase

LUCAS - não lembra? Fala dos eventos desagradáveis que aconteceu em relação aos saques na cidade de Abreu e Lima e ...

ELAINE - Crianças, idosos...

LUCAS - crianças, idosos, adolescentes... o que pode ver ali também é o aproveitamento, né? De muitos ...de muitos saqueadores, entre eles... né que... entre esses adolescentes, crianças e idosos, com certeza tinha ali é... criminosos que aproveitaram da greve

ELAINE - mas já é a segunda parte do texto

LUCAS - não, mas na primeira não já fala dos saques? Que aconteceu na eletroshopping aonde um, aonde... pessoas foram assaltadas. Era sete e meia da manhã quando alguns homens ...

ELAINE - vê só... crianças, adolescentes, idosos disputavam pra ver quem ia levar mais. É isso?

LUCAS - Não era bem uma disputa...é...

ELAINE - levavam nas mãos, né?

LUCAS - é. Eles carregavam nas mãos aquilo que eles podiam, né? Era geladeira, era TV, era computador. O que eles conseguiam pegar, eles levavam. Daí tem o,o ... tem o nome da rua. Esqueci o nome da rua [risadas]

ELAINE - no comecinho?

LUCAS - é... que fala que os saqueadores foram antes , 7h30 da manhã, assaltaram o , a loja, levaram tudo o que tava na vitrine e ainda levaram os pertences..

ELAINE - da eletroshopping?

LUCAS - Da eletroshopping... e ainda levaram os pertencer dos trabalhadores e no final da tarde vieram buscar o restante [risos] o restante dos materiais que tinha restado, né?

ELAINE - São três cidades. A do meio é paulista

LUCAS - é paulista, Abreu e lima e tem a

ELAINE - ele fala de boa viagem também

LUCAS - tem arruda. Boa Viagem é o ... o Bompreço o...[ai meu Deus] extrabom. Bompreço, extrabom

ELAINE - insinuante

LUCAS - insinuante já fica em Abreu e lima. Insinuante, Elektra e...

ELAINE - todo dia...

LUCAS - eletroshopping já fica em Abreu e Lima

ELAINE - o todo dia vai pra onde?

LUCAS - o todo dia também ta em Abreu e Lima

ELAINE - todo dia ta em Abreu e lima?

LUCAS - ta em Abreu e lima. O de Boa Viagem foi o Bompreço, o extrabom e o outro eu já não recordo mais

ELAINE - sim, mas 7h30, quem foi que assaltou

LUCAS - alguns rapazes foram

ELAINE - dois rapazes... na moto?

LUCAS - não. Lês foram saquear e uma Montana vermelha estava esperando eles

ELAINE - hun rummm..isso!

LUCAS - né, com os produtos.

ELAINE - então foram dois? Dois entraram para saquear e a Montana vermelha ficava pra esperar. E depois deles veio um grupo [fala forte] que já saía do Elektra e a polícia disparou tiro pra cima, aí o grupo se dispersou do Elektra para o Eletroshopping [risos]

LUCAS - [risos] isso aí é em Abreu e Lima?

ELAINE -Em Recife

LUCAS - é, foi em recife.

ELAINE - mas não foi no Arruda não?

LUCAS - não... não...

ELAINE - AFOGADOS! Eletroshopping, não é isso?

LUCAS - Eletroshopping. Levaram tudo o que estava na vitrine.

ELAINE - foram jovens, é?

LUCAS - e daí, no final da tarde, voltaram para levar o restante dos produtos que estava na loja

ELAINE - tudo o que estava na vitrine

LUCAS - e no final da tarde, voltaram para buscar o que restava na loja e queriam levar até a câmara fotográfica de quem tava fazendo a reportagem

ELAINE - mas aí já é o grupo, não? Que eu lembro em Abreu e Lima

LUCAS - não foi nesse ato aí não?

ELAINE - na não, não foi nesse agora não.

LUCAS - acho que foi nesse fato.

ELAINE - Essa, esse agora é que entra a Montana, é?

LUCAS - é a Montana vermelha

ELAINE - tem outro carro também, não tem?

LUCAS - uma Kombi. Que recolhia tudo...

ELAINE - então foram dois grupos. Esse com a Montana e a Kombi. Esse outro foi um grupo maior, não foi?Da Kombi?

LUCAS - um grupo grande. E...quem fez essa cobertura dói o Diário de Pernambuco, né? O Diário de Pernambuco era quem tava fazendo essa...foi quem fez essa reportagem, né? Sobre esses saques. Daí em Abreu e Lima...

ELAINE - foi aqui que os funcionários foram assaltados?

LUCAS - isso! (...) nesse caso os saqueadores...(eu não sei se é nessa parte) que eles saem rindo, né? Os materiais, os produtos nas costas...Não. isso aí já é em Abreu e Lima. Eles saem rindo na estrada do arraial (risos) (tem estrada do Arraial?)

ELAINE - Estrada do arraial?

LUCAS - não sei que é uma...rua... em um lugar que fala da... que eels saiam com os produtos nas costas, rindo.

ELAINE - mas foi em Abreu e Lima

LUCAS - mas de certa forma, era zombando, né? Do... do caso em si

ELAINE - anram . [escreve]esse segundo grupo tinha ajuda de uma kombi onde colocavam o que?

LUCAS - onde colocavam os produtos saqueados

ELAINE - é que em cima eu já coloquei os materiais saqueados (risos)

LUCAS - onde colocavam tudo o que conseguiam saquear, né? Porque daí eles já tinham mais opções d lojas. Foram pra o Elektra, mas os seguranças estavam armados, deram um tiro para cima, não conseguiram saquear a loja do Elektra

ELAINE - esse é em afogados ainda?

LUCAS - esse é em afogados

ELAINE - o do... do grupo? Que sai do Elektra ?

LUCAS - já é em Abreu e Lima.

ELAINE - então... eu ainda to em Afogados. Afogados foi esse Montana vermelho e a Kombi. Certo? No final a gente fala que foi o Diário. Em Abreu e Lima...

LUCAS - Em Abreu e Lima grupos tentavam saquear a loja Elektra, como os seguranças estavam armados, deram um tiro pra cima...

ELAINE - Acho que não tentaram não, saquearam mesmo

LUCAS - mas no Elektra eles não conseguiram saquear.

ELAINE - não conseguiram?

LUCAS - não conseguiram por conta dos seguranças. Porque os seguranças atiraram pra cima, conseguiram dispersar o grupo que tava tentando arrombar a loja. Daí foi quando eles chegaram até a Eletroshopping, conseguiram. A eletroshopping, a Insinuante e o Todo dia. O supermercado todo dia. Eu lembro dessa reportagem. Foi o auge de tudo. É onde eles tantaram pegar o MÁXIMO de produtos possíveis. Isso era criança, era idoso era homem, mulher.]

ELAINE - ó, eu botei assim: o que dispersou o grupo era nas lojas eletroshopping, insinuante e todo dia

LUCAS - aonde conseguiram levar o que podia, geladeira, fogão, televisão, aparelho de som

ELAINE - a Br 101 ela fala?

LUCAS - a BR 101 passa no meio de Abreu e Lima.

ELAINE - Já na BR 101 dá pra ver os vidros estilhaçados, é isso?

LUCAS - na verdade as lojas ficam na BR 101, que corta Abreu e Lima. na verdade também, de certa forma é... facilitou, né? Os saques

ELAINE - a gente nem falou de Boa Viagem. É porque é por cima, mas deixa pra lá. Aí agora é em Afogados.

LUCAS - De novo?

ELAINE - em cima é Afogados, é? (risos) Abreu? São três cidades... e Paulista

LUCAS - Paulista

ELAINE - Paulista foram 100 cidades e Abreu e Lima 60?

LUCAS - Não. Abreu e Lima foi mais. Paulista foram 60 lojas saqueadas

ELAINE - então Abreu e Lima foi 100. Sim agora e Paulista, né?

LUCAS - Paulista... fora em média 60 lojas saqueadas

ELAINE - sim...?

LUCAS - e em Boa Viagem... pode colocar Boa Viagem agora aí, né? Já em Boa Viagem foram os hipermercados Bompreço, o extrabom e o outro ... ai meu deus eu não lembro... só lembro do Bompreço, do extrabom ...

ELAINE - vou botar Bompreço e extrabom

LUCAS - é porque o outro eu não lembro não, não recordo não

ELAINE - no final do texto é que cidade?

LUCAS - acho que é Paulista. Encerra com Paulista se não me engano

ELAINE - afogados é em cima, né? Em paulista, os comerciantes tavam com medo não foi?

LUCAS - hum rum

ELAINE - teve assalto, teve mais assalto

LUCAS - teve

ELAINE – [escreve]

LUCAS [lê]

ELAINE - foi em Paulista que tentaram levar a câmera do repórter? Foi em paulista? Abreu e Lima

LUCAS - em Abreu e lima fazia até medo você passar na frente que eles carregavam até você (risos). Eu lembro rapaz, que em Abreu e Lima teve muita coisa, o pessoal carregando as coisas no meio das costas, no meio da chuva, não tinha medo de ninguém

ELAINE - teve até aquele menino que levou a cpu e o povo tirou foto

LUCAS - foi o povo carregando geladeira nas costas e jogava na mala dos carros os eletros.

ELAINE [escreve]

ELAINE - esse fotógrafo não era da equipe do diário não, era?

LUCAS - não... não enfatizava isso não. Só falava que era um fotógrafo que... eles queriam até saquear a câmera.

ELAINE - a polícia ficava...

LUCAS - na verdade isso ocorreu por conta da greve da polícia, né? Porque não tinha polícia na rua

ELAINE - e a polícia ficava só no pavilhão deles, né? É pavilhão mesmo o nome daquilo?

LUCAS - ficava no...

ELAINE - isso foi aonde, em Paulista, né?

LUCAS - onde eles guardavam apenas o patrimônio, faziam segurança apenas do patrimônio local.

ELAINE - um dos policiais disse que se eles saíssem, levariam as armas deles.

LUCAS - isso mesmo. Se eles saíssem do local, eles iam lá saquear as armas (...) aí todos esses casos aqui foram gerados devido à paralisação da polícia, a greve da polícia, comprometendo, assim a segurança da população.

ELAINE - comprometer o que?

LUCAS - a segurança da população

ELAINE - e todos esses fatos narrados foram registrados pelo diário de Pernambuco. Foi Diário, não foi?

LUCAS - pronto

Reconstrução 2

ELAINE - Tá dizendo que a greve de policiais gerou uma onda de saques

LUCAS - foi no estado de Pernambuco que isso aconteceu

EELAINE= escreve (no estado de Pernambuco)

LUCAS - com mais ênfase na capital, Recife, mas também na Zona Metropolitana

ELAINE - ai eu vou botar aquela frasezinha que eu botei “crianças, jovens...”

LUCAS - Na região metropolitana onde crianças, jovens

ELAINE - tentavam...

LUCAS - participavam do ato

LUCAS - aí na Cidade do Recife foram saqueadas

ELAINE - peai, visse? [Escreve]=tentando levar

LUCAS - Aí no caso, no bairro de Boa Viagem foram saqueados o Hiper Bompreço e o Extra bom

ELAINE - Hiper Bompreço ou Bompreço? Da outra vez a gente botou Bompreço

LUCAS - é tudo a mesma coisa Hiperbompreço e Bompreço

ELAINE - é não !!

LUCAS - Só que inicia com o Hiper

ELAINE - não... é porque até a estrutura da loja é diferente. E extrabom, foi?

LUCAS - Extra bom.

ELAINE - [Lê] No bairro de Boa Viagem foram saqueados os hipermercados Bompreço e Extrabom

LUCAS - é. Já no bairro de Afogados, a ...

ELAINE - Elektra?

LUCAS - não. A eletroshopping sofreu um assalto às 7h30 da manhã onde foi levado todos os produtos da vitrine e pertences dos funcionários.

ELAINE - foi esse que foi com a ajuda da Montana?

LUCAS - é. Aí... não contente, voltaram no final da tarde para levar o restante dos produtos que restavam na loja. O restante dos produtos, que contou com o apoio de uma Montana vermelha que aguardava um quarteirão após a loja

ELAINE - aí o tempo eu não sei não.

LUCAS - Ou no mesmo quarteirão (risos). Eu me lembro que foi um quarteirão.

ELAINE - e a Kombi?

LUCAS - a Kombi já foi em Abreu e Lima

ELAINE - não, mas...(risos) A Montana foi primeiro e depois foi a Kombi. Tudo no mesmo lugar. Porque a Montana foram duas pessoas que saquearam e depois um grupo que tentou saquear com ajuda dessa Kombi.

LUCAS - tem certeza?

ELAINE - eu nunca tenho certeza daqui.

LUCAS - mas isso no caso de Afogados. Eu penso que a Kombi já foi em Abreu e Lima.

ELAINE - não... eu não acho não. Porque até foi assim, ó, num trequinho. Aqui era a Montana, pulava uma linha mais ou menos e já começava com a Kombi. Foi no mesmo local, só não sei se foi ...

LUCAS - o mesmo ato.

ELAINE - tu tem certeza que a Montana foi em Afogados? (risos)

LUCAS - Eu, eu penso que sim. Eu penso que sim. A Montana foi em Afogados

ELAINE - a Kombi também foi. Porque em Abreu e Lima foi aquele fusuê das pessoas correndo.

LUCAS - Isso mesmo. Isso mesmo. Isso mesmo. Onde outro grupo aguardava

ELAINE - peraí que tá o restante que restava

LUCAS - o restante que restava

ELAINE [Escreve] - os outros produtos que estavam...

ELAINE - vou botar aqui: nessa ocasião, foram dois saqueadores

LUCAS -Dois grupos

ELAINE - não... foram duas pessoas mesmo. Da Montana

LUCAS - Sim, sim, sim, sim

LUCAS - da Montana não foi quatro, não? Onde dois saqueavam e dois aguardavam?

ELAINE - eu não vi isso não (risos) eu só sei que quem aguardava era a Montana, mas se tinham duas pessoas nela não sei não.

ELAINE [escreve] – um grupo maior... e uma Kombi.

ELAINE - pronto. Já vou pra Abreu e Lima, viu?

ELAINE - Em Abreu e Lima

LUCAS - foi onde houve o maior índice de saques. Onde mais de 100 lojas foram saqueadas.

ELAINE - Já na Br 101, já no início... é no início ali?

LUCAS - Não. Ali né início não

ELAINE - na BR 101...

LUCAS - ela é cortada pela BR 101, sei lá. Porque “já na BR101” dá a entender que são lugares distintos, entendeu? Em Abreu e Lima aconteceu o maior índice de saques, onde 100 lojas foram saqueadas. Certo?

ELAINE - hum rum. O “já” que eu quero dizer é desde. entendeu? Desde a BR101 já dava pra entender o que tava acontecendo dentro da cidade. Então vou tirar esse Já porque pode ser mal interpretado.

LUCAS - ...mais de 100 lojas foram saqueadas, onde a que mais sofreu foi a Eletroshopping, insinuantes e o supermercado todo dia Já a Elektra não sofreu tanto, devido aos seguranças.

ELAINE - a Elektra não é em Abreu e Lima não!

LUCAS - A Elektra é em Abreu e Lima que foi devido eles não terem conseguido saqueá-la, correram para outra, entendeu?

ELAINE - antes disso eu quero falar que tentaram roubar do fotógrafo. Foi lá ou foi em Paulista?

LUCAS - Foi em Abreu e Lima

ELAINE - Ainda tem Paulista, ta vendo?

LUCAS - no caso a Eletroshopping

ELAINE - a Elektra foi em Paulista

LUCAS - tem certeza?

ELAINE - porque Elektra e Eletroshopping era em um local. Cada uma tinha seu grupinho, assim quando falava . e a gente esceveu como se tivesse sido em Paulista

ELAINE [lê]- em Abreu e Lima...

ELAINE - os vândalos , né, como eles dizem (acho terrível esse nome) não tinham distinção de idade , né?

LUCAS - de sexo

ELAINE - o texto falava que eles saiam rindo? Ou foi tu que falou?

LUCAS - não, no texto tinha. Tinha uma parte que eles saiam rindo com os produtos nas costas

A2[escreve] =carregavam os objetos que podiam e saiam sorrindo, como que debochando da situação... até mesmo a câmera

LUCAS - do fotógrafo que fazia a cobertura, foi alvo de saques

ELAINE - tentou, não?

LUCAS - é, tentou.

ELAINE [lê]- até mesmo a câmera do fotógrafo que registrava o momento foi ...

LUCAS - foi alvo de saque

ELAINE - de tentativa de saque. Não é a mesma coisa

ELAINE - pronto, agora em Paulista. Foram 60 em paulista?

LUCAS - Foram em média 60 lojas saqueadas

ELAINE - Eletroshipping e Elektra.

LUCAS - na verdade aí o alvo foi a eletroshopping, em todo lugar a bichinha sofria. Aí no caso da Elektra eles não conseguiram saquear devido aos seguranças da loja que estavam armados e atiraram pra cima. Foi quando eles se dispersaram. Nesse caso tem os policiais, né? Que mesmo em greve, montavam guarda no, no...

ELAINE - foi em Paulista isso?

LUCAS - foi.

LUCAS - ...montavam guarda na delegacia.

ELAINE - [escreve]

LUCAS - no caso aí pra não... pra que eles não fossem...

ELAINE - eu coloquei assim: policiais presenciavam a cena, mas permaneciam em seu pavilhão guardando seu próprio patrimônio. Um dos policiais que não quis se identificar disse que se eles saíssem do local, levariam suas armas.

ELAINE - escrevi levararei (risos)

APÊNDICE G – Transcrição dos diálogos da dupla 03

Reconstrução 1

EMILY - Vamos lá. O que você recorda desta matéria?

KARLA - Hummm. Me chamou atenção quando em Abreu e lima. A matéria relata que foram cerca de 100 lojas e em paulista 60. Foram dados. A matéria só mostra realmente quantidade desses dois lugares. Creio que os lugares em evidência. Fala que houve saques em outros locais, na região metropolitana, MS está em destaque Paulista e Abreu e Lima

EMILY - eu só consegui escrever até lojas (risos). Mas ta sendo gravado, né? Então o que me chamou bastante atenção é que eram pessoas comuns, né? Não eram pessoas assim, que já praticavam assaltos. A matéria relata bem que. É... mulheres, adultos, adolescentes e crianças , então eram donas de casas, talvez, com suas crianças que aproveitara Emily -se do momento e que talvez faltaria alguma coisa dentro de casa. “Então vamos pegar lá porque ta todo mundo pegando, então vamo pegar também” . eu recordo que até foi passado numa matéria depois que teve uma pessoa que foi lá devolver, né? Então essa matéria relata isso. Que eram pessoas talvez donas de casa, então isso me chamou bastante atenção. E o fato de ter sido assim, roubos constantes, né? Porque uma loja foi assaltada pela manhã. No outro dia já foral lá e terminaram de levar.

P foi à tarde

EMILY - ... foi à tarde. E ainda diz que foram terminar de pegar o restante das coisas que tinham ficado na loja.

Pesq.: o ideal dessa pesquisa é que vocês realmente tentem passar o que vocês leram para o papel. De maneira que seja reconstruído o texto. Da maneira que vocês lembrarem. A partir da conversa de vocês

KARLA - então a gente começa com o que você citou.

EMILY - o que foi que eu disse?

KARLA - você falou que o que chamou atenção foi que realmente quem fez a maioria dos roubos não eram pessoas envolvidas neste mundo de crimes, mas crianças , jovens, adolescentes e donas de casa. Que detalhe. Levavam tudo com as próprias mãos. A matéria relata um caso de geladeira. Eu fiquei pensando: gente! Como foi essa cena, pelo amor de Deus?

[EMILY escrevia]

EMILY - donas de casas e crianças: que levavam os objetos com as próprias mãos

KARLA -... houve um caso de uma loja que foi saqueada pela manhã e à tarde... os criminosos voltaram à mesma loja... para levar... o que ficou do assalto. Há também um caso... em que os criminosos...quiseram...levar até mesmo...a câmera do repórter que registrava.

EMILY - a cena...

KARLA - isso! E o que mais?

EMILY - não pode ler denovo, né?

EMILY - Ah mas isso é no final. Das polícias. Até os policiais tiveram medo, senão eles iam assaltar as armas.

KARLA - Houve uma situação... que eles tentaram...

EMILY - ta. Eu vou escrever

KARLA -.. atirar para cima, para ver se conseguiam controlar a situação, mas sem sucesso. Eles não conseguiram

EMILY - não eram policiais não... eram... seguranças.

EMILY - invadissem a loja... foi a Elektra...

KARLA - hum?

EMILY - foi a loja Elektra.

KARLA - acho que foi.

EMILY - aí quando eles atiraram, foram para a Eletroshopping, mas não tinha segurança, então... Agora só tou lembrando do fim.

KARLA - qual que é o fim?

EMILY - que os policiais disse que não iam sair da guarita senão iam roubar as armas. A gente já pode pular pro fim? Vou pular.

KARLA - pule, mulher...Eita, sabe o que eu lembrei? Em algumas dessas lojas havia carros próximo, já esperando os objetos que els estavam furtando como uma Montana e uma Kombi.acho que era uma Montana vermelha. Póximo à alguns pontos... aconteceram saques. Havia carro para melhor transportar os objetos furtados, tais como... uma Montana vermelha próxima da loja da wolsvagem... eu acho, não me lembro bem.

EMILY - perto da loja do que? Acho que era Chevrolet, nera?

KARLA - mulher, eu só lembro que era uma loja de carro. E a mesma situação, próximo tinha uma Kombi. A gente fala que era próximo.E aí? Mais alguma coisa? Algum detalhe? O que aconteceu na BR 101?

EMILY - foi alguma loja que foi saqueada, que as portas estavam todas quebradas.

KARLA - exatamente! Pois coloque aí...os vidros estavam todos quebrados ...que era próximo à Abreu e lima. Que dava acesso .

EMILY - que o que? Que ligava Recife Abreu e Lima. Tinha uma loja...?que estava com as portas quebradas ou eram vidros?

KARLA - vidros e portas. O Hiper Bompreço de Boa Viagem

EMILY - e o Extra Bom

KARLA - Não tinha Hiper Bompreço?

EMILY - Em Boa viagem

KARLA - Em boa Viagem, que é um bairro nobre, que não era pra ter acontecido isso...

EMILY - não tem isso no texto não.

KARLA - é... eu sei que não tem...é uma observação particular... acho que o Extra do Arruda. Era o Extra? Acho que era.

EMILY - acabou?

KARLA - Pensa aí, mulher!

EMILY - Acho que a gente já botou a matéria todinha aqui. De uma forma desordenada, né?
[risos]

KARLA - Acabou? Tem certeza?

EMILY - O extra do arruda, mas eu acho que não era não o Extra do arruda. Mas vai ficar sendo. Depois a gente olha. Fim?

KARLA - é, é...

Reconstrução 2

EMILY - a gente começou falando ...

KARLA - Das 100 lojas e 60 lojas.

EMILY - eu acho que eu nem coloquei essas 60... Vamos lá

KARLA - foram saqueadas...

EMILY - em primavera 60, não era?

KARLA - aonde?

EMILY - em primavera. Não era primavera?

KARLA - Paulista, criatura!

EMILY - tinha alguma coisa de primavera...

KARLA - quando você fala das pessoas que carregaram as coisas... tipo... nessa fala que eram donas de casa, adolescentes, crianças, pessoas que realmente não eram envolvidas nesse tipo de coisa

[EMILY escreve]

KARLA - Adolescentes e crianças. Na verdade você tinha colocado primeiro crianças no outro.

EMILY - ah, deixa pra lá. Ah, eu não vou colocar na sequencia de lá não, que eu nem lembro.

KARLA - aí a gente falou que tudo isso eles levaram com as próprias mãos...inclusive...

EMILY - nossa tenho uma memória terrível.

Emily - escreve.

EMILY - geladeira

KARLA - e aí?

KARLA - não sei se foi agora, mas a gente relatou o caso daquela loja que foi assaltada duas vezes.

EMILY - foi no mesmo dia?

KARLA - pela manhã e à tarde quando eles voltaram pra levar as coisas que tinham ficado no primeiro assalto.

EMILY - olha! Lembrei de coisa que a gente não tinha lembrado. Quela manhã eles levaram tudo que estava na vitrine e os pertences dos funcionários e à tarde voltaram pra levar o que tinha sobrado.

KARLA - tinha lembrado, só não tinha colocado a parte da vitrine e para conseguir encaixar. Foi na hora que você quis terminar.

EMILY - dizia Também que esses furtos foram tidos como assaltos e arrastões. Alguma coisa assim. Vou colocar isso. Aí vou pular logo para a BR=101.

Emily - escreve

EMILY - acho que no silêncio eu consigo lembrar de mais coisas.(risos) em Recife.

KARLA - a gente falou da Montana, que os assaltantes pegaram os objetos e tinham a Montana para dar suporte. Vermelha. Não esqueço da cor da Montana (risos)... em um lugar próximo, os repórteres encontraram a mesma situação, sendo que era uma Kombi.

Emily - escreve

KARLA - que mais?

EMILY - oxe, já escrevemos bastante. Lembrei da câmera. Do homem sem camisa que tentou levar a câmera.

KARLA - Falou sobre Boa Viagem?

EMILY - Em Recife...no bairro de Boa Viagem, houve saques no Bompreço e Extrabom

KARLA - Não... extrabom já foi em outro canto.

EMILY - esse foi só extra.

KARLA - foi onde mesmo? Em qual bairro?

EMILY - Arruda. Eu tava com Ibura na cabeça.

KARLA - São realmente bem próximos. E acabou aí, não foi?

EMILY - Acho que sim.

EMILY - Não...a gente pode colocar dos policiais.Era militares... eu coloquei militantes(risos)

KARLA - acabamos, né?

APÊNDICE H – Transcrição do diálogo da dupla 04

Reconstrução 1

CARMEM - teve muito repórter lá filmando e as pessoas não se intimidavam, não era? Botava nas costas e saía levando. Já tinha gente esperando lá fora, quando eles levavam as coisas. Pronto. Aí foi em Abreu e Lima

PALOMA - no município de Paulista

CARMEM - pronto aí teve um saque no Carrefour, no Hiper da Caxangá e no Extra. Apesar de que eu não lembro disso não. Acho que nesse tempo eu não vi jornal, né? Passei batido. Aí o que você falou de Abreu e Lima ta bom, que tinha gente que tava próxima pra levar os objetos. Sim, mas no rádio também a televisão falou, a imprensa falou que eles pediram pra que devolvessem os objetos. Não foi? Pra que devolvessem os objetos. Uns devolveram outros não. Seria bom a agente colocar isso?

PALOMA - sim, mas eu quero saber como é que eu vou colocar isso, né?

CARMEM - a imprensa e a polícia em si pediram pra que o povo de Abreu e Lima devolvesse os objetos e isso realmente passou na televisão, que a gente viu, né?

PALOMA - Ms isso daí já foi no final... isso aí já foi no final do acontecido que... antes disso tem muita coisa pra ser colocada, né?

CARMEM - Então a gente não fala mais de Abreu e Lima. Fala do ataque que teve no extra. Essa greve da polícia fez muito estrago aqui em Pernambuco. Que teve ataque não só em Abreu e Lima, como também... como é? O nome do lugar?

Paulista? Paulista é Abreu e Lima. Teve no...

PALOMA - Arruda!

CARMEM - Arruda! Ó ta vendo? Que a memória dela é melhor do que a minha. Teve no extra da Benfica e no Extra de Boa Viagem, não foi?

PALOMA - eu lembro do Arruda só...

CARMEM, mas teve o de Boa Viagem. Falou em Boa Viagem

PALOMA -Teve Extra, teve Carrefour...

CARMEM - e o Extrabom

PALOMA - Bompreço

CARMEM - foi... foi com essa greve da polícia teve não só o ataque de Abreu e Lima, mas também teve é... como é o nome?

PALOMA - aqui em Recife, né? O Arruda é aqui em Recife

CARMEM - não só a greve, que teve também essas... Pronto, nesse trecho aí teve um homem de camisa vermelha, que levou a máquina fotográfica, que tava sendo filmado, não foi? Ele não se intimidou com.. que tava sendo filmado. Tenta lembrar mais coisa também... tô puxando aqui, puxando.

PALOMA - botei assim, ó: essa greve dos policiais civis não só afetou o município de Paulista, mas Pernambuco inteiro.

CARMEM - aí bota assim, aí teve também os ataques do Hiper, do Extra.

PALOMA - A gente tem que botar onde foi o supermercado, né?

CARMEM - o Extra foi da Boa Vista, o Carrefour de Boa Viagem, não foi? Que eu li.

PALOMA - O hiperbompreço foi de onde, do Arruda?

CARMEM - foi Arruda, não tem o hiper Ali no Arruda

PALOMA - sei não se eu conheço esse Hiper.

CARMEM - foi do Arruda ali perto do Nautico. Foi do Arruda. Aí teve no Carrefour...

PALOMA - O Carrefour foi de onde?

CARMEM - Boa Viagem. Eu vi boa viagem no papel. Uma hora os jornalistas tava fazendo entrevista, tinha um homem de camisa vermelha, não intimidou com a reportagem e levou a máquina. Tinha assim no papel, não tinha?

PALOMA - eu botei assim: nem a reportagem escapou desse ataque. Aí boto que mais?

CARMEM - nem a reportagem escapou de ser assaltado.

PALOMA - sim, sim. Que até eles foram roubados, né?

CARMEM - tu te lembra de mais coisa daí pra baixo? Tem mais coisa que a gente leu

PALOMA - ah, mas eu não to lembrando não

CARMEM - a gente leu duas vezes... deixa eu ver se sai mais coisa. Sim, que tem assim... foi crianças e adul...mas isso aí já é no começo...foi crianças e velhos.

PALOMA - mas o que a gente botou no começo, bote botar no final, pode misturar, o importante é falar. Então...

CARMEM - mas no final ali falava de criança, outro fato que aconteceu, só que eu não to lembrada. Tá lembrando o que aconteceu?

PALOMA - to não

CARMEM - mas teve mais coisa que aconteceu... e se a gente colocar assim: até as crianças e os idosos participaram a greve. Ao todo foi um tumulto, né, pra todo mundo. Ou ta bom? Ta lembrando de mais coisa? Se torcer, torcer será que sai mais alguma coisa? É... aqui tu não colocou que as crianças e os idosos participaram da greve...dos arrastões? É mais fácil a gente lembrar assim do que aconteceu do que está escrito. Agora quando a gente vem puxando do que aconteceu, eu lembro que eu faltei foi aula porque teve muito arrastão no Derby, muito policial, aí o professor pedia pra gente não ir. Tanto é que eu repeti o intermediário em Libra porque a carga=horária a gente não conseguiu todas, aí a gente teve que parar. Aí teve muito arrastão, os ônibus, a gente tudo com medo de pegar ônibus e as escolas ficavam com medo que os alunos fossem pra sala de aula.

PALOMA -to lembrando mais não.

CARMEM - foi um ano perdido. Porque depois desse ataque, dessa greve teve as eleições.

Teve a morte daquele deputado.. e com tudo agora tem tumulto na cidade, tem passeata... ó, tá escrevendo aí, ta saindo coisa!

PALOMA - participaram desse arrastão, crianças idosos, donas de casa. Eles brigavam entre si. Eram carros esperando para ser abastecido com as mercadorias saqueadas

CARMEM - agora era uma vergonha... aquela vergonha pra devolver as coisas, né? Ridículo, né rapaz? Pegar o que não é seu.

PALOMA - mas sinceramente, não to lembrando mais de nada não. Tudo o que eu lembrava eu botei. Foi isso que ...

CARMEM - é...o que veio na mente da gente.

PALOMA - a única coisa que assim... que eu acho que ainda falta falar um pouco aqui é só sobre o devolvimento das mercadorias, somente.

CARMEM - mas não devolveram tudo não e também pararam, não foi? Interessante que depois de tudo isso parou. Ninguém comenta mais. É como uma pizza, a gente come, e pronto. Ninguém fala mais nada... a gente lembra que uns ficaram com vergonha,

devolveram, né? Nem parece que aconteceu e passava no NETv e no jornal das 8. Foi uma vergonha pra Abreu e Lima.

PALOMA - vai, CARMEM, lembra mais aí.

CARMEM - to tentando, visse.

PALOMA - Porque eu mesmo...pra mim, a não ser lembrar da parte que a polícia devolveu.

CARMEM - teve mais coisa, mas eu não to lembrada. Tanto que a gente viu muito na televisão como um lembrando assim... que foi vergonhoso, foi.

PALOMA - mas esse devolvimento foi só depois que terminou a greve, não foi? Desculpa aí, mas, não sai mais não.

Reconstrução 2

PALOMA - a greve

CARMEM - é. A greve

PALOMA - e se a gente colocar diferente?

CARMEM - a gente pode dizer que foi muito feia pra sociedade, essa greve. Que as pessoas ficaram com medo de sair na rua. As mães ficavam com medo de mandar os filhos pra escola
Pesq= talvez se vocês conversarem talvez tenham mais facilidade para lembrar

CARMEM - foi em Abreu e Lima, as lojas que foram saqueadas, que levaram muitos eletrodomésticos. Só... e também assim... mesmo com a polícia em cima... ah, mas não teve polícia não. Ó eu já querendo trocar as bolas.

Foi mais agitado com o saque de moradores a lojas e supermercados. Que eles arrastaram tudo o que viam pela frente. Isso era dona de casa, era criança. A imprensa tava em cima, mas eles não se intimidaram com a imprensa não. A população... tu vai botar o que?

PALOMA - to pensando

CARMEM - a população não se intimidava com a imprensa.

PALOMA - intimi o que?

CARMEM -intimidava com a imprensa. Mesmo assim

PALOMA - a população não se intimidava nem com a imprensa. Até eles foram roubados.

CARMEM - e o saque também foi o dia todo, não foi? De noite... não teve hora não. A gente nem botou isso.

PALOMA - participaram desses saques crianças, idosas, donas de casa a qualquer hora do dia ou noite.

CARMEM - tá bom, né? Também teve que muitas escolas fiaram sem aula por causa dessa greve. A gente deve colocar isso?

PALOMA - até as escolas ficaram sem aula

CARMEM - por medo da greve

PALOMA - por medo da greve

CARMEM - pode falar dos professores, né?

PALOMA - mas aqui já diz tudo. Até as escolas ficaram sem aula por medo da greve

CARMEM -a gente pode botar o nome das lojas

PALOMA - mas não já botou? Ó aqui... lojas supermercados

CARMEM - tu falou aí que o carro ficava esperando?

PALOMA - não, falei no outro

CARMEM - saiu em cadeia nacional. Foi uma vergonha e pouco devolveram. Falta falar isso, né? E foi uma vergonha pro povo pernambucano. Fala que a polícia pediu pra que devolvesse depois que acabou a greve. Aí tu bota que a polícia pediu pra que devolvesse e até hoje não se sabe se foi devolvido ou não. Se não devolvesse a mercadoria, os objetos roubados. Até hoje não se sabe se foi devolvido todos, mas foi uma vergonha pro povo pernambucano.

PALOMA - foi em Pernambuco inteiro, mas o pior de tudo foi lá.

CARMEM - aí foi uma vergonha pro município

PALOMA - para o estado não é melhor não?

CARMEM - paulista é um estado?

PALOMA - não, é um município. O município de Paulista, né, no caso.

CARMEM - é, aí fala só do município de paulista

PALOMA - acabou.